

*Os animais
éramos nós*

Álvaro de Souza Gomes Neto



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

Esse é um romance que aborda as contradições da alma humana, sem querer desvendar nenhum segredo, sem querer propor respostas prontas. Francês é o apelido do personagem principal, que vive em Madri à procura do seu próprio eu. Com um pé no Existencialismo, muito em voga nos anos 50 e 60, o autor cria um ambiente em que se encontram cinco pessoas, vitimadas pela sua própria angústia de pertencer ao mundo confuso dos seres humanos. Amor, ódio, incerteza, amizade e insegurança recheiam o seu dia a dia, regado pela ação do Grupo Separatista ETA, aterrorizando o universo caótico das relações humanas e do viver numa grande cidade. Um viver regado a vinho, tinto, seco, translúcido, lavando interiores e revelando verdades escondidas.

○ EDITOR

Álvaro de Souza Gomes Neto

Os animais éramos nós



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

2014

Álvaro de Souza Gomes Neto

Os animais éramos nós

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2014

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

[Creative Commons Atribuição-Compartilhual 3,0 Nao Adaptada.](#)

Para ver uma cópia desta licença, visite:

creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt—BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, Califórnia, 94041, USA.

Revisado pelo Autor em: 20/08/2014

G633a Gomes Neto, Álvaro de Souza

Os animais éramos nós [recurso eletrônico] / Álvaro de Souza Gomes Neto. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2014.

618 Kb ; PDF.

ISBN 978-85-8326-091-2

Modo de acesso: World Wide Web:
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2. Romance. I. Título.

CDU: 869.0(81)-31

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

Sumário

Capítulo I.....	7
Capítulo II.....	16
Capítulo III.....	17
Capítulo IV.....	23
Capítulo V.....	28
Capítulo VI.....	31
Capítulo VII.....	37
Capítulo VIII.....	46
Capítulo IX.....	47
Capítulo X.....	53
Capítulo XI.....	55
Capítulo XII.....	61
Capítulo XIII.....	71
Capítulo XIV.....	80
Capítulo XV.....	83
Capítulo XVI.....	86
Capítulo XVII.....	92
Capítulo XVIII.....	98
Capítulo XIX.....	101
Capítulo XX.....	105
Capítulo XXI.....	107
Capítulo XXII.....	110
Capítulo XXIII.....	113
Capítulo XXIV.....	115
Capítulo XXV.....	121
Capítulo XXVI.....	123
Capítulo XXVII.....	125
Capítulo XXVIII.....	128
Capítulo XXIX.....	133
Capítulo XXX.....	135

Capítulo I

Madri, julho de 1986...

Nojo. Era o que eu sentia. Não havia uma explicação cabível para tudo aquilo, a não ser aquela falta de sentido e aquele embrulho no estômago, que me revirava as tripas, que me fazia sentir um cadáver em decomposição. Não, não havia sentido. Eles estavam mortos. Todos eles. Um pacote esquecido debaixo de uma mesa. Talvez feito com um papel encardido e sujo, ou disfarçado com uma bela fita vermelha. Na verdade não importava, já que tudo havia voado pelos ares e consumido os corpos que agora jaziam carbonizados, espalhados por todos os cantos daquele maldito bar.

A náusea aumentava à medida que me lembrava de tudo aquilo. Mas como ignorar, se entre aqueles que morreram estava Juan? O meu amigo Juan? O tipo do sujeito que jamais se esquece. Incisivo, sincero, quase ingênuo. Pele mourisca, de um bronzeado penetrante. Juan havia morrido a poucas ruas daquele lugar onde eu estava agora. Pousei os olhos sobre o livro que ele me emprestara na noite anterior. O livro estava mudo, como ele. Era como se tudo ali, naquele quarto, de repente emudecesse, se escondesse nas sombras, se perdesse na escuridão do vazio que ficara.

O atentado na Calle de Hortaleza teria certamente um único responsável: o grupo separatista ETA. Era a segunda bomba que eles haviam deixado pela cidade naqueles últimos meses. Haviam matado mais de cem pessoas nesses dois últimos anos. Da maneira mais covarde possível, se escondendo. Elas explodiam aleatoriamente, como frutos que despencam sem aviso e se esborracham no chão, abertos, chagas pelos lados, deixando escorrer as sementes, como vísceras. Eu não estava mais interessado em descobrir a razão da irracionalidade da destruição. A

liberdade não se conquista derramando o sangue dos justos. O ser humano era um porco, chafurdando no sangue alheio para buscar o seu próprio alimento.

Havia ido parar em Madri na intenção de escrever. Não sabia exatamente que tipo de livro, mas teria de ser um que retratasse as contradições do comportamento. Um testemunho da inconstância. Isso me preocupava: as atitudes, as violências, os amores, as carícias. A questão do desejo me fazia sentir o impulso da descoberta. O tempo passara. Os meses se sucederam, e viver naquela cidade tornara-se um desafio. Um desafio de morte. O que observara e que poderia tomar como apontamentos positivos para o meu trabalho, me revelava que o novelo não tinha pontas, que não existia um princípio, e o primeiro capítulo apenas poderia ser escrito a partir do meu interior. Eu era a primeira página do meu próprio livro. Buscando dentro de mim mesmo as primeiras indagações e descobrindo, aparvalhado, que havia um labirinto, e que eu estava bem no meio dele.

As pessoas morriam. Quando eu saía a andar a esmo, via refletido o pavor nos rostos, a angústia revelada em algum traço perdido. Aquela cidade estava morta de medo. A vida anda de mãos dadas com a morte, mas a esperança de um tempo longo permanece sempre, dentro do mais cético, do mais senil. Morrer assim, de repente, ao sentar num café qualquer, ou andar pela calçada perto de um carro que explode torna a vida insuportável. E o labirinto não tinha fim. As pessoas viviam suas vidas e tratavam de resolver os seus problemas, de repente, não estavam mais lá, e deixavam um vazio no meio daquele dia que começara normal e virara fatídico.

Eu não estava com medo. Uma das explosões eu quase presenciei. Fora na Avenida Alcocer, em plena Praça Dominicana. Ao atravessar o Parque Santamarca pude ouvir o estrondo. Era um carro-bomba. Matara policiais da guarda civil e ferira muitos transeuntes. Os cadáveres espalhados pela calçada. Pedacos de

corpos ainda quentes espalhados pateticamente. Expirados. Acabados. A polícia cercara o lugar com um cordão de isolamento. Confusão generalizada. Gente correndo, gritando, mulheres chorando, rostos retorcidos de pavor e impotência. Quando me vi no meio da multidão tive a impressão de que a morte jamais me atingiria. Que eu não pertencia àquele universo de carne e osso, de fragilidade perante a vontade de gente que nunca vira e que matava pessoas. Sentia braços a me empurrar. Gritos que afirmavam terem visto um homem colocando um pacote debaixo do carro. As descrições eram muitas e variadas. Não me diziam nada. Eu estava vivo. Como vivo estaria se outras viessem, como se o labirinto me protegesse daquela violência mundana, degenerada e comum. Saíra a passo. Descera a Pio XII, passando pelo Parque de Berlin, em direção à casa de Juan. Pensava naquilo, pensava em mim, não sentia nada.

Juan certamente estaria deitado em meio a seus livros, devorando romances épicos, gente que já se fora, que fizera alguma coisa, que fizera com que outros escrevessem sobre elas. A espelunca em que Juan morava era fria e úmida. Cheirava a mofo, com as escadas de madeira gastas pelo tempo; se podia ver no meio dos degraus a madeira apodrecendo. Não sei como conseguia viver naquele lugar, infestado de pulgas e percevejos, recoberto por uma poeira rançosa, que grudava no colarinho. E ele estava sempre resfriado, mesmo em dias quentes. Passava a maior parte do tempo enrolado em um velho cobertor que fora do seu avô. Comia pouco, e sempre em cafés e restaurantes de segunda categoria.

Subi os degraus que rangiam a cada passo, passando por uns seres estranhos que desciam apressadamente as escadas. Um deles me olhou meio de lado, tinha os olhos opacos, como os de um drogado. Nesses décimos de segundos meus pensamentos voaram, imaginando que poderiam ser eles os mesmos indivíduos que acabaram de matar aquele monte de guardas. Seriam terroristas, ou apenas uns coitados perdidos, tentando sobreviver nesse caos?

Respostas que nunca teria, certamente. Bati na porta com os nós dos dedos, já que a campainha estava sempre estragada. Sorri, pensando que aquela droga nunca havia funcionado um dia sequer. Juan abriu. Estava envolto no velho cobertor, como um caramujo e sua carapaça. Talvez fosse uma maneira só dele de se proteger. Fez uma careta amigável, virou as costas e deixou que eu mesmo fechasse a porta. Falei, torcendo o nariz:

- Acabo de chegar de um cemitério ao ar livre. Explodiram outra bomba, uma meia dúzia de mortos e outros tantos feridos. Foi bem no centro, não pegaram ninguém e ninguém viu nada, como sempre. Nunca vi tanta insegurança e indecisão em tantos seres humanos juntos - Fiquei por uns instantes parado, meio sem saber o que fazer, estava atordoado com tudo aquilo.

Ele me olhou e riu. Seu sangue árabe o revelava um homem marcado pela luta. Não apoiava o terrorismo, embora houvesse nisso uma contradição. Condenava as atitudes passionais e aleatórias, principalmente o sangue político. Concordávamos que não havia sentido no que acontecia.

Ligou o rádio para tentar saber algo mais concreto. A música parou de repente e uma voz grave anunciou o atentado: mais uma ação covarde do Grupo Separatista ETA. Um carro bomba, colocado estrategicamente na Praça República Dominicana, havia explodido e atingido em cheio uma guarnição de policiais civis. Calculavam que haveria mais de dez mortos, e outros tantos feridos. Ainda não tinham conseguido identificar os autores, mas era muito provável que os responsáveis fossem membros do ETA, que ainda não havia se manifestado para assumir a autoria dos assassinatos.

Juan pousou seu olhar dentro dos meus olhos e disse com um ar de seriedade incisiva, como se soubesse o que realmente iria acontecer dali para frente. Vai ver tinha uma bola de cristal escondida debaixo da cama ou conhecia alguma cartomante, dessas vindas do misterioso Oriente:

- Muitos outros ainda irão morrer, meu caro. Isso é só o começo. Espere e verá mais almas subindo ou descendo para outros planos.

Senti um arrepio, talvez do frio que tomava conta daquele mausoléu, ou fosse pelas palavras ditas de forma tão cortante. Completou dizendo:

- Esse maldito Governo tem de fazer essa maldita separação de uma vez. Devemos deixar esses infelizes viverem as suas próprias vidas, que diabos. Para que serve um povo desgraçado e descontente? Já te digo: para se tornar desleal e traiçoeiro. E a gente que se ferre no meio desse imbróglio. - Seu sangue subia pelas faces deixando-o afogueado.

- É, o terror vai se espalhar e vai ser o fim dessa democracia porca. - Retruquei.

- Ando pensando que talvez fosse bom fazermos alguma coisa, qualquer coisa, sei lá - delirava.

- Fazer o que? Lutar contra ou a favor? Parar as bombas ou parar o Governo? Você não sabe o que está dizendo. É uma maldita guerra em que na maior parte das vezes não podemos vislumbrar um dos inimigos. Combater fantasmas, como se faz isso? O Governo tem de contar com delatores, fazer tocaias, ir atrás de informações desencontradas e falsas. Deve ser um pesadelo buscar quem não se conhece. Talvez daí a inutilidade em tentar parar essas mortes. - Falei, contrariado.

- Sim, pode até ser. Mas e os motivos de tudo isso? A falta de liberdade não te incomoda? Já refletiu por que esses sujeitos estão fazendo isso, se eles têm um motivo justo?

- Esses caras já estão matando gente desde o final dos anos sessenta, quando atiraram em um guarda, numa rua em Barcelona. Depois foi o Presidente Carrero, em 73. O homem era um cretino, eu sei. Mas, a explosão foi tamanha que atirou o carro a

dezenas de metros de distância, fazendo o sujeito e mais dois ocupantes virar uma pasta de sangue e ossos - argumentei.

- O canalha era cria do Franquismo, herdeiro direto do General, um assassino sanguinário, matador de velhos, mulheres e crianças. Merecia o que sofreu.

Meu amigo me passava a convicção de que seria inútil convencê-lo de que eu não era contra matar a escória do Mundo, mas sim contra como fazer isso. Respondi:

- Sempre vai haver algo para se perseguir, se contestar. Esses caras agem na surdina há tempos, só mudam os motivos, mas continuam matando gente. Quando visam um alvo, para eles não importa quem está por perto, mandam todos para o espaço.

- Mas agora a causa é essa. Se você examinar bem, e nem precisa ir muito a fundo, o objetivo é o mesmo: libertação. Pelo menos vou achar um motivo pra sair de dentro dessa jaula fedorenta. Talvez a gente deva mesmo agir, já pensou nisso mais do que cinco minutos?

- Êeehh “chico”, nós somos da paz. Então vamos provar esse vinho, discutir o assunto e ver o que dá para fazer. Abri um Tempranillo. Servi duas taças alcançando uma a Juan.

- Esse é de Penedéz, catalão legítimo, que ironia. Pelo menos eles fazem alguma coisa útil por lá, além de tentar se libertar, e que podemos ver e sentir o sabor. Saúde, a nós em primeiro lugar – bati minha taça na dele. Tentando amenizar um pouco a tensão do ambiente, comentei, segurando a garrafa e examinando o rótulo, falei:

- Sabia que esse ano a Espanha é obrigada a obedecer a legislação da União Europeia, em relação aos vinhos? É, amigo, agora tem os vinhos de mesa e os vinhos de qualidade de determinadas regiões, como esse aqui. Uva boa, vinho bom, meu caro. - falei sorrindo e levantando a taça.

- Saúde amigo, espero que essas coisas não acabem, são o que vale a pena viver. – Juan estava mais calmo agora. Acomodei-me em uma poltrona coberta por uma capa de lã, cruzando as pernas, abraçado àquela taça de tinto seco. Pensei que talvez as coisas pudessem ser diferentes, mas ao mesmo tempo fizemos nossas escolhas. Eu poderia estar em algum outro lugar, bem longe daquilo tudo.

- Vamos tratar primeiro de sobreviver a essa inconstância; superar essa angústia de não sabermos quando alguma coisa de ruim vai acontecer. Minhas palavras não tinham a segurança que precisavam ter.

- Você acredita que possamos sofrer algo inesperado, assim, de supetão? Me diz o que de fato a gente pode fazer para escapar de sermos explodidos? Não sair mais de casa é uma alternativa, mas eu preciso comprar cigarros - ironizou.

- Dei um sorriso cínico de canto de boca e acabei concordando que éramos impotentes, desprotegidos e frágeis.

- Somos uns inúteis, isso sim - Falou, se encolhendo ainda mais e se enrolando no cobertor. E completou: - Estamos bem no meio de uma guerra idiota, em que um não quer largar o rabo do outro.

De repente o telefone soou. Juan se levantou e foi atender, pois o aparelho estava no quarto, no criado-mudo ao lado da cama. Acompanhei-o com o olhar. A porta estava aberta e não pude deixar de notar que ele não gostou quando ouviu a voz do outro lado. Angustiado outra vez, pensei. Passava a mão pelos cabelos e gesticulava, como que ditando ordens. Não entendi o que conversaram, mas Juan fez um gesto e encostou a porta, procurando falar o mais baixo possível. Fiquei intrigado por uns instantes, mas pensei que todos têm o direito de guardar seus segredinhos debaixo das dobras do blusão, até mesmo Juan.

Quando voltou, vi que estava fazendo um pouco de força para se recompor e colocar um sorriso na cara, e deduzi que o telefonema não foi dos mais agradáveis. Mas logo ele se recompôs, apanhou a taça de vinho e brindou aos dias de paz. Bebemos muito, falamos muito, não dissemos nada. Fui para casa tarde da noite, levado mais pelo sentido de sobrevivência do que pela racionalidade do caminho. Carreguei comigo o livro que ele me emprestara. Cela, seu autor preferido. Talvez ele achasse o seu *alter ego* naquelas linhas que transbordavam violência e sexualidade. “*Mazurca Para Los Muertos*” falava disso, e éramos a modernidade daquela trama passada nos anos trinta...

Beethoven me olhava. Tinha um ar de cumplicidade. Parecia dizer que compartilhava meu delírio, como se fôssemos velhos amigos. Quis ignorá-lo, mas seu busto era magnetizado. Imperialmente alojado sobre uma pequena mesa, parecia que dominava o quarto inteiro. Tive a nítida impressão que me devolvera o sorriso que lhe dera. Então eu quis gritar àquele imbecil. Bradar que não me importava com seu apoio, que ele fosse para o Inferno, que fosse encontrar os outros. Não pude. Lembrei-me que àquela altura sua surdez seria total e berrar assim, para alguém que não ouve, seria uma estupidez. Estátua estúpida. Velho surdo e estúpido. Eu morreria, e ele ficaria exatamente onde estava, como uma pedra que era, uma estúpida estátua de pedra, acumpliciada e única testemunha daquela pequena mudança que acontecia sobre a cama. Causava-me inveja a sua eternidade.

Eu estava bêbado. Repentinamente mais uma garrafa se esvaziara. Aquela havia sido a saideira solitária. Procurei-a. Havia rolado para debaixo da cama, deixando um rastro avermelhado pelo chão, um caminho tinto, feito sangue. Poderia ser o meu próprio, ou o de Juan. Olhei-o novamente. Dessa vez aguicei a vista. Mal pude perceber o contorno daquela cabeçorra cheia de cabelos emaranhados, mas ele não estava sangrando. Ouvi o bater de dedos na porta. A noite dera lugar à alvorada, sem aviso. Fiquei

completamente quieto, não ouvi mais nada. Poderia ser Juan me trazendo outro livro ou me convidando para sairmos e jantarmos juntos; para falarmos de tudo e de nada, e voltarmos ambos bêbados, cantando, tentando não fazer barulho, enquanto a filosofia do niilismo explicava o porquê daquela bebedeira inesperada. Mas a porta não abriu. Não havia mais as batidas e de repente o silêncio me cobriu, com um bafo de álcool, um bafo de uva madura. A morte tem cheiro de uva madura. O quarto parecia rodar, embalando a cama. Estava dentro de uma grande garrafa vazia...

Capítulo II

O homem iria bater de encontro à amurada que cercava a entrada do metrô. Caminhava a passos lentos e titubeantes, tocando com a ponta da bengala no chão. Por um breve instante fiquei parado, esperando que o meu pressentimento se confirmasse. O homem iria bater no muro de cimento. Calculei a distância e vi que poderia fazê-lo parar, ou se desviar; poderia segurá-lo pelo braço para que não sofresse o impacto que parecia inevitável. Não o fiz. Absolutamente nada. As pessoas passavam por ele e se desviavam do seu caminho. Ele não existia para elas; era como se estivesse com alguma espécie de doença contagiosa que ao menor contato pudesse matá-las. O choque foi doloroso. O sujeito ficou meio vacilante ante o inesperado; seus passos barrados assim, sem aviso. A bengala despencou de sua mão e ele se agachou, tateando ao redor, tentando recuperá-la. Ao encontrar o objeto ele se desviou da amurada e seguiu seu caminho. Observei a cena como se tudo se passasse em uma tela de cinema. Uma cena real, humana. A mais completa e verdadeira comédia de impassividade e descaso que alguém poderia presenciar. Meu corpo pregado na calçada era o coadjuvante a completar a tragédia. Por um momento fui o réu e o juiz, condenando e degradando a todos, seres de raça inferior. Acordei.

Capítulo III

Abri os olhos, olhei ao redor. Nada havia mudado. Beethoven estava lá, iluminado pela claridade que inundava o quarto inteiro, agora revelado, depositário dos meus desatinos. Depois de me lavar, olhando rapidamente para o estrago que uma noite mal dormida era capaz de fazer no meu rosto que se deteriorava, fiz um café forte, e bebi sem açúcar, tentando recuperar a lucidez e o controle da mente.

Enquanto sorvia em grandes goles e acordava por dentro, folhei o jornal e, além das notícias sobre o atentado e as buscas pelos responsáveis, outra me chamou a atenção. Um palestino mal-encarado chamado Nasser Hassan el Alí, procurado pela polícia federal, era acusado de ser o cérebro do atentado acontecido no aeroporto de Barajas, que havia deixado quatorze pessoas feridas, umas gravemente. O sujeito era dissidente do grupo Al Fatah, antissemitico. Pensei que Madri pudesse ser a Meca dos terroristas. Os cretinos vinham de todos os lados explodir pessoas pelos mais variados motivos. Esse insano perseguia aviões e passageiros das companhias aéreas israelenses, tratando de exterminar todos os judeus que pudessem, em nome de Alá. Mais mortes, outros motivos. O mundo enlouquecia de vez. Não queria pensar mais naquilo tudo.

Fui até a janela. Empurrei a vidraça lentamente, para que o ar penetrasse devagar. Para que fosse tomando conta de tudo aos poucos. Deixei meus pulmões se acostumarem àquela renovação. Respirei lenta e profundamente. Sorri. Os fantasmas no claro da manhã desaparecem ironicamente. O que resta deles não serve nem para encher um dedal. Não valem nada em face do dia. Ao entardecer renascem e se levantam como vampiros, mortos-vivos.

Povoam tudo. Assolam o mais puro pensamento. Degeneram noites, embebedam almas, transformam em nada o tudo que existe. Os pensamentos ficam podres, fedem e morrem. É um círculo vicioso. O dia e a noite, a vida e a morte. Mas quando o dia chegava, levava toda aquela sujeira.

A janela. Aquela janela em especial. A janela que me guardava, que me vigiava, como um cão treinado. Era com um grande olho. Descansava à noite, abria durante o dia. Vinha controlar meus passos. E se eu ficasse muito tempo fora do quarto, tinha a impressão de ser censurado ao entrar pela porta. Quando isso acontecia não podia deixar de pensar, e então me revelava. Era uma confissão. A penitência talvez fossem as noites de insônia, ou um terrível e torturante pesadelo. O quarto era eu, minhas entranhas e veias.

Entrei em Madri pela porta dos fundos. Desci na estação e não olhei para os lados. Procurei um lugar modesto, aluguei aquele quarto. No começo me pareceu um tanto grande, espaçoso demais. Aos poucos as paredes foram-se comprimindo, aproximando-se. E havia noites em que eu tinha a impressão de estar deitado dentro de uma pequena caixa de papelão. Olhava o teto e quase que podia sentir meu respirar batendo nele e voltando quente para o meu rosto. O quarto havia diminuído. Os livros que lia se multiplicavam. A cada dia tudo parecia menor ali dentro. Tinha dores de cabeça frequentes, me alucinavam. As paredes se moviam. Os quadros se jogavam em cima de mim. O busto daquele louco gargalhava, me xingava, vomitava pelo chão, emporcalhava meus lençóis, me perseguia. Havia momentos em que tudo passava. Era uma espécie de calmaria. Uma parada no vento. Então eu respirava, tomava um banho, saía para comer. Quando voltava começava tudo de novo, como num pesadelo; como quem dorme com a barriga estufada de comida.

Costumava frequentar um café, na Gran Via, chamado Alianza. Gostava do movimento. Me sentava bem no fundo, com um

jornal ou um livro. Tomava muito café, preto, forte, pouco açúcar. Fumava cigarros marroquinos, por serem fortes e sem filtro. Celine, a garçonete, uma francesinha imigrada, me atendia sempre com um sorriso. Tinha uma certa malícia naquele ar de menina-mulher. Parecia que sempre queria dizer alguma coisa a mais do que as palavras que saíam da sua boca vermelha. Aproximava-se com um sorriso que vinha se formando aos poucos, e desabrochava direto em minha direção. Enquanto ela falava, eu ficava examinando aquele corpo, esguio e solto dentro do avental meio encardido e cheio de nódoas de gordura. Um contraste que no fundo me excitava, pois podia imaginar suas pernas roliças, as ancas firmes e, debaixo de uma boca rosada, havia dois seios pequenos e empinados. Tinha a impressão que ela se desnudava de propósito com trejeitos, caras e bocas e de que percebia que eu a observava daquele jeito. Talvez isso a envaidecesse e até gostasse.

Naquele entardecer cheguei mais cedo ao café. Havia certa agitação no ar, era como se houvesse algo para acontecer. O lugar estava mais cheio do que de costume. Notei que havia pessoas que não eram frequentadores do lugar, gente que nunca tinha visto, e eram muitas pessoas. Em um grupo, num dos cantos, perto da janela, dois homens e duas mulheres gesticulavam e, pelo que pude perceber, se alteravam na medida em que discutiam qualquer coisa para mim inaudível. Era uma refrega amistosa, mas acalorada. Vi que estavam concordando com alguma coisa, pois balançavam a cabeça em sinal de assentimento. Fiquei intrigado e curioso. Quando Celine, serpenteando por entre as mesas e desviando-se dos cotovelos, veio me servir, perguntei o que era aquilo tudo.

- É que hoje à noite vai haver uma manifestação popular em frente ao Palácio Real. Todos estão cansados dessas malditas bombas. A vida da gente já não vale mais nada. As pessoas estão desconfiadas umas das outras. Os fregueses ficam impacientes, se irritam com facilidade. A manifestação será para exigir uma atitude do Governo. Precisamos acabar com isso.

Vi que estava mesmo assustada. Uma manifestação pela paz. Lembrei que em julho de oitenta e três estava em Praga e lá aconteceu um movimento de defesa da paz. Chamava-se “Assembleia pela Paz e pela Vida”. Foi um congresso mundial, organizado pelo Conselho Mundial da Paz, na época sediado em Helsinque. Foram quatro dias de debates, discussões, brigas acaloradas. Um verdadeiro inferno. Naqueles tempos eu era um jornalista correspondente internacional. Tudo em vão. Tempo, dinheiro, palavras, tudo jogado direto no lixo. Tudo falso. Um engodo completo. Os atentados continuaram. Os mísseis aumentaram em número. Os testes nucleares se multiplicaram. As pessoas ainda morriam vítimas de promessas não cumpridas. A falsidade era a bandeira mais usada pela raça humana.

- Tomara que se façam ouvir, esse governo anda meio perdido, já que não vê o inimigo direito. Traz um cortado, querida, por favor.

Tomava meu café devagar. Na verdade aquele era o meu reencontro com o lugar. Desde a morte de Juan passara várias semanas sem aparecer. Tudo era muito recente para continuar a vida normalmente, se é que eu poderia chamar de vida àqueles últimos meses. Havia um grupo de amigos, que também não via há tempos. Éramos seis ao todo, contando comigo. Costumávamos estar juntos várias vezes por semana. Fazíamos da casa de Hernandez nosso quartel-general. Todos tinham a chave do apartamento; íamos chegando sem aviso, como que levados pela vontade de ficarmos apenas juntos. Se eu pensasse a respeito talvez encontrasse muitos motivos que justificassem nossa amizade, mas o ponto mais importante era aquela identificação muda, não fazíamos nada em comum, apenas nos olhávamos e derramávamos o dia inteiro em conversas. Muitas não levavam a nada, mas saíamos satisfeitos, mesmo que angustiados.

Dolores e André tinham um caso. Arrastava-se por anos. Seus amores e suas desavenças lado a lado. Juravam se separar e

se amavam loucamente quase no mesmo instante. Jamais pensei que pudessem viver um longe do outro. Havia também Juan. Dentre todos, ele era o mais estranho. Falava pouco, mas era mordaz. Suas palavras eram diretas, desprovidas de subterfúgios e entrelinhas. Sua sinceridade algumas vezes me amedrontava. Às vezes o evitava apenas para não ouvir dele coisas sobre mim as quais eu lutava para não aceitar.

- Você é um covarde. Vive fugindo pelos cantos de você mesmo. Medo de quê, afinal? Da vida? Você não vê o que está fazendo com a Hanna? Ela sofre pela sua covardia.

- Não seja injusto comigo. Você está dizendo coisas sem nexos, me acusando de algo que nem mesmo você é capaz de entender. Desde quando entende de psicologia? - Sentia que eu alterava minha voz na medida em que as palavras iam saindo pela boca. - Aliás, não te dou ao direito de se meter na minha vida desse jeito e ainda por cima envolver uma pessoa que não está aqui para dar a sua opinião. - Falei, colérico.

- Falo porque sou seu amigo. E os amigos são pra isso mesmo: falar verdades, não importando se firam ou não.

Juan havia se levantado e caminhado em minha direção. Parou de repente no meio da sala, com o copo na mão. Pensei por um momento que ele pudesse jogar aquele vinho em cima de mim. No fundo eu merecia cada palavra. Tentei acalmar as coisas: - Está bem, camarada. Concordo em parte, mas não pretendo nesse momento me confessar a você. As coisas que faço não devem atingir nem magoar as pessoas que gostam de mim, por isso muitas vezes reluto em dizer ou agir, apenas para não machucar ninguém. Entende o que estou tentando dizer? Espero que isso baste para você, por hoje.

Juan agora estava morto. Livrara-me de um pedaço da minha própria consciência. Hanna. Havia ainda ela. Fugi dela todo o tempo em que estive apaixonada por mim. Ela era uma bela

mulher. A mulher dos sonhos de muitos homens. Talvez até de Juan. Cheguei a pensar que ele me atacava assim pela impossibilidade de tê-la. Talvez quisesse possuí-la através de mim. Mas eu não era ele. Hanna não era a mulher que eu queria. Tinha um pressentimento de que um dia essa mulher iria aparecer, de repente, como um clarão no céu. Há uma luz projetada para trás, meu recente passado vem à tona. Hanna me traz lembranças enterradas, como um vendaval, revelando os móveis antigos, escondidos debaixo da poeira...

Capítulo IV

Alguns meses antes...

Ao descer do trem, carregando com dificuldade minha pesadíssima mala, percebi renascer em mim uma nova força. Eu sabia que eram injeções passageiras de ânimo que iam e vinham, algumas vezes alertando meu espírito a enfrentar o que viesse, a dar um novo passo. Algumas vezes agindo contrariamente; derreando a vontade de toda e qualquer possibilidade de prosseguir. Sabendo disso precisava aproveitar a oportunidade e seguir em frente. Ver de perto o que Madri poderia me oferecer e o que eu poderia lhe dar em troca. Havia deixado tudo na estação. Não conhecia a cidade e não tinha a mínima ideia de onde ficava a *hostal* que Michele me indicara.

Michele não era propriamente uma namorada, nem um caso passageiro. Era uma amiga íntima, de uma intimidade que ultrapassava certos limites, sem deixar diluir-se aquele carinho sincero que apenas os amigos conseguem manter eternamente. Michele era tudo isso. Um complemento da solidão, minha contra resposta. Ela me dera o nome e um endereço de uma pensão e dissera que lá ficaria hospedada por alguns dias se decidisse ficar em Madri. Pedi que ficasse comigo, mas jamais consegui convencê-la a assumir a nossa relação que ela chamava amizade indefinida. Não era o amor que ambos procurávamos. Na nossa última conversa me disse que os dias que ficaríamos juntos em Madri seriam os últimos. Partiria para a Itália, onde poderia tomar banhos de sol, pôr a cabeça ao vento, despentear os cabelos; ou talvez fosse para a Grécia, andar descalça pelas areias brancas daquele Mediterrâneo que ela tanto amava. Dizia que jamais vira um mar tão radiantemente belo quanto o Mediterrâneo, e, além disso, a Espanha era pequena demais para nós dois. Era o ponto final.

Apesar disso me enchi de esperanças ao imaginar que poderia haver alguém à minha espera. Muitas vezes a nossa própria companhia não nos basta. Sei que há pessoas que conseguem ultrapassar um longo período não tendo ninguém ao seu lado, se suprimindo suficientemente com sua própria presença. Eu sou uma dessas pessoas. Consigo usufruir de mim mesmo durante um longo tempo ou apenas tendo companhias esporádicas. Vejo na magia da solidão algo indelével e fascinante. Sinto dentro de mim aguçar a percepção, fazendo dos meus sentidos o centro vital da sobrevivência. Na solidão consigo criar, escrever, compor, inventar, ficcionar a mais abstrata das ilusões, materializar o mais recôndito sentimento, criando uma metafísica própria, ímpar, original. Acredito que o homem apenas consegue se encontrar em si mesmo quando se acha só. Surge, nesse intervalo, a concreticidade da introversão, a procura do interior, a descoberta das pontas em que desembocam os sentidos, nascendo das suas próprias entranhas, do próprio labirinto da mente e da consciência. Mas, apesar dessa minha capacidade, surgem momentos em que nem o mais egocêntrico, pragmático e individualista dos seres humanos pode suportar. Há momentos em que por mais forte que o indivíduo possa parecer, a solidão se torna uma tortura atroz, uma dor lancinante de abandono. Eu lutava para que isso não acontecesse. A esperança de Michele estar lá, mesmo que deliberadamente por poucos dias, crescia assustadoramente.

Fui ao Câmbio, troquei meus francos por pesetas e tratei de dar uma volta pelo lugar. Havia, em frente ao guichê de passagens, duas portas. Eram enormes. Desembocavam diretamente em uma escada que descia até a calçada. Parado no alpendre vislumbrei a avenida, o Paseo del Prado. Imaginei que ele deveria levar diretamente ao famoso museu. Era um dia de sol. Um bom presságio, alento de esperança. Madri era bonita, assim, à primeira vista, apesar do sol tornar sempre tudo muito mais belo. Para mim, no fundo, não passava de uma outra cidade, um pouco diferente de

Paris, talvez um pouco mais latina. E de Paris havia ainda Michele, que representava tudo o que de melhor Paris poderia ter-me oferecido. Resolvi encontrar o lugar caminhando. Saí da Estação de Atocha e subi lentamente a grande avenida estendida à minha frente.

O calor aumentava com o passar da manhã e o cansaço da caminhada, aliado à noite mal dormida, refreava meus passos. Aos poucos andar se tornara um sacrifício, e, ao encontrar o endereço, me vi obrigado a parar um instante para tomar fôlego antes de bater à porta. O lugar era um prédio antigo, de três andares, e ficava na Calle de Villanueva. Ao apertar a campainha senti certa angústia, um receio da aproximação da hora. Há momentos em que a realidade, por mais palpável que se apresente, não é aceita pelo consciente. Tento muitas vezes voltar no tempo ao ver ou ouvir o que não quero. Nasce no interior da mente a tentativa vã de apagar aqueles instantes presentes, e a vontade é tanta e tão ardente, que tudo poderia se resumir num abrir e fechar de olhos, como se uma simples piscadela pudesse levar para sempre o sonho mau da realidade.

Quando perguntei por Michele, soube que ela havia estado ali, mas partira sem deixar endereço. Senti uma espécie de vertigem, pela incapacidade da mente em aceitar o que ouvia. Nem um bilhete, nada. Não queria acreditar que ela não tivesse deixado pelo menos uma frase no ar, qualquer coisa. Maldita mulher, pensei indignado. Vi, assustado, erguer-se a dependência psicológica que jamais pudesse imaginar que existisse. Eu estava, inconscientemente, apoiado em Michele. Acostumara com aquilo. Foram dois anos de relacionamento, indefinido, mas real. Naquele momento o impacto da solidão fora tão forte, tão desconcertante, que não conseguia voltar à razão, e compreender que na verdade tudo já estava acabado quando nos despedimos em Paris. Ela jamais tivera a intenção de continuar comigo. Jamais fomos um do outro, não nos completávamos. Faltava algo que ambos sabíamos

que não tínhamos. A decisão tinha sido dela. Talvez ela fosse mais forte, ou menos covarde. Talvez estivesse enjoada, ou simplesmente enjoada de ser uma mulher pela metade, apenas em nome da amizade. Não era tudo, apenas isso. Tentei pensar que talvez ela não estivesse sentindo o que eu sentia. Que talvez a sua necessidade de sair de dentro de nós fosse maior do que a minha, mesmo sofrendo. A certeza de que nunca mais a veria era quase concreta. Ligações desse tipo se rompem apenas uma única vez. Resolvi ficar hospedado naquele lugar por um ou dois dias, até decidir que resolução tomar. Depois de comer qualquer coisa numa tasca, voltei à estação para buscar minha bagagem que havia deixado no guarda-malas.

A noite caía quando saí para jantar. Sentei-me em um café por longo tempo, meditando, colocando as ideias no lugar, organizando os pensamentos e principalmente tentando me acalmar. Sabia que o desespero levaria a decisões erradas. Não havia pensado em começar meu trabalho sem Michele ao meu lado. Precisava dela para me ambientar, para me olhar por dentro, para saber se o que decidira fazer, escrever aquele malfadado livro, havia sido a decisão certa.

Michele não queria que eu deixasse Paris. O emprego que tinha me rendia um bom dinheiro, além disso, estávamos juntos e, bem ou mal, sempre existiam lugares e coisas que costumávamos fazer, e também os amigos comuns. No entanto, aquilo não me satisfazia. Eu não conseguia dar vazão ao meu outro lado. Precisava dar um sentido àquela necessidade que trazia em observar as pessoas, escrever sobre elas, retratar o que via. O meu trabalho não me permitia sentar e escrever. Poderia ter escolhido um outro lugar qualquer, mas depois de pensar à respeito, achei que Madri seria o lugar perfeito. Além disso, era um pouco menos frio na Espanha do que na França, e eu lutava ano após ano contra os eternos invernos. Michele sugerira que fossemos para a Grécia. Mas o que eu faria na Grécia, senão tomar banhos de mar, acompanhar

escavações arqueológicas, me apaixonar pelo Parthenon, e talvez prolongar aquele amor incompleto que ambos sabíamos? Acho que fora por desengano de consciência que ela sugeriu que fôssemos juntos.

Voltei ao *hostal* seguro e decidido. Ficaria. Seria eu mesmo. Iria espalhar minhas coisas por aquele grande quarto, fazendo de cada canto o meu rosto, o meu corpo, o meu eu. A felicidade de Michele viria, com certeza. Sua beleza, sua inteligência, sua imensa capacidade de cativar as pessoas a ajudariam a se tornar uma mulher completa. Havia nela uma capacidade de amar ainda latente, que não tinha se revelado. Guardava para o homem que ela realmente procurava. Quem sabe um deus grego desceria do Olímpio, a tomaria nos braços, e a levaria para se amarem nas estrelas, muito além dessa podridão que se espalha como praga. Entrei em Madri pela porta dos fundos, levado pelas minhas próprias pernas. Michele estava morta. Na verdade, ela nunca existira.

Capítulo V

Não havia como conter a claridade que vinha da janela. Esquecera-me de fechá-la na noite anterior, não sei se devido ao cansaço ou ao desatino. Dormira enquanto estava lendo. Vi o livro que escorregara da mão e se espalhara sobre suas páginas, aos pés da cama. Lentamente senti a vida outra vez se fazer presente. Abri os olhos devagar. Percorri com o olhar o quarto onde me encontrava. Ao observar cada objeto descobria sempre algo que não me lembrava de haver colocado exatamente naquele lugar. Minha mente estava falhando. Fumava demais, bebia café e vinho demais, lia demais, pensava demais. Naqueles dois meses não havia escrito uma só linha, anotara tudo na memória, para escrever mais tarde. Não conseguia me lembrar de quase nada, estava sempre cansado.

Percebi minha mala sobre uma mesa, ao lado da janela. Ainda não tinha tido vontade de tirar todas as coisas que havia dentro dela. Apenas a máquina de escrever, que ainda continuava fechada, as peças de roupas mais costumeiras e só. O resto estava lá dentro, como que esperando uma outra mudança. Ao lado da pia, guarnecida de espelho, toalhas brancas, limpas. Dou-me conta de que o quarto não possui chuveiro, e que posso encontrá-lo no fim do corredor, à direita. O quarto é modesto, simples, limpo, grande e entediante.

Não queria me levantar. Eram nove horas da manhã, e apesar da angústia haver diminuído, não se dissipara de todo, e isso era sinal de que talvez fosse crescer novamente. Ainda deitado tentei colocar minhas ideias em ordem. Não sabia exatamente o que fazer, contudo não poderia ficar ali para sempre esperando que a morte viesse e me levasse.

Havia andado por toda a cidade naquelas últimas semanas. Descobrira um café e costumava ir lá todas as tardes. Conhecia Celine, a garçonete, e esta me apresentara Hernandez, um frequentador do lugar. Acabara criando o hábito de aparecer em seu apartamento sempre que a vontade mandava. Ainda sentia solidão. Uma espécie de abandono. Na pensão onde eu morava falava apenas com a senhoria. As pessoas que alugavam os quartos quase não paravam em casa. Pareciam fantasmas, evaporavam-se. Não serviam refeições e por isso não havia qualquer motivo para trocar mais do que uma ou duas palavras, quando acontecia. O lugar estava como um cemitério: silencioso e deserto.

Coisa horrível ficar pensando na morte. Melhor seria concentrar a mente em alguma bela mulher, desde que essa mulher não fosse Michele. Ainda não sabia o que restara daquele sentimento que parecia esfacelado, espalhado pelo corpo. Percebi mover-se e apertar o coração, como se estivesse à beira da morte e tentasse desesperadamente sobreviver. Como se se encontrasse ligado à vida por meio de tubos, respirando artificialmente, teimosamente pertencendo ao reino dos vivos. Eu teria de fazer aquela eutanásia, ou morreria também. O sentimento precisava morrer. Michele havia deixado marcas demais. O que então eu estava sentindo, se durante grande parte do tempo em que estivemos juntos, jamais olhei dentro dos seus olhos duas vezes?

Eu sabia que à espera do fim, sempre cultivamos a esperança de prolongar o tempo. Eu sabia que vinha do fundo da alma a suprema ânsia de cultivar a vida, de renovar as forças para conservar um instante mais a única verdade da existência: o próprio ser humano. Mas, valeria à pena? Para que lutar, já que todos os caminhos levam a apenas um? Michele me ensinou a viver, mas cuidou o tempo todo de nós dois. Alguma coisa ficou faltando, e isso eu teria de descobrir sozinho. Restava então saber. Havia sensações latentes dentro de mim. Fantasmagorias. Um jogo alegórico bizarro de pensamentos e pesadelos, que faz os males

parecerem incuráveis. Transformara-me no portador das dores do mundo.

Ouvi o dobrar de sinos e me levantei para olhar. Era do outro lado da praça, numa pequena igreja. Pessoas caminhando para ela com seus terços, suas angústias. Procuravam respostas. Havia algumas com um olhar patético, como que parado, como alienadas. Alheias à vida ao seu redor. Tive pena delas. Pena de mim por estar ali observando-as. Pena por terem de entrar ali, naquela igreja, para resolverem suas próprias contradições mesquinhas. Os anjos talvez estivessem de férias. Era hora da remissão dos pecados, e eu havia jogado meu relógio na lata do lixo...

Capítulo VI

O sol batia direto em meu rosto. Havia tomado vinho e comido um bom peixe no El Cordobez, na Lope de Vega. O calor daquele dia primaveril me envolvia como um refletor de palco, iluminado e quente. Estava sentado num dos bancos do Jardim Botânico. Depois do almoço saíra andando, atravessando avenidas, espalhando meus passos meio sem rumo, quando decidi entrar no Botânico e jogar minha sonolência em um banco qualquer.

Meu tempo inútil se esvaía pelo ar, feito bolhas de sabão. Ouvia, para além dos muros, o barulho dos carros, das pessoas caminhando na calçada. Ouvia suas conversas como se soassem por sobre as nuvens, além da minha cabeça entorpecida pela digestão e o vinho. Engraçado essa gente ter um destino. Apostava que cada uma daquelas pessoas sabia para onde ia. Havia um determinismo ou um livre arbítrio que nos conduzia pelas vielas, pelos bares, pelas camas? Formigas a caminhar sobre uma bola solta no espaço, azulada e pequena, perdida no meio do nada.

Às vezes fechava os olhos e começava a ver manchas coloridas, arcos a se moverem em movimentos lentos, muitas vezes perdiam a cor e se tornavam cinzentos, paravam diante de mim, e recuperavam as cores, e iam e vinham, subindo e descendo, fugindo e entrando pelo meu cérebro, se perdendo em sinuosos labirintos, deslizando pelas veias, pelos pequenos canais que sabia existir pelo corpo. Entravam ali, pelos olhos. Não saíam, apenas entravam, como bolas de fogo vindas do sol, que batia em cheio em meu rosto. Sentia as faces quentes, em brasa. Era vida, era eu. Um ponto numa folha de papel em branco. Ao abrir os olhos de repente, tudo parecia mais claro, mais vivo, quase que a claridade me cegava. Era como se o mundo descolorisse e fosse tomando cor bem devagar.

As árvores ficavam fora de foco, tudo parecia ter réplica. Apertava as pálpebras, voltava tudo ao normal.

Na outra ponta do banco, sentado e absorto, havia um velho. Setenta anos, pensei comigo. Um exemplo de paciência, de vida gasta, de espera. Éramos dois polos, o velho e eu. Talvez ele estivesse ali também por não ter o que fazer, ou se sentir vazio, ou enojado da própria vida. Talvez estivesse esperando aquela mulher que não veio, que o fez envelhecer com a angústia do lado, na sensação de empurrar o destino para o dia seguinte.

Aquele era o primeiro dia do resto de nossas vidas e pensava que deveríamos comemorar, falar alto, gritar, fazer algo diferente; talvez tirar a roupa, nós dois, dançarmos em dupla, rolarmos na grama e dizer a todos que ainda estávamos vivos. Mas nada. Nada acontecia. Ainda estávamos ali, parados, pensando desencontros. Do meu lado a liberdade do tempo futuro, do lado dele a escassez de um tempo que findava. Não queria acabar assim, sentado num banco de um parque qualquer, aos setenta anos, e ver a chama se extinguir enquanto fico de braços cruzados olhando o vazio. De alienado apenas o tempo, o espaço entre eu e o fim. A liberdade seria então o instrumento para fazer alguma coisa. Não sabia que tipo de liberdade. Seria a minha grande oportunidade nesse planeta escuro, assim que descobrisse de que ela era feita.

Se eu tivesse algum deus para agradecer, talvez o fizesse de boa vontade. Sei que poderia ter nascido um inseto, um coleóptero, ou me transformado em um, aos poucos, como numa novela kafkiana, ou ser uma simples árvore. Poderia ter nascido outra pessoa e me ver passando do outro lado da rua com a minha própria amante. Poderia ter nascido débil mental, completamente louco, ou um fanático religioso, talvez. Mas não. Eu sou o que sou. Acho que não me suportaria na pele de outra pessoa, branca, preta ou amarela. Tenho um quê de Narciso. Há no mundo quem não tenha? Por mais desligado, ou relaxado, ou mesmo extremamente antifeminino (e ser narcisista, para alguns, é ser feminino), todos os

homens têm alguma coisa em si que admiram. Qualquer coisa que no fundo os fazem se sentirem melhores dos que os outros. Teve uma época em que eu ficava me admirando na frente do espelho. O melhor ângulo, o sorriso. Gestos e palavras cuidadosamente escolhidos. Descobri ser uma tolice. Era por causa das mulheres. Várias faces. Uma encenação divertida, depois passou a ser só patético. Acabei desistindo de representar, pelo menos não todo o tempo. Michele retirou a máscara, descobriu as rugas, e os choros.

Aquilo me deixava em dúvida. Sentimento dilacerante. Nenhum dos outros tantos malditos sentimentos nos torturam tanto quanto a dúvida. O espírito não se acalma. É como um pêndulo de um relógio de parede, vai e volta, passando pelo mesmo lugar, pelo mesmo ponto. Uma perda cretina de tempo, de tortura infinda.

A consciência de Michele me havia surpreendido. Fora um choque descobri-la dentro de mim. Descobri-la uma cicatriz. Lembranças assombrando minha memória. Feito sombras. Restos de perfume espalhados pelos cantos. Nódoas encardidas. Ela havia sido assim: um cometa. Uma bola de fogo em um céu sem estrelas. Um rastro de fumaça a rasgar o Universo, a minha vida, quem sabe o meu destino. Lembro dos comprimidos. Uma vã tentativa num espaço em que não era possível a normalidade do viver. Lembro das noites de insônia, dos fantasmas a povoar madrugadas, dos pesadelos, do medo, do abandono. Tudo pairava no etéreo, contudo parecia tão real e eterno. Parecia tão absurdamente dependente, que jamais dera conta da importância. Havia amado Michele egoisticamente, sem nos perceber, nem a mim nem a ela. Perdera-a. Navegava em desatinos. Barco ao sabor do vento.

- Aonde você vai a essa hora? Por que está saindo da cama com esse travesseiro na mão, vem aqui, não faz assim.

Ela me perguntava assim, meio sonolenta, meio não atinando para o que dizia, já se virando e adormecendo outra vez.

- Me deixa, vou dormir na sala, aliás, perdi o sono.

Eu levantava então, querendo ficar, querendo desesperadamente que ela me puxasse e me pedisse, e me implorasse para não deixá-la ali, abandonada na cama. Mas ela já dormia e eu tomado de angústia, me obrigava a cumprir aquela decisão idiota, vinda do nada. Ou melhor, vinda do abandono do meu eu, da falta de alguma coisa que eu não encontrava quando, muitas vezes, deitava ao seu lado e ouvia aquela respiração tranquila, enquanto eu me acabava madrugada adentro. Perguntava-me como ela conseguia ser assim. Não percebia o turbilhão de desencontros e dores que estavam tomando conta de mim? Não via que eu estava deixando a nossa cama porque sofria com alguma coisa? Seriam todas as mulheres desse jeito, frias, estabilizadas, indiferentes, compartimentadas? Pronto, não era hora para discutir relação, e sim de dormir. Simplesmente isso, assim, desse jeito. Virar pro canto da parede, buscar o aconchego do outro lado e sumir na densidade do sono. Como podiam? Como ela podia? Me dava raiva, e deixava as lágrimas escorrerem pelos cantos dos olhos, ardidos, febris e enlouquecidos pela insanidade da madrugada parida a ferro e fogo. Onde estava o buraco negro daquela relação, que eu sabia que existia, mas não conseguia enxergar o cretino? Me revirava de um lado para outro naquele bendito sofá da sala, apertado e indiferente aos meus desatinos loucos. Conseguia ouvir no meio do silêncio um grito solto no ar, certamente de algum perdido e abandonado, que resolvera sair de casa pelos mesmos motivos. O sofá da sala não, para ele, era o ponto final. Talvez encontrasse uma faca no ar, assim tudo se esvaía de uma vez. Os primeiros pássaros já davam sinal de vida; filhotes pedindo comida, madrugadores como eu, esfomeados como muitos desencontrados.

Ficava um tempo assim, me dilacerando em paranoicas confusões mentais e acabava voltando, me deitando em silêncio e tentando não acordar aquela mulher que me deixava assim, como

um demente noturno e só. Ela dormia como um anjo, como só os anjos são capazes de dormir.

As palavras do velho foram tomando forma, se materializando, me puxando à realidade daquela tarde de sol, de sonolência:

- Não consigo me conformar com as coisas que estão acontecendo hoje. Quando eu era jovem, como soldado, sabíamos a quem matar. Ninguém ficava atirando para todos os lados só para dizer que estava aqui. Tínhamos um inimigo. Franco era o nosso inimigo. Matávamos os soldados de Franco. Íamos para as colinas, armávamos guerrilhas. Lutávamos pela liberdade, a nossa liberdade, a liberdade do povo espanhol. Perdemos, mas saímos de cabeça erguida. Éramos homens. Hoje eles explodem tudo. Não têm escrúpulos. Não têm dignidade. Matam gente inocente. Se o Governo é o culpado, liquidem o Governo. Façam a coisa certa. Não matem crianças, nem mulheres. Os velhos como eu, que já fizeram alguma coisa na vida está bem, mas deixem que a gente se defenda, pelo menos. A minha filha eu perdi por causa de uma bomba. Meu único neto morreu também. Covardes. São como fantasmas, não podemos ver aqueles assassinos. Aparecem sem aviso, destroem sem piedade. Não são homens, não homens de verdade, como aqueles companheiros dos velhos tempos...

Olhei o velho com indiferença. A guerra civil contra Franco havia deixado rastros e cicatrizes profundas, e eu sabia. Mas agora tudo era inútil. As palavras dos velhos sempre soam inúteis, e muitas vezes trazem verdades. Contudo o velho tinha razão. Covardia pura o terrorismo. É como ser apunhalado pelas costas. Senti que ele não estava falando diretamente para mim. Era como se ele se queixasse a ele mesmo, se culpando pela própria inutilidade, pela sua velhice, por não ter feito tudo. A perda dos seus

entes queridos terminara com o resto de esperança de uma luta que talvez ainda estivesse viva dentro dele. O velho estava morto.

Depois do almoço sempre me assalta essa sensação de torpeza. Sinto a mente divagar, delinear pensamentos sem ligações. O velho se fora e nem percebi. Procurei-o com o olhar, pois talvez pudesse vê-lo ainda, afastar-se a passo lento, ruminando sua decadência, um fim inevitável. Pensei que os mitos são mais felizes. Os mitos morrem cedo, são frutos arrancados antes do tempo. Norma Jeane era uma maçã suculenta e doce, restou a lembrança daquela cobiçada pecadora.

Capítulo VII

- Como anda o seu livro? Madri é realmente tão rica assim, para se escrever um livro sobre as pessoas que vivem aqui?

Fora uma pergunta direta, que não me deixava desviar o assunto. Uma pergunta de Juan. Estávamos os três, Hernandez, Juan e eu bebendo vinho e esperando a hora do jantar. Segurei o copo com as duas mãos e levantei-o em direção à luz da sala. Sempre achei fascinante a transparência daquela cor. Era quase um ato religioso olhar através de um copo de vinho. Antes de sentir o sabor, devemos aspirá-lo, balançá-lo, cheirá-lo, para só depois espalhá-lo pelos cantos da boca e engoli-lo suavemente, deixando que penetre lentamente em nosso corpo, incapaz de recebê-lo condignamente. O vinho é uma bebida sagrada. Baixei os olhos, me ajeitei na poltrona. Olhei diretamente nos olhos de Juan e torcendo a boca num meio sorriso, decidi responder com franqueza:

- Ainda não comecei a escrever. Estou recolhendo dados. Tenho ideias, mas ainda não estou pronto. Madri é comum, e é disso que eu preciso, uma cidade comum - respondi sem muita convicção. Juan voltou a falar:

- Comum? Então você acha que essas pipocas explodindo por todos os cantos é coisa de gente comum? O mundo inteiro está doido, completamente louco. Não existe mais exemplo de coisa normal! Não sabemos onde estaremos daqui a um minuto, se bebendo esse néctar ou ardendo no fogo do inferno. A alma que carregamos está sempre sobressaltada e de malas prontas para partir a qualquer momento. Quem não deixar um testamento hoje para o seu advogado de confiança, está sujeito a ter os seus bens leiloados em praça pública amanhã de manhã. A vida virou de pernas para o ar, meu amigo. Normalidade é uma palavra que está sendo banida de todas as línguas dessa maldita terra.

O que Michele estaria fazendo àquela hora da noite? Que horas seriam, afinal, na Grécia ou na Itália? Se fosse um pouco mais tarde ela poderia estar dormindo, ou mesmo na cama com algum tipo que conheceria na praia. Certamente estaria melhor do que eu. Às vezes, no meio da noite, depois de bebermos, ela se deitava nua com os cotovelos apoiados no travesseiro, deixando que meus olhos e mãos percorressem aqueles caminhos, parassem naquelas curvas e que meus pulmões se enchessem do perfume daquele corpo, misturado ao odor do shampoo e do sabonete de amêndoas que ela tanto gostava.

- Acho que sei exatamente porque não consigo me desapegar e me soltar de você. São esses momentos carnis e etéreos que você cria que me fazem ficar, me embriagando e me viciando. Não posso viver longe dessa alucinação. Te possuo e me sinto poderoso, mas depois me dou conta disso.

Lembro de ver sempre o seu sorriso de satisfação ao beber cada palavra do que eu dizia. Ela sabia que sim desde o início de nós. Minha mente voltou ao apartamento.

Teria de fazer realmente parte da vida ficarmos ali, sentados, engordando e fazendo aquele joguinho inútil? Achava que talvez não, mas não sabia a solução. Cruzei as pernas. Sempre que cruzo as pernas me vem uma sensação de segurança. Como se eu pudesse pensar melhor sentado desse jeito. Estava achando o que responder. Não queria me mostrar fraco, me desnudar ante aquele amontoado de verdades, pois as palavras de Juan eram exatamente as mesmas que eu mesmo diria se trocássemos de lugar naquele exato instante. Mas não era assim, e eu não era ele. Será que eu tinha mesmo uma posição a defender? Algo a dizer que não fosse que se dane o mundo, que morram todos, afinal quem acredita nessa raça que chamam de humanos? Desde a Eva que a coisa

toda não funciona direito. O anjo rebelde foi expulso e tudo começou a esquentar, a ficar fora de controle.

Hernandez se levantou e foi até a mesa pegar mais um pouco de vinho. Segui-o com o olhar. Conhecera-o no Alianza. Depois desse tempo ele ainda continuava um perfeito estranho. Comparava aquele homem a um imenso bloco de pedra. Uma espécie de obelisco. Duro, impenetrável. Era alto, corpulento, um tanto curvado. Caminhava arrastando os pés, como se eles fossem pesados demais. Hernandez era o típico representante daquela cidade. Se todos fossem iguais a ele, tinha certeza de que meu trabalho seria dobrado. Não havia transparência em seu olhar. Ele não era como um copo de vinho. O que fazia mesmo? Era arquiteto, lembrei. Fico pensando que tipo de prédios aquele sujeito poderia projetar. Deveria ser especialista em cavernas escuras, lugares pouco iluminados, lúgubres, tipo casas mal-assombradas. As portas deveriam ranger, os portões baterem com o vento o tempo todo e passeando de peça em peça, arrastando aqueles sapatos enormes, feito um espectro. Uma viagem, mas não conseguia associar objetos e coisas alegres e vivas ao seu temperamento. Era ele, afinal.

Esperavam uma resposta:

- Você sabe que o povo paulista não tem nada a ver com isso. Não descaracteriza a cidade nem sua gente. Por trás das bombas há razões políticas, particularidades, e você sabe. E depois, não são os membros do ETA que me interessam. Esses certamente não são comuns e talvez nem tenham classificação na dita normalidade.

Achei que havia respondido conforme mandava o figurino, ou seja, defendido o meu trabalho e dado uma razão para estar ali, naquele lugar, fazendo aquilo, naquele momento. Sei que fui áspero, não consegui me controlar. Ainda não tinha nada de mais concreto em minha cabeça sobre eles. Caras que pensavam de uma forma que eu não atinava entender direito. Matar desconhecidos como se

fossem moscas, pensando que assim abririam uma rachadura naquele maldito Governo. As razões do Estado eram muito mais duras e firmes do que eles pensavam. Era um sonho distante, tudo aquilo. Mas eu tinha uma espécie de receio que me acompanhava pelas ruas, um fantasma. Hernandez replicou:

- Juan e eu entendemos perfeitamente o que você quer dizer. Até concordamos. Apenas pensamos que esse tipo de coisa deixa as pessoas assustadas, tornando-as antinaturais. Só isso.

Senti seus olhares se fixarem em mim. Percebi que queriam ouvir o que eu tinha a dizer. Eu não tinha nada a dizer. Não a eles. Não a qualquer um. Era um caso mal resolvido a porcaria toda. Eu não era a palmatória, nem a solução; eu não era nada. Falei devagar:

- Juan e você esquecem que o medo também faz parte da normalidade do ser humano - eu olhava ora para um ora para outro. Completei:

- Não é só quando estamos sorrindo que somos normais. É isso que quero que entendam.

Tentava convencê-los com argumentos que nem eu mesmo tinha certeza de serem verdadeiros. Essa veracidade teria de ser verificada ao longo do tempo. Mas antes eu teria de sair de dentro do meu interior. Teria de ultrapassar minhas próprias barreiras, que pareciam intransponíveis; Kilimanjaros de neves eternas, gélidas, e tão impessoais aos outros quanto a própria sobrevivência naqueles dias espanhóis.

Perguntei a Hernandez sobre André:

- Dolores e André ficaram de passar aqui depois do jantar. André está pesquisando sobre Goya, e Dolores o acompanha. Quando não estão discutindo, vivem grudados. Por sinal, não os vejo brigarem já há algum tempo.

- O trabalho de André é interessante. Escrever para uma revista de arte deve abrir a imaginação, aguçar a sensibilidade. Ele é bastante talentoso. Escreve bem. Além disso, é extremamente profissional - disse Juan.

- Acho que ninguém é extremamente profissional - respondi, fazendo uma careta. Emendei:

- Quando se trata de dinheiro, somos sim, até certo ponto. Quando fazemos o que gostamos e somos bem pagos, melhor ainda, mas basta alguém acenar com uma proposta mais interessante, o profissionalismo vai para o chão. É o homem, afinal.

Eu estava amargo...olhava-os e por instantes não os via.

- Por falar em profissionalismo, alguém sabe por onde anda Hanna? Alguém sabe realmente o que ela faz?

Hernandez tomava o lugar de Juan, estava falando demais. Era o vinho, certamente. A ironia me fez sentir ódio. O sangue subiu, tingindo-me as orelhas. Seu olhar pousou sobre mim e me cortou como uma lâmina afiada, traiçoeira. Eles sabiam do que Hanna sentia por mim. Talvez quisessem fazer alguma coisa. Jamais poderiam. Percebi um brilho nos olhos de Juan. Estavam acumpliciados. Incrível como o ser humano goza com a desgraça alheia, é da raça. Pensei nos acidentes de trânsito, quanto mais gente morta e feridos retalhados, mais curiosos se amontoam ao redor. Não fazem nada para ajudar, apenas observam e agradecem por estarem fora daquilo tudo. Hipocrisia a granel em qualquer lugar do mundo. Tentei ser natural.

- Hanna? Ora, ela deve estar ocupada. Tenho certeza que nos falou a respeito do seu trabalho, mas ninguém prestou atenção, apenas isso. Quando ela aparecer, basta perguntar e pronto. E a quem interessa? Somos amigos, e isso basta. É melhor não nos metermos em coisas que não nos dizem respeito. Afinal, por que vocês estão bancando os idiotas para cima de mim?

- Você não precisa se zangar. Estamos apenas conversando, nada mais. O desejo de saber da Hanna é mais do que normal. Como você disse, somos amigos, e ela não aparece e nem dá notícias há pelo menos uns dez dias. É claro que nos preocupamos. Todos gostamos dela. Inclusive você. Não é verdade?

Vi que não desistiriam tão facilmente. Principalmente Juan, que gostava de ir fundo nas coisas. Ele era um rato, querendo achar sujeira.

- Sim, gosto tanto quanto qualquer um de vocês. Mas porque eu tenho de saber dela mais do que todos? Vejo-a tanto quanto vocês.

Tentei me desvencilhar do assunto, que estava ficando pesado demais. Ia recomendar a falar quando Dolores e André entraram. Estavam sorrindo, abraçados. André levantou os braços efusivamente e disse:

- Resolvemos vir antes do jantar. Morremos de fome. Trouxemos mais vinho, caso falte. Aquele museu, às vezes, me enche. Qualquer dia toco fogo naquilo tudo e vai ser o maior incêndio desde a Roma de Nero, esperem e verão.

Respirei aliviado pelo fim do interrogatório. Havia um estúpido sadismo naquilo tudo. O êxtase de se colocar alguém contra a parede. Vê-lo se debater, lutar até implorar ou morrer. Fomos todos comer, sorridentes. Ouvi ao fundo “O Morcego”, de Strauss, uma preferência de Hernandez.

André estava feliz. Quando chegavam assim, enamorados, radiantes, tudo era motivo de ironia e brincadeira. Eu olhava Dolores e via nela uma mulher quase perfeita. Feito Michele, talvez. Cabelos negros, olhar entristecido e doce, eterno estado de sensualidade. A boca de Dolores era dois tapetes róseos recepcionando o vinho que entrava lentamente... Eu via sua língua sorver aquele líquido como

se fosse um beijo cálido. Delírio, eu estava ficando bêbado, isso sim. Compreendia porque André não a deixava, apesar das brigas. Ela era a porta de um paraíso. Um paraíso que apenas André conhecia, mas que vislumbrava loucura e êxtase. Os homens, na verdade, tentam desesperadamente se desfazer da sua sina de predadores, como se fosse uma possibilidade real deixar de lado um gen natural pelo simples querer. As mulheres não conseguem compreender que não é a questão cultural que nos faz sermos assim, mas genética. E elas querem que nos comportemos como se o bendito DNA não existisse. O instinto de caçador não é da fêmea, mas do macho. A luta interior que travamos para sermos fiéis jamais será compreendida por qualquer mulher que seja. Seria como pedir a elas que não tivessem desejos de ter filhos, e que ignorassem seus instintos e códigos genéticos. Uma completa insensatez. Mas tentamos, pelo menos alguns de nós que acham que vale a pena se violentar para manter a mulher que ama. Uma escolha sábia, muitas vezes.

Enquanto jantávamos, observava André. Não tinha ainda uma definição sobre ele. Era sul-americano, argentino. Jamais falava da sua terra, pelo menos comigo. Alguma coisa nele me deixava inquieto. André não me inspirava confiança. A comparação dele com Dolores era inevitável. Na verdade não os percebia juntos, isto é, sendo do tipo um para o outro. Achava Dolores sincera, transparente, fiel. Algo em torno de uma inocência um tanto rara nos dias atuais. Não via a mesma coisa em André. No início até pensei descobrir tudo isso em Dolores e não em André por ela ser uma mulher. Uma bela mulher. Uma fêmea cobiçada até pelo mais inocente. Com o tempo me convenci de que realmente Dolores tinha essas qualidades todas. Ela não fazia questão de esconder toda a sua pureza, que seria imediatamente diluída ao longo do tempo. Não, Dolores era exatamente aquilo que aparentava. Uma mulher apaixonada. Uma amante de um homem só. Não sabia se André percebia isso. Não o sentia consciente da importância daquela

companheira, do quanto ela valia para qualquer homem. Identificava muito Dolores com Michele. Via nela certas qualidades que somente mais tarde pude perceber, quando Michele já se fora, e que afloravam na figura de Dolores. A atenção com que cercava André. A reciprocidade parecia não se dar no mesmo grau, mas não conseguia saber por que isso ocorria.

Penso que alguns homens são assim mesmo, frios, indiferentes, distantes. Penso que existem homens que não conseguem olhar no fundo dos olhos de uma mulher nem por um segundo. É como se tivessem um véu, uma opacidade que lhes impede e embota a percepção. Tento me colocar em seu lugar e só consigo pensar que eles apenas enxergam uma coisa única, um corpo que se move, que sorri, que faz sexo e cheira bem, mas que não tem alma, que não pensa ou tem vontade e desejos próprios. Talvez eu mesmo fosse e agisse assim algumas, ou muitas vezes, não sei. Ficamos cegos e burros, achando que controlamos quando no fundo não passamos de simples instrumentos diante desse poder que a mulher possui, e muitas vezes não usa.

Depois do jantar me despedi do grupo, alegando cansaço. Juan insistira para que eu ficasse ainda mais um pouco, mas aceitou minhas desculpas depois de me fazer prometer que passaria por sua casa no dia seguinte.

Saí a caminhar pela noite fresca. Batia um ar perfumado, como se houvessem espalhado alguma fragrância que flutuava. Enquanto caminhava, pensava em Hanna. Minha mente me levava até ela mais e mais e em vão tentava definir aquela atração meio abstrata. Algo me empurrava e a curiosidade aumentava a seu respeito, ao mesmo tempo em que sabia que havia uma atração a mais, física, algo animal: aquele toque no olhar que vem acompanhado da vontade de tocar também no corpo. Minha libido havia despertado. Não era uma sensação irracional, simples coisa física, mas vinha no desejo de saber algo mais. O que iria por trás daquele olhar de lince, meio aguçado, sensual? A sensualidade de

Hanna eu havia sentido no momento em que a vira, na rua, apresentada por Dolores. Tive plena convicção de que ela havia percebido esse despertar, e depois confirmei minhas suspeitas quando ela começou a frequentar o apartamento de Hernandez. Primeiro vinha sempre perguntar por Dolores, depois já não dava mais nenhuma desculpa, apenas entrava, sorria e fazia parte de nós. Quando estávamos juntos, eu a olhava e via alguma coisa no ar. Uma pergunta, uma resposta, uma simples afirmação, um aflorar de sentidos, carentes, necessários, presas de nós, mortais; a atração da carne, olfatos e cheiros desconhecidos, limite de todas as fraquezas. Era Hanna, era ela, éramos nós. E eu era um covarde.

Havia andado pelas ruas a esmo, ensimesmado. Não conseguia achar a ponta do carretel para começar meu trabalho. Olhava distraído para os carros e as pessoas, como se elas fizessem parte de um cenário montado em cima de um palco qualquer, esperando o primeiro ato. Ao levantar os olhos pude perceber dois homens conversando debaixo de um poste iluminado. Reconheci imediatamente a silhueta de um deles: era Juan. Levantava os braços, gesticulava e tinha uma expressão pouco amigável. Está como daquela vez ao telefone, pensei. Diminui o passo, me escondendo nas sombras, debaixo do alpendre de uma porta. Parei, tentando escutar o que diziam. Estavam muito longe para discernir algo concreto, mas a fisionomia de Juan estava alterada. Apertei o olhar para ver se reconhecia o outro indivíduo, e, apesar de vê-lo com nitidez, foi inútil. Depois de algum tempo os dois se separaram, sumindo nas ruas escuras e eu pude sair do meu abrigo improvisado. Fui direto para casa, com a mente rodopiando de incertezas.

Capítulo VIII

Não havia elos. Tudo vinha em grandes ondas, e entre elas, o nada. Havia espaços gasosos separando as imagens concretas. Esses vazios me jogavam em cima da cama, abraçado a fantasmas, dividindo aquela incongruência em estado fetal, em vida latente, fechado entre as paredes do quarto. Naqueles dias eu apenas era, depois levantava e saía, como que parido daquele ovo apunhalado.

Capítulo IX

Ao entrar no apartamento de Hernandez, percebi o perfume inconfundível de Hanna. Ela estava em pé, no meio da sala. Ao me ver se precipitou ao meu encontro e me abraçou sorrindo. Beijou-me o rosto, olhou-me nos olhos e disse:

- O meu sorriso é verdadeiro e a alegria em ver você é mais ainda.

Ela estava feliz. Limitei-me a sorrir, dizendo que também estava contente por vê-la depois de tantos dias. Ela me explicou que estivera viajando e saíra às pressas, sem tempo para dizer adeus. Assentei, concordando, e resolvi não lhe perguntar mais nada. Disse-me que estava com fome e me convidou para comer algo, em uma tasca que ela conhecia. Saímos.

Entramos no lugar e Hanna disse que ali serviam saladas e bons vinhos. Para mim era indiferente, mas elogiei a escolha. Sentamos em uma pequena mesa perto da janela e fizemos os pedidos. Depois disso um silêncio se fez. Não duradouro, o suficiente para que ambos tomássemos fôlego para iniciarmos a conversa. Olhei-a sem que percebesse a intenção de observá-la. Estava próxima. Esta mulher é especial, pensei. Os conceitos não se encaixavam, mas sua presença me perturbava. Enquanto olhava para ela minha mente me perguntava que mulher é essa, afinal? Esses cabelos jogados para trás, molhados com gel, adornando uma cara lavada, que mais parece um anjo saído de algum lugar longe daqui. Quem é essa mulher que expõe essa sensualidade de forma explicitada, que me confunde e desperta coisas sem nome, sem uniformidade, cheia de curvas e saliências insinuantes? Quem é esse ser que não consegue expelir essa ansiedade que pressinto presa nessa volúpia reprimida? Quem é ela? Esperei que tomasse a iniciativa. Seu olhar era pesado. Ela foi incisiva:

- Vivi com um homem durante cinco anos. No início foi alguma espécie de mágica. Eu estava apaixonada e a paixão nos deixa meio cegos para o que ocorre ao redor. Depois desse tempo a magia começou a se evaporar, e no final não restava muita coisa. A separação se fez inevitavelmente dolorosa. A minha vida estava vazia, esvaziada de tudo aquilo que eu tinha sonhado; daí, olhei para dentro do relacionamento e vi que não havia sentido algum continuarmos juntos. Não nos contribuíamos com mais nada, ao contrário, a permanência subtraía o pouco que restava. Arrumei as malas e mudei.

Ela tinha um passado, afinal. Tinha rastros que podiam ser seguidos, havia tido uma vida, embora eu não imaginasse que tipo de homem tinha se acasalado com esse mistério. Enquanto Hanna falava, eu ia bebendo o vinho devagar. Minha mão esquerda jogada em cima da mesa, sem função alguma; a direita segurava o copo e levava-o aos lábios. Pensei da utilidade das mãos em determinados momentos. A necessidade de segurarmos alguma coisa entre os dedos enquanto entram palavras nervosas pelo cérebro adentro, fotografando imagens e distorções.

- E depois, o que fez? - Perguntei

Hanna estava nervosa. Notei um leve tremor em sua voz. Torcia as mãos, esfregando-as uma na outra. Percebi que aquelas lembranças eram dolorosas demais, no entanto tinham um sentido de confissão. Talvez estivessem guardadas há tempos.

- Bom, a primeira coisa que fiz foi deixar Madri. Mudei-me para Barcelona. Fui morar na casa de uma amiga. Conheci muitas pessoas por lá, e finalmente percebi um novo sentido para a minha vida. A paixão por Felipe havia tolhido demais a minha liberdade. Estava sufocada. Passei a lutar por essa liberdade, a acreditar nela, mais que tudo. Não dei jeito na afetividade, na parte amorosa, mas a substituí por algo em que acredito e que defendo. Na verdade, percebi você quando nos conhecemos. Não sei o que você

representa para mim. Você é indefinível, mas me passa uma sensação de paz. Por isso sinto o que sinto por você.

Hanna me olhou nos olhos e sorriu.

Ela finalmente havia confessado o que eu já percebera. Estava apaixonada e já se dera conta disso. Não sabia o que fazer, notei. Talvez esperasse que eu tomasse alguma atitude mais concreta. Era humana, frágil, despuorada, sensível ou apenas estava jogando em busca de um amparo, de uma fuga? Não saberia responder ainda.

- Fico feliz. Talvez não seja essa a exata resposta que deveria dar a você, mas estou realmente feliz. Significar algo para outra pessoa é um bom motivo para nos sentirmos felizes.

Devolvi-lhe o sorriso. Estava enojado. Não dela, mas do momento. Não me sentia confortável em situações desse tipo. Era uma espécie de representação patética. O sorriso era um ato falho. Eu não estava com vontade de sorrir. A vontade que senti foi me levantar num impulso e quebrar tudo. Jogar as cadeiras nas paredes, quebrar as garrafas, atirar as mesas no chão, virar tudo de pernas para o ar. O ódio era incontrolável. Minhas mãos estavam molhadas, podia sentir a umidade do suor nascer no corpo e escorrer por debaixo da camisa.

Ela estava ali, plantada, estupidamente vencida, frágil como uma criança, carente como um mendigo. Odiei-a. Olhei-a outra vez. Sua fisionomia mudara. Ficara com o semblante carregado, contraído, e trazia uma expressão de dor naqueles olhos esverdeados. Enquanto falava, seus olhos batiam fundo nos meus, algo desafiante, algo desesperado. Ela me parecia forte. Uma mulher forte. Tentei me controlar para que não percebesse o vendaval de forças que me assaltavam. Vi que suas cicatrizes ainda sangravam. Não quis perguntar o que havia encontrado de tão importante que a fizera jogar para dentro de si mesma aquele sentimento mal curado. Talvez o amor que ela sentia por Felipe já

estivesse morto, mas era fácil vislumbrar o rancor que havia ficado de tudo aquilo. Nesse ponto ela era transparente. Hanna pareceu escutar meus pensamentos e sem perguntas falou um tanto séria:

- Ainda não me recuperei totalmente. Não por sentir por ele alguma coisa ainda. O que sentia por Felipe acabou, antes mesmo da separação. Mas o tempo em que fiquei com ele ainda me incomoda. Principalmente quando ainda não queria aceitar que tudo estava acabado e ia ficando, tentando mais uma vez, e outra, e outra vez. Isso me machuca e prende. Sinto-me enclausurada, louca por liberdade. Essa palavra me queima como ferro em brasa. As pessoas precisam se sacrificar por ela, talvez até morrer por ela, para que os outros sejam livres. O meu passado está morto e enterrado; agora preciso me libertar dos fantasmas.

Eu estava cansado. Sentia-me exausto de tudo aquilo. Apesar disso falei com sinceridade:

- Só você pode fazer essa libertação. Nós somos as nossas próprias vítimas.

Eu queria ir embora.

Hanna colocou sua mão sobre a minha. Apertou-a levemente. Seu olhar era profundo. As palavras se faziam inúteis. Vislumbrei a confusão de sentimentos que a perturbavam. Talvez eu pudesse ajudá-la, em algum momento de lucidez. Havia a possibilidade de um envolvimento mais profundo, deveria ser examinada. Eu precisava pensar. Talvez eu quisesse alguém junto de mim. Talvez para substituir Michele, talvez para ser o que ela não fora, uma paixão completa. Contudo, eu já tinha problemas demais. Sentia ao mesmo tempo uma ânsia incontrolada, resguardada nas expressões e gestos, como a perscrutar, inteirar-me daquela realidade. Não queria aquele momento. Havia uma linha processual, de recuperação da emoção do abandono. Eu sabia que uma posição nova viria, tinha de vir. Apesar do resguardo eu era de carne e osso. Estava péssimo. Sentia uma ânsia no estômago, um

embrulho, feito náusea. Ao mesmo tempo tinha quase a certeza de que Hanna me escondera algo. Aquela conversa ficara pela metade.

Antes de sairmos do bar, olhara o relógio da parede: duas horas. Já era madrugada. Estava uma noite calma, soprava uma leve brisa. Hanna caminhava ao meu lado, calada. Ela passou o braço por dentro do meu e encostou a cabeça no meu ombro, e então pude sentir o calor do seu corpo e o cheiro do seu perfume. Andamos por uns quinze minutos até chegarmos em frente ao seu prédio.

- Suba, por favor. Hoje não quero ficar sozinha

Naquele breve instante, enquanto suas palavras soavam no silêncio, minha mente pesava os prós e os contras. Levantei os olhos e mergulhei no brilho verde dos dela, tentando decifrar a vontade por trás das palavras. Vi carência e desejo me atingirem em cheio.

- Está bem, eu fico com você. Também quero a tua companhia. - Seus lábios eram doces e macios, tinham gosto de mel e vinho tinto, uma rara mistura que devemos saborear com veneração. Fiquei até o dia raiar, depois saí devagarinho, como que preservando os momentos que eu não tinha certeza se foram reais ou apenas mais um sonho, desses loucos que não voltam nunca mais...

Saí lentamente, descendo a Gran Via. Olhei algumas vitrinas de livrarias e me deixei embalar pela placidez do dia que começava, pelo calor agradável, pelo sol que refletia nas árvores, nos carros, nas pessoas. Enquanto andava, pensava naquele encontro. Hanna estava confusa, buscava algo desesperadamente, mas eu não conseguia materializar aquela carência. No entanto, embora aquela noite tivesse sido única, forçar uma aproximação seria o mesmo que colocar dentro de mim frustrações as quais eu tentava me livrar. No entanto ela me atraía. Isso me incomodava um pouco. Os fatos estavam presentes, acontecendo, mas não sabia

exatamente o que fazer. Tinha certeza de que se fosse noutra situação, talvez em Paris, mesmo estando com Michele, poderia, pelo menos, não estar me culpando e hesitando dessa maneira. Seu temperamento me parecia forte. Transmitia agressividade, contida, mas indisfarçável. Não havia condições para enfrentar alguém com personalidade de pedra, mas não queria perdê-la. Ela me causava curiosidade, precisava saber mais. A mesma curiosidade que os outros haviam demonstrado, apenas não queria forçar uma confissão só por um desejo. Hanna tinha uma cicatriz ainda viva, que a incomodava e a tornava agressiva. Vi que ela se condenava por estar naquela situação de carência, de necessidade de uma outra pessoa, e que se pudesse, abriria mão de tudo para ficar sozinha. Defendia a liberdade de uma maneira que jamais tinha visto em uma mulher, até a morte. Estava fugindo de fantasmas, como eu. Talvez Hanna me fortificasse, me tornando mais seguro. Era um cenário em que eu entrara por debaixo dos panos e acabara fazendo parte de uma pantomima. As personagens se movimentavam em cena, fazendo de mim uma nova marionete.

Capítulo X

Havia terminado de acordar após uma noite vazia. Não lembrava exatamente como ela havia sido. Não havia sonhado, apenas deitara e dormira. Certamente havia sido uma noite vazia.

Carreguei os restos do meu sono até o banheiro, no fundo do corredor. Forcei a maçaneta, trancada. Alguém se suicidando, talvez. Imaginei a cena. A navalha na mão, a hesitação, o medo, a vergonha, o desespero. O sangue demarcaria o tempo da morte. Todo o pensamento não demorou mais do que um ou dois segundos. Por que simplesmente não pensei em alguém lavando o corpo ou usando a privada? Havia hora para morrer? De qualquer maneira a manhã já ia alta. O giro na chave e a porta abriu. Uma cara inchada apareceu diante de mim. O sujeito passava uma escova nos cabelos. Voltou ao espelho e se olhou novamente. Alguma vaidade ainda restava naquele rosto velho e enrugado. Talvez perdesse até seus ossos se desmancharem pela umidade. Evitei o espelho em um ato reflexo. Uma tentativa de fuga inútil.

Naquela manhã tomei consciência de mim. Senti o coração bater, as veias latejarem. Uma composição que eu não entendia, e que no entanto estava ali, e era eu. Por momentos parecia que eu não me pertencia. Era como se a minha mente me puxasse para fora do corpo, para que eu o observasse melhor. Sentia-me um estranho diante do meu próprio corpo. Afinal, o que era eu, mente ou corpo? Havia realmente uma relação verdadeira entre eu e o mundo? Entre eu e aqueles seres que também eram mente e corpo? Envergonhei-me diante daquela imagem da dor. O sofrimento precisava ser aprendido. Não se sofre assim, de uma hora para outra. Alguém murmurava uma canção. Piaf, identifiquei. A melodia se espalhava, tomando conta das entranhas daquela casa adormecida. Os fantasmas também choravam em canções

tristes. Havia um grande mistério encerrado atrás daquelas muitas portas. Portas que nunca se abriam aos olhos alheios. Havia lamentos perdidos em meio àqueles estranhos que habitavam o mesmo teto. Esperanças próximas sem saberem se poderiam bastar-se a si mesmas. Voltei ao quarto sem perceber.

Vesti-me mecanicamente. Notei que pusera a camisa verde-escuro que Michele tanto gostava. Não pude deixar de esboçar um sorriso irônico. As pessoas desaparecem, mas deixam rastros por todos os lados. Não basta retirarem os corpos para não serem mais lembradas. Deixam suas opiniões, preferências, ódios. Restos mortais que jamais se apagam.

O encontro seria no Alianza. Todos nos encontraríamos longe do apartamento. Talvez fosse para abandonarmos sombras que habitavam a casa de Hernandez. Marcáramos às oito. Teria a tarde livre. Não sabia o que fazer...

Capítulo XI

Andar a esmo desajustava meus sentidos. Era como se eu não fizesse parte daquele movimento abundantemente sincronizado das pessoas nas calçadas. Engrenagens que funcionavam dentro da sincronia da vida. A vida pulsava, no entanto eu não existia.

Fui a Atocha, observar a saída dos trens. O sol castigava os ferros da estrutura, um templo misterioso que controlava os destinos.

Subi os degraus da entrada, passei pelo saguão principal, parei na plataforma, encostado à parede. Levantei os olhos devagar. Uma fotografia muda que revelaria pontos de referência, sem querer também ser um deles. Senti vontade de fumar. Fechei os olhos, respirei fundo, mas me controlei. A necessidade de um cigarro era sinal de ansiedade. Talvez estivesse nervoso. Tentei perceber o coração: levemente acelerado. Senti meus lábios sorrirem. Segundos depois minha mente me revelava que até aquele instante o único a ser observado por mim era eu mesmo. Estúpida ocupação.

Tirei as mãos dos bolsos, estavam úmidas. Transpirava um pouco. Não queria suar até molhar a camisa. Sentia uma repulsa por camisas molhadas de suor. O cheiro me revirava. Encostei os braços ao corpo, ainda não estava molhado.

Decidi caminhar pela plataforma, como se estivesse esperando alguém ou um trem chegar. Talvez ninguém me notasse e eu pudesse observar melhor cada um daqueles indivíduos que esperavam sua vez de ir embora. A estação não estava cheia, apenas o suficiente para algumas histórias.

Andei alguns passos em direção ao final do passeio. Na minha frente um carregador enchendo um carrinho com grandes malas de couro marrom. Imaginei o que conteriam aquelas malas.

Roupas finas, perfumes, lingerie. Peças de alguma mulher exótica e misteriosa como uma flor do Oriente. Malas pertencentes a algum príncipe de um reino perdido no deserto. Malas de um mercador, ou mesmo de um contrabandista. Ao passar olhei para dentro da sala e pude ver uma velha fazendo sinal para que lhe trouxessem a bagagem. Teias de aranha e quadros amarelados eram o que havia dentro delas, afinal.

O passeio acabara sob meus pés. Parei. Os trilhos ondulavam à minha frente. Meus braços estavam caídos, semimortos. Um homem parou ao meu lado. Senti sua presença sem me virar para olhá-lo. Mirava a mesma direção que eu.

- Parece que os trilhos estão se mexendo, não acha?

Estava ouvindo vozes, ou imaginando coisas? O sujeito falava sem se virar. Era como se eu o estivesse esperando e ele chegara atrasado.

- O que? - Havia surpresa em minha voz.

- Meu nome é Gabriel. Sou de Barcelona - Disse, sorrindo.

Havia uma mão estendida em minha direção. Apertei-a com força. A carne era mole. Seu rosto se contraiu ligeiramente.

- Sou de Paris - Respondi.

- O que faz aqui na estação? Pretende partir?

- Não. Apenas passeando. Queria andar um pouco. Acabei aqui. É um lugar interessante - Seus olhos eram verdes.

Começamos a andar lado a lado. Havia uma ondulação em sua voz. Era uma voz fina, educada, diferente. Os olhos eram parecidos com os de Hanna, porém mais misteriosos, ou enigmáticos, talvez.

- Adoro vinhos. Tenho certa predileção por bebê-los à noite. Os vinhos são mistérios que se revelam em nossas almas. É preciso descobri-los e navegar pelo labirinto dessas revelações.

Enquanto Gabriel falava, sua mão esquerda tocava meu ombro. A mão pegajosa e mole, pensei. Ele apertava seus dedos, passando um calor por sobre a camisa. Vou começar a suar, é inútil fugir.

Sáímos da estação e nem havia notado. Passávamos em frente ao Prado quando ele voltou a falar:

- Mora longe? Eu vivo em uma água-furtada, na próxima esquina. É um lugar pequeno, mas limpo. E eu gosto. Tenho vinho guardado para os amigos. Aceitaria beber comigo?

Olhei o relógio que ele trazia no pulso. Já passava das seis. Apesar disso, ainda tinha quase duas horas. Aceitei o convite. Gabriel sorria, mas nada disse durante o resto do caminho.

O quarto era simples, quase desnudo. Um sujeito sem roupas. A liberdade talvez estivesse ali dentro, entre os grandes espaços vazios deixados pelos objetos. Havia uma cama desfeita. Algumas coisas sobre uma mesa sem toalha. Flores murchas a enfeitar um passado. Me aproximei para ver a fotografia pregada na porta do armário. Era Gabriel com uma mão sobre o ombro de um sujeito louro. Estavam de pé, sorrindo. “É mais alto do que ele, e a mão está lá, sobre seu ombro”.

- É um amigo, mas já se foi. Sente-se e fique à vontade. Aqui está o vinho, espero que goste.

Gabriel veio se acomodar ao meu lado, na beira da cama. Eu havia afastado as cobertas e cruzado as pernas. Olhei-o e disse:

- O vinho é bom, é leve. - Talvez pudesse vê-lo interiormente.

- Você não é de falar muito. É o seu temperamento? Eu sou do tipo que fala. Percebo as pessoas e falo com elas. Sinto-me bem tendo alguma coisa para contar.

A mão tocava minha perna levemente. O calor incômodo voltava, me atingindo a pele. Tentei mudar de posição. Descruzei as pernas. Bebi o resto do vinho de um só gole e pedi mais.

“Ele é o Arcanjo. Traz o nome daquele que fala a mensagem nova. O nome do Arcanjo é Gabriel”.

- Você vive sozinho também? Procura alguma coisa? Às vezes me pergunto se dividir uma vida com alguém não seria muito penoso. Algumas vezes me sinto só, como um cão vagabundo. Tem dias que não quero ver ninguém. Se aparecesse alguém eu o mataria. Sou passional. Desses que agem pelo impulso, sabe? Tenho medo de mim, certos dias. Na maioria do tempo eu me controlo. Gostei de você.

Levantei-me e andei pelo quarto. Precisava responder algo, ainda não sabia o quê. Não havia quadros nas paredes. Encardidas e sujas, como certos momentos da vida. Estávamos ensaiando. Fui até a janela e parei. Uma chuva fina escorria pelo vidro. Estiquei o olhar até a calçada. As árvores balançavam com a fúria do vento. “O vento é o dono das árvores. Comanda os seus movimentos, quer possuí-las”. Estava de costas para ele. Podia sentir o peso dos seus olhos sobre meus ombros. A rua estava deserta. A luz do poste, colocado em frente à casa, batia tenuamente no chão. “É um espelho molhado que estenderam na calçada”. Parecia um túnel aquela rua abandonada. Havia um silêncio pairando pelos cantos do mundo. Entrei no túnel como que por impulso. Necessidade vital de me mover de onde estava. Trezentos metros de angústia, calculei. Seriam só poucos passos e a luz surgiria, salvadora. Eu poderia optar, diante daquela revelação. Todos os caminhos levam à morte. A única coisa realmente certa. Meu humor mudava. “Sou um camaleão. Estou negro como a noite, molhado como a chuva,

perdido como eu. Deve estar tirando a camisa. Aquele peito peludo a me espreitar. Somos iguais. Ou não somos? Quantos anos terá? Mais de trinta, certamente. Acho que não suportaria a ânsia que viria, depois. Talvez até fosse interessante. Ir até a morte por um outro caminho”.

A chuva passara. O vento amainara. “Gozou e foi embora. O vento não presta; é como nós”. Não poderia aguentar por muito tempo a viagem de volta. Sentia-me ultrapassando a janela e retornando ao quarto. Antes, porém, a pergunta me latejava as têmporas: por que essa proximidade? Por que essa gosma inevitável que sai de dentro, sem a gente querer?

Virei-me. Oscilei sobre as pernas. Senti o quarto rodar e voltar ao normal em segundos. Ele estava lá, no mesmo lugar, sentado sobre a cama. Olhava-me, estático. “Espera por mim”, pensei. Falei pausadamente:

- A liberdade vive dentro da gente. Sós ou acompanhados, somos livres ou não. São os momentos que não se repetem.

Estava parado em frente a ele, enquanto seu olhar passeava por sobre meu corpo. “Estou tirando a roupa”.

- Sente aqui e me fale sobre essa liberdade. Vejo que me percebes bem. Já não sou um estranho. Talvez pudéssemos descobrir algo juntos. Um caminho, um prazer. Aceita jantar comigo?

A minha personagem mudava de cena e se tornava a principal. Eu comandaria o espetáculo dali por diante. O Arcanjo estava vencido. Caído por sobre a espada do Vingador. Os humanos são mais fortes do que os anjos. A dominação acontecia de uma maneira permitida. Havia uma concessão no intuito de achar o caminho. Eu estava com a chave do Paraíso.

Encarei-o com certa simpatia. É a fraqueza, refleti. O Anjo tinha fome. Olhei-o e disse:

- Já passei dos trinta anos. Sou um animal acostumado a procurar comida em latas de lixo. Olhe para mim e verá as marcas. Eu desejaria ter dez anos a menos. Existem distâncias que são irre recuperáveis. Infelizmente me perdi no tempo, que já não controlo. Acho que não deveríamos ultrapassar os trinta anos, nos tornamos inúteis.

O Anjo agora era apenas uma sombra...

- Você não percebe que...

- Não, não fale nada. Poderemos escolher entre muitas outras coisas. Um casamento, um filho, ou mesmo uma navalha espanhola. Somos tudo, e, no entanto, não somos nada. Não vê que não existe sentido? Se não há instinto, temos que aceitar a carência como ela vem, e ficarmos sós. Vou sair por aquela porta, enquanto você fecha os olhos. Ainda há tempo de trocar de palco. Além disso, sempre resta o fio de uma navalha, guardada no armário do banheiro_ saí, deixando a porta aberta, escancarada, preparando uma outra oportunidade...

A noite veio quente e pegajosa. “Vai chover mais, e estou sem capa”. Não faria mal nenhum deixar que a água penetrasse minhas entranhas. Precisava de um banho. Por que aquela sensação de sujeira e aquele embotamento na garganta? Éramos animais, e estávamos vivos. Rumei para o Alianza por entre as vielas escuras, pensando sempre que temos de ir atrás de nós mesmos. Era uma sina.

Capítulo XII

Hesitei. Talvez fosse a fumaça que me penetrava fundo e fazia arder os pulmões. Estava trôpego, como se bêbado. O ar era de um azul ardido, escurecido pelas pálpebras, que se encolhiam, para tentar enxergar melhor. Alguns minutos apenas para me acostumar àquele habitat humano.

Parei em frente à mesa: olharam-me.

- Meu Deus, você está um trapo. - Juan se pusera de pé, ao meu lado.

- Tem um ar de quem dormiu de roupas.

Dessa vez a censura viera de Dolores, que sorria e segurava um copo de vinho branco. Falara aquilo com um ar de ternura.

- Como estão? Que bom vê-los felizes. - Falei com certo desânimo.

Passei as mãos pelos cabelos e me aprumei na cadeira. Tentava ser natural, apesar de ainda me sentir ridículo e sujo. Eles tinham razão: não havia partes inteiras naquela noite.

- Toma alguma coisa? Hei menina, outro copo. - André se virou e levantou o braço na direção do bar.

“Hoje ele está feliz. Talvez tivessem feito amor à tarde, ou fariam à noite, antes de dormirem um nos braços do outro”. Eram cacos da consciência.

Era raro me sentir totalmente à vontade na presença do grupo todo. Era como me visse obrigado a ficar calado. Sem revelações, sem fraquezas. Quando estávamos no apartamento, havia a música e o vinho, que nós mesmos escolhíamos, e o

aconchego. Uma intimidade velada e repartida, sem estranhos. Não ficávamos olhando uns para os outros ao redor de uma mesa. Talvez fosse eu o único a me sentir assim.

“Estou ficando paranoico. Somos os mesmos. Estamos aqui, como estaríamos em qualquer outro lugar. Estes são os meus amigos. Parecem diferentes. É a fumaça, o barulho, a luz que bate em suas cabeças. Os rostos estão esbranquiçados. Poderiam ser bonecos de cera. Um museu animado. Eles riem, como numa festa de natal. O Natal me faz triste. Poderiam parar um pouco de se mover. André talvez chorasse, com saudades da sua Argentina. Um país orgulhoso, a Argentina. Dá para ver em seu rosto a marca da teimosia. Não há o que temer. Quando estão isolados, os homens não são nada. Somos iguais. Iguais a nada”.

- Hei, francês, vamos beber, sim? - Levantaram os copos em um brinde.

- Comemoram o quê? Alguém ficou rico de repente? - Não pude evitar o sarcasmo na voz.

- Seguramente, não. Brindemos à amizade. Esta noite parecemos mais próximos uns dos outros. O vinho nos une.

Juan se levantara de supetão e a cadeira caíra para trás.

- Somos humanos nos comportando como tais. Um brinde a nós!

Batemos os copos uns nos outros.

- Estou cansado de saber que somos humanos. Todos os dias me olho no espelho.

Hernandez deixara cair os braços para debaixo da mesa. Parecia bêbado e infeliz.

Juan replicou:

- Ora, somos a escória do pensamento. Pensamos o dia inteiro. Lemos tudo que valha à pena. Discutimos nossas vidas de um modo elegante e suficientemente civilizado. Às vezes nos perdemos em divagações, mas somos normais. Seres que gastam seu precioso tempo em tentar definir a inutilidade da existência. Se você trabalhasse com esses seus braços grandes e não pensasse, você seria um lixo. Mas não, você pensa. Por isso merece um brinde

Ele havia deserdado a elegância e aflorado a sujeira. As palavras boiavam no ar azul daquele lago irrespirável. Estávamos paridos outra vez.

- Vocês viram a Hanna?

Juan girara o olhar em torno da mesa e acabara por fixá-lo em mim. Baixei os olhos para o copo, fingindo indiferença. André sorriu e completou a pergunta em tom irônico:

- Viram, por acaso, a senhora misteriosa? Aquela mulher ainda vai dar um bom livro de suspense. A dama dos olhos verdes.

- Vocês são tolos.

O rosto de Dolores se tornou sério. Completou:

- Se pensam que podem ter o direito de saber de tudo sobre todos nós. Vocês não sabem que sempre resta uma gaveta a abrir? Hanna é igual a qualquer um, apenas não é cínica o suficiente.

Girei os olhos e observei os rostos. Em cada um deles havia uma mancha escurecida. “A verdade se esconde, somos cínicos”.

- Quem gosta de música flamenca? Hernandez, certamente. Pedimos licença, Dolores e eu vamos flutuar um pouco.

André se levantou, arrastando Dolores pela mão. Ficou um vazio na mesa.

“Os corpos são necessários. Sem eles não resta nada”. Olhei o casal que dançava. Eram pedaços de alegria. Talvez a

bebida os embalasse. Abraçavam-se, deixando que a música ritmada os conduzisse. André cambaleava um pouco. “Vai cair a qualquer momento. Se ele cair, pegarei Dolores e a tirarei daqui. Iremos procurar um lugar solitário. Talvez fossemos para meu quarto. Tiraria suas roupas e lhe falaria de coisas novas. Inventaria novas frases e palavras nunca ditas. Descobriríamos um outro modo de fazer amor. Algo incomum a nós dois. Cairíamos ambos bêbados e nus sobre o tapete e adormeceríamos um nos braços do outro, cobertos de felicidade”. A música parara. André chegou rindo e cochichando algo ao ouvido de Dolores, que lhe retribuía com beijos e carícias.

- Aí estão os pombinhos. A felicidade só é completa quando achamos a outra metade. As metades, por si só, não param de pé. Bebo a esse raro momento. Ao sorriso do amor!

Juan erguera o copo cheio em direção à boca. Bebia tão sofregamente que deixava escorrer um fio vermelho pelos cantos dos lábios. “Baco ficará feliz tendo essas gotas só para si”.

- Olhem quem está chegando. Ei-la, parada na porta. Procura-nos, certamente.

Hernandez apontava em direção à porta principal. Vi Hanna. Torcia as mãos, a nos procurar com o olhar. Ao nos ver, se precipitou em nossa direção. Passava por entre as mesas mexendo o corpo sensualmente. Tentei ignorar o que senti ao vê-la assim, com um ar de desprotegida.

- Deus, como está bela!

Juan abriera os braços e gritara numa voz embriagada. Algumas cabeças se voltaram.

“Ele está bêbado e se aproveita disso. Põe para fora a sua vontade de cortejá-la. Sua coragem também é uma farsa”. Levantei a cabeça e nossos olhares se encontraram. Hernandez puxou uma cadeira e Hanna sentou entre Juan e Dolores.

Ali estávamos nós, o grupo perdido. Seis consciências perdidas a ampararem-se umas nas outras. Trocávamos de ambiente para não nos entediarmos. O que havia, afinal, de especial em cada um de nós, para que nos uníssemos assim? A solidão, ou o medo dela poderia ser uma resposta. O medo de descobrirmos que não éramos autossuficientes, como os animais mais primários. Inteligências pródigas, manchadas de cacoetes pequeno-burgueses. Lençóis limpos ao deitar; vinhos a descer leves e doces pela garganta; sorrisos espalhados por dentes alvos e bem tratados, corpos lavados, choros e lágrimas de tempos em tempos. Éramos tudo o que são todos, nada mais, nada menos. Uma peça de teatro trágica me deprime, assim como um romance de amor regado a beijos. Posso até gargalhar diante de uma comédia bem representada, ou mesmo me pegar chorando ao ver a mulher que desejo nos braços de outro homem. E então nos embriagamos e tentamos repensar e raciocinar friamente, já que o suicídio nos tiraria a melhor parte: a dor da vida. Fizemos imagens novas de acordo com a nossa própria imaginação. Despertamos a cada amanhecer com uma pontinha de esperança, que parecia ter morrido na noite anterior. Vivemos com ela um bom tempo, até que, finalmente, desaparece. Imaginei Juan, solitário em seu quarto. Semiembriagado pelo fato de estar embriagado. Imaginei-o sentado no escuro, pernas cruzadas, no centro da peça. Vestia pijamas. Toquei-o levemente com as pontas dos dedos. Percebi o tecido úmido. “Está destilando as contradições. Ficará mais leve e limpo. Ele não vive bem com as coisas ao redor”. Pensei que se Juan fosse uma montanha, isolada em um dos cantos do planeta, pudesse sentir-se melhor. Abri os olhos e ele estava ali, ao lado de Hanna. Sentado na minha frente gesticulava, como se o mundo lhe devesse toda a atenção. Vomitava seu sorriso em frases irônicas e vangloriava-se de poder dizer abertamente o que via e sentia, só porque estava bêbado.

Olhei para Hanna. “Está desconfortável, oprimida. Sinto que está com vontade de sair correndo, ou de nunca ter vindo”. De repente, um estalo. Ela sempre chegava depois, era sempre a última, como ela conseguia? O que estaria fazendo, que a prendia até o último instante e depois, imagino, saía correndo ao nosso encontro? E se ela não se chamasse Hanna, mas Morgana? Discípula de Merlin, com o poder de curar e mudar de forma. Não consigo percebê-la única, mas dupla, pode ser uma benfeitora e a pior das inimigas, terna e mortal ao mesmo tempo. Mataria o macho depois do coito? Eu havia sobrevivido, mas, e se da próxima vez...?

Pensei no meu livro e senti vontade de escrever. Quisera estar em algum lugar solitário, para poder me desnudar. Por um breve instante olhei por sobre as cabeças e admiti que poderia ser leal comigo mesmo, se quisesse. Se realmente fosse necessário. Aquele livro poderia ser algo novo. O retrato dos intestinos do coração. Os antigos abriam os cadáveres para ver-lhes os órgãos e pressagiavam sobre a sua morte, conforme a disposição de cada um deles. Os meus deveriam estar revirados, o que poderia confundir até os astrólogos etruscos. Se eu quisesse falar dos outros, teria de falar de mim. Para fazer isso, teria de tirar a carapaça e ajoelhar-me diante do espelho. Teria de ser num lugar afastado. Desesperadamente distante, para não sofrer as influências dos corpos.

A vontade sumia assim, de repente. Escrever livros tirava o sentido de tudo. Revelar o que levamos a vida inteira tentando esconder só traria mais desgraças para quem se descobrisse no meio das páginas. Suicídios, talvez. Compreendia que não era fácil ser uma mente e um corpo naquele momento. A bebida livrava a dor de se pensar além das mãos. O cérebro ficava tão pequeno, que poderíamos dormir numa jaula, junto aos macacos.

- Toda essa música não te excita? Por que não dançamos todos de uma só vez? Quem não tiver par, que pegue uma garrafa e brinde à solidão.

Juan enlaçara as mãos de Hanna entre as suas. Ela sorriu e retirou-as devagar.

- Se todos dançarmos poderiam pegar a nossa mesa. O lugar está cheio. Há pessoas de pé.

Dolores falava sem fixar ninguém.

- E quem liga para isso? Dividiremos a mesa com todos. Dias virão em que tudo será de todos. Não teremos nada de nosso. Até os filhos repartiremos. Será a contribuição de cada um para encher este país de vida, de gritos, de eternos sorrisos.

A bebedeira trazia à tona as revelações. De repente me senti diante do espelho, completamente nu.

- Sabe o que vai acontecer? Matamo-nos uns aos outros, isso sim. Se tocar um dedo em qualquer coisa de meu, eu te mato.

Hernandez se levantara e saíra bruscamente.

- Poderíamos nos odiar? Nos tornaríamos inimigos e nos mataríamos? Você, francês? Você, André? Quem sabe você, Hanna? Uma mulher bonita eliminando seus próprios desejos. Faríamos justiça retirando alguns corpos do nosso convívio. Talvez eu mereça não estar aqui.

Juan pusera as mãos no queixo, como a meditar sozinho.

- Não diga bobagens. Se nos agredimos é porque, no fundo, nos respeitamos. Eu não falo coisas a estranhos, apenas a amigos. Não é verdade o que digo?

Respondi, tentando ser convincente. Não havia verdade no tremor da minha voz.

- Somos leais uns com os outros. Nos satisfazemos com alguns berros, uns poucos gestos, algumas ameaças. Daí a nos matar uns aos outros, impossível.

Aquela conversa toda se tornara inútil. Meia dúzia de palavras jogadas em cima de uma mesa por um punhado de seres bêbados, que não sabiam o que fazer de si mesmos. Passou-me um complexo de culpa por não ter dito algo mais concreto. Não havia razão para deixar no ar todo aquele palavreado. Tinha certeza de que ruminaríamos sobre o travesseiro cada frase e cada instante daquele malfadado encontro. Tentei pensar que talvez fosse bom para cada um de nós desabafarmos. Talvez chegássemos a um consenso; a algo que nos unisse ainda mais. Faço brotar felicidade escavando na terra suja. Afinal, eram apenas pensamentos, nada mais.

- O Hernandez saiu por minha causa, não foi?

Hanna torcia os dedos, apreensiva.

- Que nada. Aquele não sabe o que fazer do próprio corpo. Às vezes tenho a impressão de que o sujeito está preso dentro de si mesmo. Como se estivesse enjaulado em um corpo que não é dele. Viram como perdeu a cabeça? Acho que ele seria o único capaz de se matar.

André falava e eu ia imaginando a luta que Hernandez travava. Poderia ser verdade o que André dizia. Ele era estranho. Tinha ataques de agressividade gratuitos. Não se permitia aquela dose de hipócrita paciência que tanto precisamos, quando estamos cheios.

- Eu peso as coisas, sabe.

Dolores falava baixo, como consigo mesma.

- Se quero agredir, penso em quem será agredido. Isso diminui muito a minha raiva. Quase sempre desisto. Uma atitude de impulso pode podar uma amizade.

- Vocês, mulheres, são muito sentimentais.

Juan apontava Dolores com o braço trêmulo. Seus olhos já estavam opacos:

- Muitas vezes o que se precisa é dar um bom safanão no mundo. Sacudi-lo um pouco. Dar uns berros. É como uma descarga elétrica. Depois passa. E nos sentimos melhor. O mundo entende.

Aquela sensação outra vez. Era como se uma grande mão me agarrasse pela nuca e me puxasse para fora do cenário. Sentia-me como um espectador. Uma engrenagem solta, que não faz falta ao conjunto, arritmada. Fecho os olhos e me imagino escorregando lentamente para debaixo da mesa. Olho boquiaberto aquela quantidade de pernas e mãos a se mexerem nervosos para um lado e para o outro. Mãos se esfregando em impaciência. Carícias furtivas a acalentarem promessas futuras. Pés solitários que jamais souberam o contato de outros pés. Enregelados. Abandonados. A envelhecerem dentro de sapatos cansados.

No meu abandono voo por sobre as mesas alcoolizadas e fujo pela primeira janela aberta. Descubro a noite. Tropeço nos bêbados que se acotovela pelas esquinas, dividindo seu infortúnio.airo por sobre a cidade em direção ao mar. Sinto aquela brisa gelada ao me aproximar daquela imensidão. Paro, extasiado sobre a rocha mais alta, tentando descobrir no barulho das ondas alguma mensagem que renove a vida. Imagino aquelas criaturas todas vivendo nas profundezas e sinto a certeza de que, em algum lugar, bem lá no fundo, escondido entre as pedras, há uma criatura semelhante a mim, dividindo comigo aquela solidão.

Percebo as estrelas atapetando o céu. O mar e o céu são negros. Sei que tudo está lá: um ponto além do meu alcance. Posso sentir na escuridão a fúria das ondas, a quebrarem nas pedras. O mar existe, apesar de mim. Se eu não estivesse ali, ele existiria assim mesmo. O mar para toda a Eternidade. O que eu sou? Poderia indagar. Um pedaço de carne. Um ser pensante que existe e não existe. Algo a menos no universo das coisas. Se eu pudesse

estender os braços e abraçar o mar, para fazê-lo compreender que estou ali, parado, vivo, existente diante dele. Levanto os olhos e vejo as estrelas. Testemunhas de que não estou ali, na realidade.

Na verdade, estamos todos cansados. Representamos mais um capítulo. Fechamos mais um dia. O palco perde seus atores um a um. O garçom levantava as cadeiras, colocando-as em cima das mesas desocupadas. Tive a impressão de que as falas acabaram. Ninguém mais tinha o que dizer, pelo menos àquela noite. Resolvi me levantar e sair antes de todos. Queria evitar a ânsia de frustração quando a noite finda. Parece que o sono é o leito da morte. Evitamos sempre nos despedir, por causa da depressão.

Saí a andar sem direção. Acharia o rumo do meu quarto instintivamente. Os animais sempre acabam retornando ao ninho de onde partiram. A noite estava calada e sombria. Havia um vulto a me seguir. Virei e não vi ninguém. Era o álcool. Meus passos refletiam um caminhar cambaleante, embriagado da presença humana; alcoolizado pela presença acumulada daqueles vários corpos. Inocentes de ser o que são, culpados por existirem e teimarem em tentar sobreviver. De repente dou um salto: um gato pula de um muro e sai correndo pelo meio da rua, desaparecendo em seguida. Penso que era amarelo, mas depois vi que era pardo, como todos os corpos que povoam a noite.

Capítulo XIII

O despertar do dia: um novo recomeço. Decidira ficar com os olhos fechados. Pensava sobre tudo, mas sem haver uma coerência ou um sentido lógico para os pensamentos. No interior da mente as coisas se colocam em pedaços, feito um saco de espuma sintética, toda espicaçada, pronta para encher alguma almofada ou um travesseiro qualquer. Pensava em tudo, porém, tinha um significado. Não um significado com um sentido lógico de existência, com uma explicação espiritualista ou simplista, que se explique por si só, com qualquer palavra abstrata. Mas um motivo real, mesmo que imperfeito. A lógica não conduz somente às verdades, contudo não deixa de ser lógica, se estiver ligado ao objeto um fio condutor qualquer.

Apesar da incerteza da existência de uma realidade, nem sempre conseguia encontrar o imediato desejado, e então surgia o absurdo, o inexplicável. É certo que o inexplicável só é assim até o ponto em que o descobrimos, então se torna uma jocosidade, uma brincadeira, às vezes até ridícula. A vida é formada por essas piadas infames, essas sombras tétricas, desconhecidas e terríveis enquanto sombras, engraçadas e até patéticas quando iluminadas.

Estava nu. O quarto envolto em penumbra clara permitia a percepção. Com os olhos semicerrados percebia os contornos do meu corpo sob o lençol fino. O peito arfando devagar. Escondendo a válvula vital que permitia aqueles desatinos. O lençol se alargava na cintura, por estar estendido e solto, mas se estreitava ao tocar o ventre, deixando transparecer o volume do sexo, inerte, como coisa morta, saciada e inútil. As coxas arredondadas formavam uma espécie de concha, com o pano que caía entre as pernas, para terminar na saliência dos pés, já com um ligeiro joanete a me incomodar de vez em quando. Esta era a imagem da perfeição. Um

ser em deterioração. Um desfrutante da beleza sem jamais tê-la inteiramente. Eu era o objeto da descabida perfeição do nada. O caminho para lugar algum. Flores a florir e murchar ao mesmo tempo. Um tempo sem parada, sem significado, a não ser simplesmente passar, embelezando e destruindo quase que no mesmo instante.

A luta contra o tempo. A tentativa de ignorá-lo me envelhecia. Apenas os pensamentos poderiam ser atemporais. No momento, a minha única coisa verdadeira. Manipulava-os ao meu prazer. Aliciava a vontade mais recôndita. Deflorava as angústias até torná-las cúmplices da minha própria existência. Matava-as dentro da mente. As angústias, por momentos, não existiam mais. Aqueles breves instantes se tornavam a minha ponte para a Eternidade, onde eu sabia o caminho de volta. E então podia ir e voltar quando quisesse. Perseguia os sonhos até desmanchá-los em memória palpável. Penetrava-os e participava deles. Criava histórias onde os dias nasciam para me servir. Os acontecimentos eram curiosamente providenciais para mim. Havia o triunfo e a glória. A satisfação do existir compensava algumas poucas tristezas. Nesses sonhos não havia lágrimas. Meus pensamentos eram escravos das minhas vontades perdidas. Coisas tolas passavam a ter importância. Existir era importante. Quando tudo acabava, me via cansado e absurdamente ridículo.

Estiquei o braço esquerdo e a senti se mexer. Olhei, assustado, o corpo deitado ao meu lado. Aos poucos a memória clareou a mente. Celine era o vulto que me seguira.

Havia conseguido, sem muito esforço, que ela viesse ao meu quarto. Certas passagens pareciam confusas, mas o que importava era ela, e estava ali. Sentei-me na cama para olhá-la. Era jovem, cabelos anelados e claros. Era bela. O amor que fizemos desaparecera quase que totalmente em meio à bebedeira. Instantâneos de prazer me vêm à cabeça. Lembro-me de tê-la despido, suavemente. Iluminada pela luz artificial que entrava por

uma fresta da janela vislumbrei-a nua, como uma aparição desejada. Celine era um sonho erótico, em meio ao álcool e à tontura da madrugada. Deitei-a atravessada na cama. Seus cabelos com cheiro de maçã me embriagavam ainda mais. Com a boca em seus lábios, penetrei-a calmamente, entrando devagar, e observando as contrações do seu rosto, oscilando entre o prazer e a dor. Era uma criança sendo embalada por algum brinquedo, que a fazia se contorcer em sorrisos e beijos molhados.

A sensação do toque não era real, como se ela estivesse distante das mãos, e apenas perto do pensamento, do desejo. Dormia suave. Mulheres assim são como flores, exalam uma espécie de perfume doce, que jamais se enjoa. Como se o odor exalado dessas rosas possuísse uma magia, um elixir que se bebe na boca, envolvente, paralisante, sorvendo a saliva. O amor é feito devagar, sem pressa alguma, na intenção da eternidade, imortalizando a perda dos sentidos controlados, liberando a inconsciência do êxtase, que jorra solto e deliciosamente cansativo.

Ao entrar em seu corpo senti o desejo de me fundir a ela, de nos transformarmos em um só ser. Tentei capturar seu frescor e sua juventude. Amar uma mulher jovem é renascer a cada carícia, a cada beijo, e quando se goza, vem a sensação da vitória final, como se ela nos pertencesse para todo o sempre. O corpo amolece, se perde na sua pequenez humana. Celine deveria ter sido assim, se o vinho não tivesse embotado até as recordações mais fortes. O corpo estava ali, inocentemente aliviado, desnudo e fresco. Celine tinha seios de criança, arredondados e pequenos. Botões de rosa renascendo com o orvalho da manhã. A poesia do momento. Uma poesia só minha. Própria do meu egoísmo, da volúpia que apenas eu sentia, ao vê-la frágil, ao vê-la criança, ao possuí-la e tornar-me o senhor dos seus desejos, do seu prazer. Agora ela estava ali, deitada ao lado de um perene e abstrato escritor do vazio.

Se eu tivesse um relógio, talvez visse marcado nele oito ou nove horas da manhã. Era cedo ainda. Um cedo para nada. Não

havia nada a fazer, a não ser lutar contra aquele tédio, a não ser a favor da procura daqueles motivos inexistentes.

Se eu fosse André, e tivesse Dolores ao meu lado, até a acordaria para traçarmos um plano para o dia. Talvez pudesse amá-la, olhando direto em seus olhos, vê-la revira-los por um motivo a mais, do que somente eu em cima dela. Dolores diria que valeria à pena eu sentar na escrivaninha, abrir a máquina e escrever pelo menos notas aleatórias. Uma espécie de roteiro, quem sabe. Poderia traçar um esboço do livro, que aparecesse uma linha a seguir. Poderíamos falar do Natal, ou das bombas, que às vezes mandavam alguns para o inferno. A infância era um bom assunto. A inocência faz surgir a graça. Eu poderia contar-lhe daquela vez em que me perdi no mato, passando toda a noite completamente aterrorizado pelos barulhos desconhecidos e que, ao acordar, estava a menos de vinte metros do acampamento. Eu tinha apenas doze anos, mas no dia seguinte, olhava as pessoas adultas como se tivesse o dobro da idade delas. À tarde voltei ao lugar, e a floresta já não era mais a mesma. Os barulhos haviam cessado, e eu estava adulto. Se tivesse coragem, lhe contaria do assalto. Aquele revólver apontando direto para a minha cabeça, uma cabeça desamparada e torpa de medo. Sujei as calças, e depois que os sujeitos se foram, desatei a chorar, qual uma criança parva. Estava vivo, e vencido. E eu já tinha trinta anos.

Aquela não era Dolores. Celine era apenas um ato poético, nada mais. Uma espécie de lirismo, que os homens precisam tanto, de vez em quando. Um sonho bom e utópico. Um acordar com desejo de repetir, e a impossibilidade do imediatismo; apenas esperar uma próxima vez, sem planos pré-concebidos. Os planos antecipam os gozos e a surpresa qualifica o momento. Celine era o próximo porre inocente, talvez dali a uns tempos, ou nunca mais. Estava com sono. O silêncio, a atmosfera lânguida da penumbra, o ressonar suave da respiração de Celine, aquele cheiro de amor

espalhado no ar. O sono penetrava em mim como uma fumaça, lenta e profunda.

Em meio ao transe, me percebia dormindo, como se fosse puro, como se a sonolência me purificasse e me fizesse digno de ser o companheiro escolhido, o ideal, a perfeição. Antes de perder a consciência, quase pude perceber meu corpo levitar acima de nós, sobrevoando os espaços daquele quarto que parecia mais um santuário, com as roupas espalhadas, fruto da ânsia incontida, livros, cigarros e garrafas, como plantadas ao acaso por algum poder maior do que o nosso; uma força inerte, mas dominadora, puxando cordéis, levantando pernas e braços, penetrando sexos, jorrando líquidos, reproduzindo sons e filhos, enchendo o mundo de gritos, guturas, dialetos incompreensíveis, que levavam às mesmas coisas, aos mesmos erros, e às mesmas nojentas abstrações.

Meu corpo estava acima de tudo aquilo. Eu podia voar por sobre a podridão e a beleza. Por sobre o meu próprio corpo, cansado, envelhecido, lutador vão, guerreiro abatido pela gasosidade, pelo pensamento desencontrado, pelo mundo. Voar por sobre aquela criança que caminhava para o fim. Aquela singela criatura, suavidade e loucura, passional sensação de entrega; vencida pelo mais primário dos desejos. Aquela criança era a trilha do grito primal, a esperança da gênese, crispando as mãos em torno dos seus cabelos, tocando com a boca no seu corpo, cavalgando o único motivo real jamais encontrado. Tudo pairava abaixo de mim, as respostas e as perguntas, sem ordem de chegada, sem desejos satisfeitos, em plena consciência de que nem Celine, que mudava conforme as horas, nem eu mesmo, que me derretia pelas noites, conseguiríamos debelar a nossa própria natureza, contraditória, e agora cada vez mais e mais sonolenta. O abismo se abria, e sem pensar, segurei a mão de Celine, e ela, sem acordar, encostou seu corpo no meu. Por um momento fomos um só corpo. Talvez uma breve resposta de tudo. Adormeci...

A casa estava fechada. Forcei a porta principal. Bati com aquelas trancas antigas, em forma de argola. O som soou forte no interior, mas depois de esperar uns segundos, ninguém abriu. Voltei para o jardim. A casa era enorme. Quatro andares. Uma daquelas mansões inglesas da Era Vitoriana. Mas eu não me lembro de estar na Inglaterra. Não era aqui, nessa terra gélida, onde não bate sol, que eu deveria estar. E esse ambiente bucólico. É belo, mas apenas quando se está apaixonado, e eu não estava amando ninguém. Quando se está assim, esse isolamento se torna em abandono, como se alguém se esquecesse da gente aqui, e fosse embora, para nunca mais voltar. Eu estava ali, abandonado. Aquela fonte, no meio do jardim, estava seca já há tempos. Completamente morta. Os pássaros que se banhavam ali também deveriam estar mortos, ou emigrados para algum lugar mais quente e menos solitário.

Por que eu estava ali? Gritei outra vez. Dessa vez, se houvesse alguém lá dentro, certamente deveria ouvir e me atender. Há alguém aí? Tem alguém em casa? Ouço música, ou será impressão? Parecia ter ouvido música clássica. Beethoven. O que ele estaria fazendo aqui, tão longe do meu quarto? Como sabia que eu estaria aqui também? Música clássica é exatamente a espécie de música que cabe bem ao ambiente: grave, um tanto conservador, sóbrio. A sobriedade é uma coisa ridícula. Comportar-se de um jeito, querendo agir de outro. Um perfeito absurdo. E para quê? Nada. Bateu o desespero. Contornei a casa. Forcei a porta da cozinha, mas também estava fechada. Colei o ouvido e ouvi o estalar de lenha, como se houvesse uma espécie de lareira, lá, a queimar. Senti frio, influência da mente, é claro. Olhei para mim, estava com o casaco que Michele me dera no primeiro ano em que estávamos juntos. Era de pele de lontra, quente. O ar estava parado, nada se movia. Voltei à frente da casa. Olhei mais atentamente. Havia um hall de entrada, amplo, com escadas. Colunas arredondadas, como as do Parthenon, sem as saliências gregas. Os tijolos apareciam, envernizados, típicos, ingleses. Perguntei-me por que, afinal, estava

tentando entrar naquela maldita casa? O que havia lá dentro que me interessava tanto? Talvez um telefone, mas ligar para quem? Levantei os olhos. De súbito, um rosto na janela.

Não conseguia ver direito. Era uma mulher, estava atrás de uma cortina fosca. Os cabelos pareciam os de Michele. O que ela estaria fazendo aqui, tão longe da Grécia? Agucei o olhar e identifiquei Michele. Era ela. Até aquele jeito de parar à janela, ocupando todos os espaços. Michele, é você? Abra a porta, por favor. Precisamos conversar. Por que você não me esperou em Madri, como combinamos? Não queria mais continuar a farsa, não é? Mas você poderia ter ficado e comunicado a decisão, me visto pela última vez. Não disse nada, nenhum recado. E o tempo de nós dois, foi tão ruim assim? Sei da indiferença, do egoísmo, sei de tudo isso. Foi inconsciente. Você sabe como é a minha mente, às vezes. Você sabe como sou impulsivo e desligado. Onde está escrito o melhor modo de amar alguém? Nunca ninguém jamais escreveu uma bíblia sobre isso. Ou será que isso está na verdadeira, e eu não sabia. Eu nunca li a bendita Bíblia. Você não sabe disso, não? Por favor, responda. Eu estou aqui, veja. Só, despojado daquilo tudo, sem nada de meu. Deixei as coisas para trás. Os desejos, os anseios. Trouxe comigo apenas aquele resto que sobrou na minha cabeça, apenas isso. Você algumas vezes me acusava de não conversar, de me fechar por dentro, mas eu mudei, acredite. Não sou mais a mesma pessoa, não sou mais o mesmo sujeito. Se as pessoas mudam, eu também posso mudar. Lembra uma noite em que você chorou, só porque eu adormeci sem dizer boa noite? Era o cansaço do trabalho, não de você. As coisas ficavam assim, no ar, mal explicadas. E depois se iam amontoando, feito lixo. Quando a gente ia ver, já estavam podres, sem recuperação, e então se começava de novo, mas nunca era a mesma coisa. Nós tentamos, isto é, você tentou. Mas não me pediu ajuda. Não sou perfeito. Nem na cama sou perfeito. Você sabe quantas vezes falhei, pelo excesso de leitura, bebida, cigarro. Sempre fiz o máximo, mas nem sempre

consegui. Anda, abra a porta. Celine! Não é com você, Celine, que estou falando. É com Michele que falo. Saia dessa janela e chame Michele. Você jamais entenderia o que estou dizendo, não agora, não ainda. Você é lírica. Não me pergunte a diferença entre você e Michele. Ela é uma mulher que ensina, você uma que aprende. Gosto de você, da sua pureza, e do seu quente e belo corpo. Mas você não é tudo, isto é, você é apenas uma parte, perdida entre outros corpos, que se acha apenas em mulheres como você. Mas também não é eterna, outras Celines virão. Não chore, não é tempo de você chorar. Quem é esse aí, atrás de você? Juan? Não me acuse Juan. Pare de perguntar por Hanna. Quem pensa que eu sou? O dono de todas as mulheres do mundo? Pensa que eu sou responsável pelas dores de todas elas? Eu tenho as minhas. Tenho de achar o Nirvana de mim mesmo. E não será com nenhuma delas. Não estão dentro de mim. Só eu estou dentro de mim, mais ninguém. Por que você não constrói uma bomba? Quem sabe os pedaços espalhados lhe dessem as respostas. Eu não sei o que Hanna faz, mas posso fazer uma ideia, só que isso interessa apenas a ela. Se ela quer ser o que é, problema dela. Não quero ver você morto por isso. Não, isso não. As bombas são para os outros, não para os amigos. É pela causa, não por causa de qualquer um de nós. Ela não é cética. É pura. Hanna é pura, como Celine, entende? Se ela faz o que faz, é porque acredita que é preciso. É o modo de ela esquecer a nojeira com o Felipe, o que ficou nela por dentro. Sempre fica algo, não vê a Michele? E ela nem quer mais falar comigo. Nada disso é verdade. Estou aqui, parado, feito um idiota, me confessando. Para quê? Você entende? Michele entende? O mundo entende? Quero acordar agora. Quando fico assim, quero acordar. Não aguento essa tortura inútil. Os sonhos são inúteis. Onde está a casa? Por que foram embora sem me dizer adeus?

Beethoven está ali, me olhando, ou é imaginação? Não consigo enxergar mais o corpo de Celine. Ela desapareceu. Se foi, ou nunca esteve? O bilhete, sobre o travesseiro, deixava beijos e

carinhos. A marca da sua boca, impressa com batom no papel, era testemunha de que o sonho fora real. Anoitecera outra vez. Era hora de voltar a viver...

Capítulo XIV

Nas últimas semanas, os dias haviam sido todos iguais. À noite, deitava tarde, vencido pelo cansaço de sentir tédio. Era como um imenso túnel: longo, vazio, infundo. Chegava tarde, invadia o quarto, como se fosse um intruso maltratado pela vida, muitas vezes com a cara cheia de pelos, barba de vários dias, olhos vítreos e perdidos na opacidade. Havia na boca um gosto amargo; um gosto que não pertencia à minha boca; simplesmente aparecia de repente, encharcando a língua; um sumo pegajoso, que engolia com dificuldade, e ficava uma ardência na garganta, um licor indesejável. Pensei que fosse por eu não estar me alimentando como deveria. Às vezes, trocava o almoço por uma garrafa de vinho tinto. Não sentia vontade de trabalhar no único motivo que me prendia àquela cidade: o livro que ainda não começara.

Durante as tardes mornas, me arrastava feito sombra pelas ruas de Madri. Observava as pessoas, as caras, os olhares. Dava longas caminhadas pelas vielas estreitas, alienado do movimento da vida, alheio aos gritos das mulheres nas sacadas, às buzinas dos automóveis, ao barulho das xícaras nos cafés, sempre cheios ao cair do dia.

Sentia-me um ser estranho. Um caso patológico. Um sintoma até natural, quando se está doente. Não era também uma doença comum. Era uma doença que começava pela alma, saía do coração, e era como se o coração fosse a morada da alma. Só poderia ser lá. Em qual outro lugar do corpo, poderia alojar-se a minha alma? Era patético pensar que ela poderia estar na ponta dos dedos, ou até mesmo dentro do nariz. Era, na verdade, impossível imaginar a alma longe do coração. E o coração ficava sufocado, apertado, trabalhando mais depressa, ou mais devagar do que o normal. Às vezes parecia que iria saltar pela boca. Seria engraçado

cuspir fora o próprio coração, e vomitá-lo na calçada, ou aos pés de alguém que passasse. Estúpido ficar fazendo gracejos com a própria dor.

Sentia-me patológico, porque olhava os rostos que cruzavam por mim, e não via nada, absolutamente nada que se assemelhasse ao meu próprio rosto diante do espelho. O meu rosto estava morrendo. Sentindo falta de um pedaço qualquer. Não havia brilho em meus olhos. Minha boca estava deformada. Meu hálito fedia a bebida e cigarro. Tinha os dedos amarelados da nicotina que se acumulara com o tempo. Os dentes mudavam de cor. Escureciam. Tornavam-se opacos. Dorian Gray teria certamente se reconhecido em mim, como se estivesse olhando o seu próprio autorretrato decompondo-se para o Inferno. Era o personagem de um romance, andando pelas ruas de uma cidade desconhecida. Desenraizada dos meus próprios pés. Descabida e desproporcional dentro da maldita cabeça.

Celine me acalmava, de vez em quando. Aprendera o caminho do meu quarto, e sempre que sua vontade mandava, ia me procurar. Batia levemente e entrava silenciosa. Tirava aquela sua roupa perfumada e deixava no ar a leveza e a juventude de um corpo que jamais seria meu de verdade. Ela era apenas um momento de sublimação de um ato que ao passar parecia mais um sonho que ficara perdido em meio a estórias de infância. A realidade era outra. Eu era o meu real, nada mais. Aquelas pernas cambaleantes. Aquelas linhas não escritas. Aquelas fugas malsucedidas. Esconderijos, fadados à descoberta. Carências, fadadas ao desespero. Eu era o tudo e o nada. “Se você adivinhar quantas pétalas tem essa rosa, ficaremos juntos para sempre, eu prometo”. Celine sabia que eu jamais acertaria, mas gostava de se arriscar. Eu sorria. Um sorriso cético. Pendendo entre a descrença da promessa e a esperança de fazê-la pagar tamanha ingenuidade. Algumas vezes chegava bem perto do número certo, mas sempre faltavam ou sobravam pétalas, e todas acabavam por enfeitar a

nossa fantasia, confundindo seu perfume com o perfume suave do corpo de Celine.

Capítulo XV

Uma vez, ao passar em frente a um bar, senti uma estranha sensação. Era como se aquele fosse um lugar marcado para um encontro, esperado há muito. Caminhara por longas horas vazias, ruminando meu interior como quem explora uma caverna, fria e úmida. Sentia algo inconcreto, mas intenso. Voltei alguns passos e entrei.

Sem querer olhei o relógio colocado na parede, acima do balcão. O dia caminhava para a noite. O dia era o marido de uma mulher que nunca via, ou talvez fosse um macho, correndo atrás da dama misteriosa, cansado e vencido pela sonolência da espera. Derrotado desde o início do mundo pelo mistério da escuridão.

O bar era frio. A temperatura caíra, mas aquele bar era mais frio do que o normal. Era como se meu corpo entrasse em uma câmara frigorífica. Enregelou-me a alma. Algumas bocas a tagarelar espalhavam seus ecos de encontro às paredes. Um homem solitário em uma mesa, perto da janela, espalhando cartas, que tirava cuidadosamente de um baralho. Talvez fosse Paciência, ou estivesse lendo a sua própria sorte. Trazia no rosto gordo e macilento um leve torcer de lábios. Poderia ser um sorriso, ou mesmo um muxoxo cético. Rindo da própria sina, pensei.

Encostada no balcão, uma mulher. Não estava mal vestida, reparei, mas escondia atrás da maquiagem pesada, as marcas do tempo que a matava a cada manhã. Mulher da vida esperando alguém. Esperando aquele que a pegará nos braços, e a carregará ternamente para o único leito amado que jamais tivera. Aquela bebida era eterna como sua espera.

Sentei no outro lado da sala. Na mesa do lado havia um casal. Se não estivessem sentados juntos, poderiam passar por dois

estranhos. Estavam calados. Olhavam absortos para os copos que giravam entre os dedos.

O garçom se arrastou até mim, trazendo uma garrafa de vinho, que não lembro de ter pedido. Havia alguma coisa no ar, além do frio. Um cheiro envolvente. Que tipo de liberdade Hanna queria, afinal? Ela não sabia que estávamos todos presos a nós mesmos? Jamais descobriríamos o que havia dentro de cada um de nós. Se o conseguíssemos, nos libertaríamos. Mas era impossível desvendar tudo aquilo. Havia apenas a esperança de um dia tropeçarmos, por acaso, no elo perdido de nossas mentes. A chave para abrir todas as portas, que encerravam os choros e os mistérios. Os anos de solidão. A sensação de infinito, diante de um instante de felicidade. Por que se sentir culpado diante da eternidade, que dura tão pouco? Para uns, a culpa vem depois, ou se transforma em prostração, diante da impossibilidade de repetir a sensação. Se eu pudesse exteriorizar meus sentimentos, talvez encontrasse na regressão física, o que procuro. Perdemos o rumo em algum lugar do passado. Uma transformação forte demais, ou tênue demais, para que saibamos onde está a ponte. Um macaco poderia dar-me a resposta.

O cheiro se tornara mais forte, ácido. Parecia fazer as pessoas daquele lugar se sentirem diferentes. Não havia mais barulho, nem gritos. Olhei o balcão, o garçom sumira. A mulher se desencostou de onde estava, caminhou até o meio da sala, e começou a dançar. Bailava entre as mesas, agitando os braços, como em um balé. Não havia música, mas ela sorria e dançava mais e mais. O garçom saiu de trás de uma cortina, vestido de palhaço. Rosto pintado. Abraçou-se à mulher, e ambos dançaram uma espécie de valsa muda. Abriam o compasso em grandes leques. Olhavam um nos olhos do outro. Olhei para a mesa onde estava o homem gordo, no instante em que este se levantou e jogou todas as cartas para cima. Uma a uma, as cartas espalhavam-se pelo chão, em grandes voos desencontrados. O gordo dava sonoras

gargalhadas. Arreventava de tanto rir. Depois foi se juntar aos outros que dançavam.

O casal que antes estava ao meu lado se sentara agora na minha mesa. Ofereciam-me suas bebidas, chegando seus rostos perto do meu. Sorriam, mostrando os dentes, as bocas escancaradas. Tocavam os meus braços. Passavam as mãos em torno do meu pescoço. Sacudiam-me. Senti, de repente, a música, que arreventava meus ouvidos. Uma melodia que jamais ouvira. Não tinha certeza se eram violinos, ou harpas, ou cítaras. Sons agudos. Profundos. Feriam-me os tímpanos. Esburacavam meus miolos. Tentava me desvencilhar daqueles braços, ao mesmo tempo em que procurava esconder os ouvidos com as mãos. Minhas mãos sangravam. Como se a música as tivesse cortado. Não doíam, apenas sangravam. Um sangue quente, naquele ar gelado. Bebi o vinho. Estava quente como o sangue que manchava a toalha de pano branco, que cobria a mesa. Comecei a gritar. No pânico, percebi que todos estavam ao redor da minha mesa. O garçom vestido de palhaço, o gordo de cara macilenta, a velha prostituta, o casal patético. E riam, riam muito. Riam mais alto do que a música. O riso era a música. O que eles queriam de mim? O que queriam de um sujeito que nem sabia dançar direito? O que era, afinal, aquela casa de loucos? O garçom me sacudiu levemente:

- Senhor, acorde. Já é tarde e o senhor terá de ir embora. O bar está vazio e já vamos fechar.

Mais um dia sem rosto que chegava ao fim. Levantei-me e saí. A noite estava fria...

Capítulo XVI

Entrei no apartamento de Hernandez, naquele fim de tarde, mais por hábito do que por vontade de ver ou falar com alguém. Não havia ninguém àquela hora do dia. Os outros chegariam mais tarde. Servi-me de um copo de vinho e fui sentar-me na biblioteca. Estiquei o corpo numa grande poltrona de couro, a favorita de Hernandez.

Aquela sala era o lugar que mais me agradava no apartamento. Os móveis, sóbrios, escuros, pesados, davam uma aparência de seriedade, de um clima tranquilizador e silencioso. As paredes, repletas de livros, me faziam relaxar. Tinha predileção especial por livros. Os segredos escondidos entre as páginas são como mágica. Multiplicam-se. Reproduzem-se, escondendo mais e mais mistérios. Sorriem da nossa pouca capacidade de apreensão, da nossa lentidão. Mas também havia um quadro, isolado em uma das paredes. Como que abandonado. Era uma reprodução do “Bebedor de Absinto”, de Degas. Um quadro onírico. Não podia deixar de admirá-lo por longo tempo, sempre que podia. O retrato da realidade. A *belle époque* pequeno-burguesa posta à limpo. O homem me lembrava Carlitos, o personagem de Chaplin. A cartola, o semblante em total desamparo e abandono, próprio da raça humana quando se descobre a si mesma. Às vezes sentia o gosto daquele absinto, tão languidamente ingerido. O último gole, a derradeira desesperança. A mulher ao seu lado tinha o olhar parado. Um ar de cansaço. Atitude de entrega, de fim de festa. Degas havia conseguido retratar o ocaso da raça humana sem derramamento de sangue. Um tumor interior. Uma contradição. Gerando-se entre as entranhas, antes do fim.

Talvez a Espanha estivesse morrendo. Talvez o mundo estivesse morrendo. O mar já não era mais tão limpo e claro. O céu perdia aos poucos aquela cor azul. Havia buracos no céu. Talvez a

Terra estivesse morrendo. Quando perambulava pelas ruas, não via diferenças entre essa ou aquela cidade. As pessoas haviam mudado em toda parte. Não olhavam mais para cima, ou para os lados. Eram estúpidas, negligentes. O ser humano se deteriorava aos poucos. Não havia confiança. Salvarem-se a si mesmas era a palavra de ordem. A unidade. Se as bombas explodiam, davam graças por não terem sido elas a morrer aos pedaços, espalhados pelas sarjetas. Estavam vivas, era tudo.

Meus amigos eram um enigma, assim como eu. Meses juntos trocando confidências, revelações, e não conseguia distingui-los muito bem. Uma névoa encobria a todos nós. Estávamos cobertos de contradições. A Humanidade estava doente. Uma doença vinda de dentro, imaterial.

O que havia além da satisfação do pleno sentir? O imediatismo era a realidade. Não havia futuro para ninguém. Hanna lutava por uma liberdade que, no fundo, era somente dela mesma. Lutava por sua própria libertação. No momento em que a conseguisse, largaria todo o resto. Talvez até quisesse casar e ter filhos. Perseguir a própria frustração seguindo outros caminhos. Acabaria cansada e morta. Sentar no fundo de um bar qualquer, bebendo e esperando o apocalipse talvez fosse a melhor solução.

Eu não estava conformado. Estava apenas confuso. Perdia-me entre perguntas infinitas e respostas que nunca me satisfaziam. Faltavam pedaços de mim. Deixara espalhados pelas ruas e estradas, ou mesmo nunca os tivera. Nascera defeituoso. Meu espírito era uma aberração. Uma extrapolação. Um passo além de qualquer satisfação normal.

Hernandez havia chegado e me surpreendido absorto na biblioteca. Em seguida apareceram André e Dolores e mais tarde Juan. Faltava apenas Hanna para completar o clã.

- Vocês leram sobre as últimas explosões? O ETA assumiu novamente os atentados. Por que não deixamos tudo isso para o Dia do Juízo? Lá resolveremos tudo de uma vez.

Juan estava colérico.

- Para mim é indiferente. Vamos ter de morrer mesmo um dia. Tanto faz que seja mais cedo ou mais tarde. Ficamos apavorados quando tudo se torna uma surpresa, apenas isso.

André, dizendo isso, revelava um pouquinho da sua interioridade, coisa nova para mim.

- E você, francês? O que acha dessa nossa guerrinha particular?

O sorriso de Hernandez me lembrava uma piada qualquer. Respondi que o diabo eram as pessoas inocentes. As crianças, velhos e mulheres, e mesmo os homens que não tinham nada a ver com isso. No fundo não me importava muito. Estava povoado de fantasmas.

- Estou tentando achar um ponto que dê algum sentido. Bombas e obras de arte. Museus, galerias e corpos carbonizados. Tem de haver uma saída.

Não pude me conter e, insensatamente, num ar blasé perguntei a Juan:

- Estive pensando que, apesar das nossas conversas e encontros, eles só acontecem aqui ou na sua casa, meu caro amigo Juan. Dou-me conta de que você nunca me falou de outros amigos, a não ser de nós cinco. Que coisas interessam mais além de se queixar dessas bombas? Probleminhas domésticos, aliás. O que acha, por exemplo, da briga entre palestinos e israelenses?

A pergunta explodiu no meio da sala, qual uma bomba terrorista, assim, de surpresa. Todos me olharam com caras mexidas, olhos arregalados, espanto total. Juan parou com o copo

de vinho a um palmo da boca. Num décimo de segundo passou do espanto ao autocontrole total. Olhou-me direto e falou mansamente:

- Uma luta insana, demente. Mortos inúteis dos dois lados. Mas, por que me pergunta isso com tanta veemência? Algo a declarar? – Sorriu de leve.

- Nada demais. É que outra noite parece que vi você na rua com um sujeito estranho, que me pareceu familiar. Mas não consegui me aproximar o suficiente para identificar nem você nem ele com certeza. Acho que foi alucinação, dessas que aparecem depois que saímos do Alianza cheios daquele bom vinho. O homem de quem falo parecia árabe, e acho que falava em árabe também, mas, como disse, andei vendo coisas. – Procurei tornar meu tom de voz o mais natural possível.

- Alucinação mesmo, amigo. Descendo de palestinos, mas sou espanhol de nascença, esqueceu disso? E nem falo árabe, se você quer saber. – Pensei sentir uma tremura em sua voz, mas não sabia ao certo.

- Esquece, vamos trocar de assunto. Aliás, vamos deixar essas explosões de lado e falarmos de coisas mais amenas e agradáveis, está bem? - Ponderei.

Dolores também parecia indefinida. Seus olhos não aparentavam nenhum medo, apenas preocupação.

Na verdade, a meu ver, éramos pacifistas. Não estávamos muito preocupados com a causa, de nenhum dos lados. Éramos intelectuais estúpidos e alienados. Absorvidos no nosso pequeno e ridículo mundo. Deveríamos fundar um país à parte. Um mundo nosso, exclusivo. Havia guerras por todos os lados. Brigas diferentes, causas diferentes. Os motivos que fossem para o Inferno. Não pertencíamos a nenhuma delas. Tínhamos nossas próprias preocupações. Precisávamos resolver a nossa própria guerra íntima. Não havia tempo para os outros. Além disso, havia as paixões. A

paixão e a decadência alucinada que nos alienava. Um halo que se formara em torno de cada um de nós. Gerando angústias, medos, incertezas, carências e até amor. A paixão tomava diversas formas. Ocupava-nos. Personalizava as nossas atitudes. Transferia-nos para outras dimensões. Estávamos juntos, mas ocupávamos espaços diferentes. Não havia possibilidade de nos comportarmos como uma coisa monolítica. Minhas dores íntimas me incomodavam tanto que me esquecia de que havia outros ao meu redor. O vazio não era preenchido por nenhum deles. Nem juntos nem separados. Éramos peças desajustadas tentando trabalhar juntas. Às vezes me dava conta de tamanha inutilidade. Poderia Michele saber disso tudo e ter me abandonado pela certeza do nada? Quem sabe ela visse os mesmos espectros que apareceram para mim somente depois que ela se fora? A interrogação ficaria no ar. Sentia a cabeça pesada, como se estivesse cheia de ferro retorcido. Uma sucata enferrujando ao sol.

- Você já sentiu a sensação de estar andando em círculos?

Não sabia por que, mas a pergunta de Hanna não me causara surpresa. Já a fizera a mim mesmo muitas vezes. Ela chegara lá pelo fim da noite. Não cumprimentara ninguém. Estava bêbada.

- Não sei a resposta. Creio que cabe a cada um responder. Os círculos são diferentes.

Falei sem sorrir.

- Não brinca comigo. O caso é sério. Há meses que parece que vou a lugar algum. Nada faz com que haja uma continuidade na minha vida. Tudo é normal, parado, repetitivo.

Hanna estava linda naquele vestido azul-escuro. Linda e séria. A embriaguez a tornava diferente. Havia certa inquietação em sua voz. Envelhecera um pouco.

- Não estou brincando. Apesar da sensação repetitiva, as pessoas são diferentes. Eu também, às vezes, sinto que não saio do lugar. No momento atual sinto que não andei mais que alguns passos. E nem sei para que lado fui. No entanto sei também que sou culpado. Não tenho resposta, se você quer saber. O que você tem?

Fiz a pergunta sem pensar muito nas consequências.

- Você não pode me ajudar. Estou fazendo da minha vida um instrumento para uma coisa maior. Bem mais importante do que eu e os meus sonhos mesquinhos. Preencho um espaço em mim. Traço um rumo qualquer. Sei que tem de ser algo grande. Algo que valha à pena arriscar essa vida ínfima que levamos. Que sejam os outros os beneficiados, não importa. Mas demora tanto! Os dias se repetem e muitos são estupidamente iguais. Acordo e passo o dia com os mesmos pensamentos, os mesmos desejos insatisfeitos de dias anteriores. Não mudo um centímetro sequer. É nojento. Tenho medo de morrer assim, sem utilidade. Existir apenas não chega.

O ser inexplicável de Hanna acrescentava algo positivo ao meu ser. Poderia ser o meu lado feminino refletido naquela mulher semiembriagada, de voz pastosa e figura envolvente. Havia uma overdose de dúvidas injetada em nossas veias. Viajávamos pelo mesmo espaço vazio, trilhando diversos caminhos, mas todos rumando ao infinito.

Capítulo XVII

Enquanto eu tomava meu café devagar, que acabara de fazer, após mais uma noite remexida e povoada de sonhos desconstruídos, ligara a televisão e, sem ouvir o que dizia, me perdi em pensamentos, tentando explicar a mim mesmo um pouco de tudo que acontecia naquele espaço de tempo vazio e desarticulado.

Meu problema maior era os dias que apesar de se sucederem iguais uns aos outros, agitavam minha imaginação. Minha vida era um imenso turbilhão interior. À noite, entre as paredes do meu quarto, me sentia enjaulado. Comparava-me muitas vezes a um animal feroz que deveria permanecer longe dos homens, ou mesmo um ser de outro planeta, inadaptado àquele lugar comum. Minha mente me pregava peças, mesmo acordado. O excesso de bebida, de fumo e de café me haviam tornado alerta e desconfiado. Passava muitos dias sem ver a Hanna ou a qualquer um deles. Tudo me preocupava e era como se ninguém existisse, apenas suas lembranças, meio mortas, meio sombreadas no fundo da alma.

Via em meu quarto um pedaço de mim. Era como a extensão de um braço ou de uma perna. Aquelas coisas faziam parte do meu próprio corpo. Olhava a cama vazia e percebia nela um ar de cumplicidade. Éramos ambos dividindo a angústia dos nossos devaneios. Beethoven me censurava toda vez em que não conseguia percebê-lo na penumbra ou mesmo vislumbrá-lo durante as madrugadas.

Estirava-me de costas, olhos abertos e via diante de mim uma figura ausente. A parede do lado oposto sofria uma espécie de mutação. Tudo ao meu redor adquiria vida. Algumas figuras desapareciam dando lugar a estranhos objetos de formas bizarras. A sensação era de convergência para uma coisa só. Os objetos

fundiam-se num grande bloco. A retina era invadida por aquela massa de cor singular, envolvente, ludibriando as captações de uma mente normal. De repente as impressões iam perdendo a exterioridade. Confundindo e misturando meu corpo àquele cenário alucinógeno. Ao tentar retroceder ou avançar no tempo não havia um juízo perfeito que discriminasse os objetos. Todas as explicações que surgiam constituíam-se em operações mecânicas, não encontrando de imediato seu equivalente.

Não havia possibilidade de saber o limite ou a extensão do tempo gasto nessas alucinações. Havia noites em que duravam apenas alguns minutos, em outras atingiam as primeiras horas da manhã. A memória retornava às imagens e as ideias reapareciam. Desfilavam divorciadas dos conflitos. Os objetos deixavam de ser uma simples parte de um todo sem rosto para tornarem-se novamente seres individuais, conflitantes apenas em si mesmos. A parede, antes monocromática, adquiria seu colorido habitual. Tudo adquiria sua dependência natural.

Sempre achei aqueles meses em Madri um terrível mistério, uma espécie de provação. Comparava a um interlúdio entre dois atos de uma peça. O quebra-cabeça estava sendo montado, mas a ânsia do resultado retardava o fim. As cenas eram uma mentira. Eu era uma grande e estapafúrdia mentira.

Estava cansado de ouvir sempre as mesmas perguntas sobre como andava o meu livro. Não havia nada de concreto a respeito. Trazia dentro da memória apenas fragmentos. Coisa alguma que representasse algo definitivo. Existiam infinitas partes que deveriam ser juntadas, justapostas, para que se delineasse algum roteiro. O que as pessoas faziam, afinal? Eram estúpidas e insolentes, ternas e extremamente sensíveis. Não conhecia nenhuma que fosse completa. Tomavam as mais variadas atitudes sem uma explicação lógica ao mesmo tempo em que exigiam maturidade e reflexão de outros. Meus amigos eram exemplos típicos da divergência e da insensatez, contudo aspiravam amor,

paz e qualquer coisa parecida com o que chamamos de felicidade. A utopia era o objetivo final. Mas isso era o que menos importava. O principal era estarem perseguindo alguma coisa. Agiam das mais diversas formas, pensavam e andavam em sentidos opostos, mas jamais se separaram durante o tempo em que frequentei o apartamento. Tinha certeza de que meus conceitos sobre eles não eram exatamente o que representavam na realidade. Os indivíduos não são do jeito que os vemos, assim também como nós mesmos não somos da maneira como nos veem. Mas isso não importava. Na verdade todos eles diziam-me algo ou não poderia existir qualquer ligação entre nós. Esse “algo” não teria de ser necessariamente positivo, já que todos os mistérios não estavam desvendados, e muitas indagações ainda pairavam no ar. Achava que nunca saberia.

Hernandez me parecia antes de tudo um espectador. Era em sua casa que nos reuníamos. Ficavam entre as paredes daquele apartamento nossas angústias e medos, assim como nossos sonhos mais puros. Pensei que ele pudesse captar tudo depois, nos desvendando com mais detalhes quando se encontrava só. Não se surpreendia com o que dizíamos ou mesmo o que fazíamos, agindo como se esperasse que os acontecimentos tomassem determinado rumo. Hernandez era para mim uma espécie de espectro inofensivo, estava em todos os lugares, mas não interferia em nada.

Dolores e André andavam juntos. Aquela relação talvez me causasse inveja. Não sabia. No entanto, era impossível separá-los em minha concepção. Eram felizes? Não poderia dizer ao certo. Primeiro porque eu não tinha uma ideia exata de felicidade, ou melhor, achava que ela vinha fragmentada, aos pedaços, e isso fazia com que tudo fosse insatisfatório. Contudo, os via sentirem os momentos em intensidade, daí ter a ideia de que um dependia do outro para viver. André, na sua latinidade sul-americana, tornava tudo fácil e alegre, sem no entanto olhar direto nos olhos de ninguém. Isso me causava certo mal-estar. Parecia que estávamos

em estado gasoso, flutuando pelos cantos do mundo sem querermos nos segurar em nada. André me trazia falsidade, já que eu sabia que nada era da maneira como ele apregoava. Confiava menos nele do que em qualquer um dos outros. Apesar de vê-los juntos, Dolores era especial. Já a havia identificado com Michele e esse fato apenas bastava para torná-la assim. Sempre encontrei nas mulheres algo que me agradava. Em algumas mais, outras menos. Trazem nelas mesmas esse toque mágico. Vão com o dedo direto no coração, ultrapassando todas as defesas. Perto de Dolores eu ficava desarmado, exposto ao seu fascínio. O que sentia por ela era nada mais do que sentia por aquilo que ela trazia dentro. A indefinição de um aproximar espontâneo. Era nada mais que isso. Mas isso bastava para me descontrolar e desejar que ela estivesse comigo, compartilhando aquela magia. Egoísmo até certo ponto piegas, mas eu era humano e isto justificava tudo. Por determinados momentos tinha a sensação de que qualquer coisa etérea me ligava a André. Pensava que poderia ser simplesmente Dolores, por razões diferentes, ou mesmo Goya, o fantasma de um pintor que retratava mulheres. Goya devia enxergar nelas sombras além dos olhos, coisas que eu também via em Dolores.

Havia Juan. Ele era a faca incisiva da minha consciência. Pelo menos uma parte dela. Me dizia coisas que eu jamais esperava, e que, no entanto, quando ditas, jamais me surpreendiam, apenas me revelavam. Aquelas palavras e acusações já estavam guardadas dentro de mim. Sobreviventes de crises e ânsias de vômitos noturnos. Rebentos de tantas alucinações mal curadas. Ele apenas as exteriorizava, tornando-as palpáveis ante meus olhos. Jogava tudo na minha frente, como detritos. Apodrecidos pela própria natureza em decomposição. Juan tinha a capacidade de fazer com que as palavras cheirassem mal, principalmente quando vinham em minha direção. Não me afastava de Juan. Ia procurá-lo no *hostal* onde se escondia da sujeira da cidade. Era como uma tumba. Úmida, fétida, sombreando as mais duras verdades.

Pensava se Juan fosse um espelho, jamais poderia refletir imagem tão perfeita de mim mesmo como quando resolvia pôr a limpo o que acontecia comigo. Talvez eu precisasse de tudo aquilo. A autocomiseração, ou mesmo certo masoquismo me atraía à sua presença, na esperança de que dissesse o que eu já andava cansado de saber.

Hanna era um caso à parte. Chegara depois. Não fazia, a meu ver, parte total do grupo. Era como se dentro dela houvesse uma espécie de marca que não a identificava com o que éramos. De certo modo fora até bem aceita. Era amiga de Dolores, antes de frequentar as reuniões e depois que passou a se interessar por mim, parecia que recebera autorização para cultivar aquela indefinição na companhia de todos. Parecia-me que estavam ansiosos, ou pelo menos demonstravam interesse em ver como aquela passionalidade descabida iria terminar. Eu adiava sempre, na intenção de cansá-los e fazê-los se ocuparem com outras coisas, outras inutilidades. Mas sabia que eles precisavam daquilo, daquele jogo dissimulado. Lembro de uma vez ter visto um gato torturar um rato antes de matá-lo. Ficou lá, morto, enquanto o gato se afastava parecendo satisfeito.

No entanto Hanna acabaria por se tornar parte do todo e quando não estava presente, sempre o grupo se ressentia. Talvez por não podermos olhar em seu rosto e mergulharmos nas incertezas que a acompanhavam sempre, ou mesmo flutuarmos todos juntos naquele ar de mistério e de ausência que de vez em quando a envolvia. Hanna completava nossas indagações ao mesmo tempo em que satisfazia nossos loucos devaneios. Particularmente me atraía. Tinha consciência de ser não somente algo passional, mas carnal. Desejava-a e tinha medo. Procurava-a e ao mesmo tempo fugia de suas garras, como se ela pudesse me prender e me afastar de algo maior, mais completo. Eu era o meu medo, não ela. Porém eu não queria aceitar essa verdade cretina e a empurrava para o fundo das minhas vontades. Queria que ela se

desmanchasse como uma nuvem de fumaça ou uma matéria orgânica que volta ao pó. Hanna tinha algo de meu. Poderia amá-la ou matá-la, conforme me fosse a hora. Tentava diluí-la, como fizera com Michele, que corria solta e quente pelas minhas veias.

Envolto em meus pensamentos, de repente um informe extraordinário me chamou a atenção: a polícia federal havia prendido um sujeito mal encarado chamado Nasser El Alí, acusando-o de ser o responsável por um atentado acontecido em Barajas, que causara ferimentos em mais de uma dezena de pessoas. Era ligado, segundo informado, ao grupo terrorista Al Fatah; palestinos que espalhavam o terror tentando acabar com todos os judeus do Mundo. Pus os olhos na TV e o rosto que vi era o mesmo que, há algum tempo atrás, eu surpreendera falando com Juan, naquela noite estranha e mal explicada. Fiquei paralisado, mas me perguntando por que não estava surpreso em demasia?

Capítulo XVIII

Certa vez descia as escadas em direção à porta da frente quando deparei com minha senhoria parada no hall de entrada. Estava me sentindo bem, pois conseguira dormir sem grandes dificuldades. Não bebera na noite anterior. O fato me preocupava. Pensava que o vinho, às vezes, me fizesse bem. Talvez estivesse enganado.

A senhora Gertre era alemã, imigrada. Talvez fosse judia, já que viera para a Espanha durante a guerra de Hitler. Me surpreendia como conseguira sobreviver ali. Um tanto gorda, tinha o rosto avermelhado. Notei que àquela manhã estava mais inchado do que de costume. Tive a impressão de que ela estava ali para me falar algo. Colocada junto ao primeiro degrau, se agarrava ao corrimão. Nunca gostei de seus vestidos. Usava uma espécie de pano solto, apenas para encobrir a carne mole.

- O que houve senhora Gertre? Algum problema? - parei no meio do caminho.

- Não, senhor. Por um momento tive a impressão de ver meu filho descendo as escadas. Já lhe falei dele, não? Bobagem minha. Mais uma peça da minha imaginação. Acho que estou ficando senil - falou, baixando o olhar.

- Eu sinto muito. Gostaria de poder ajudá-la. Sei o quanto a senhora gostava do seu filho. Na verdade a ausência faz parte da vida. Contudo nunca nos acostumamos a ela - eu não queria parar para analisar nem os sentimentos da velha nem as contingências da vida. Precisava parar de pensar. Parar de fazer qualquer coisa. Uma desintoxicação da alma seria o ideal. Sabia que era impossível quando se vive no meio dos homens. Tinha certeza de que, se pudesse, ajudaria a mulher. Iria buscar o seu filho no Inferno, se

fosse preciso, apenas para me livrar de outros encontros iguais. Acho que não suportaria olhá-la mais uma vez naquele estado. Teria certamente uma crise de choro, ou de raiva.

Saí, batendo a porta atrás de mim. Quisera fechá-la ao meu passado. Ao passado da história da Humanidade. Deveríamos começar do zero. Conforme o tempo corresse, anotaríamos os erros. Evitaríamos tanta estupidez que a vida se reduziria à metade. Estupidez era perder meus dias arquitetando tolices.

Madri, pela manhã, era bela. Na Plaza de Las Cibelles o chafariz jorrava uma água colorida por fachos de luz. À noite aquela fonte se transformava numa alegoria. Eu não estava louco. Ainda havia lugar em minha mente para distinções supérfluas. Perturbava-me serem cada vez em menor número. Pensava que ideias desse tipo deveriam brotar naturalmente. Não valeria nada ficar procurando comparações. Ideias de parto natural e espontâneo. Este era o sinal de sanidade. Se tivesse um total conhecimento de mim, separaria o joio do trigo. Tarefa hercúlea e irrealizável. Conformava-me com as migalhas.

Marcara encontro com Hanna para aquela tarde. Seria no Alianza. Apesar de haver concordado em vê-la longe dos outros, ainda não decidira se aquilo seria a melhor coisa a fazer. Tinha evitado-a durante algumas semanas. Era por causa da indefinição. Ainda não sabia o que tudo significava. Muitas vezes via uma colcha de retalhos. Os remendos significavam desencontros. Hanna sabia que poderia se precipitar e pôr tudo a perder, se é que ela tinha algo de concreto a me dizer. Esperava sinceramente que não. Seria insuportável ter que lhe dizer coisas que ela não gostaria de ouvir.

Faltavam ainda algumas horas para o encontro. Depois de um leve almoço, havia resolvido voltar para o meu quarto e descansar um pouco.

Antes de abrir a porta me lembrei da senhora Gertre. Queria que ela não estivesse à vista. Aquela não era a hora de dividir

qualquer coisa com alguém. Não a vi no hall. Entrei e subi as escadas silenciosamente. Sempre que ia para o meu quarto não podia evitar um sorriso no canto da boca. Havia um cheiro de limpeza saindo do chão. Poderia jurar que algumas pessoas nasciam apenas para limparem o mundo.

Raramente eu me encontrava só, fechado em meu quarto, àquela hora do dia. Calculava que deveriam ser três ou quatro horas da tarde. A janela aberta jogava o brilho estonteante do dia, que era claro e azul. Havia aberto a máquina de escrever e colocado sobre a mesinha ao lado da cama, na noite anterior. Algumas folhas em branco esperavam. Quando realizei esse trabalho, faltara coragem para começar. Ainda não a tinha. Acreditava que o impulso teria de ser mais forte do que eu. Uma espécie de transe hipnótico que me levaria direto às teclas. Esse momento irracional ainda não havia chegado. Talvez viesse à noite. Olhei a mesinha de cabeceira, meu cachimbo e o fumo estavam lá. Herdara-os de meu pai. Carregava aquele cachimbo já há alguns anos. Decidira adotar o hábito de fumá-lo. Um dia tentei começar. Não passei da primeira ou da segunda baforada. O fumo estava úmido. Guardei-o novamente no pacote, limpei o cachimbo e nunca mais voltei a fazer aquilo. Percebi depois que o cheiro ficara no ar. Como se meu pai tivesse estado naquele lugar minutos antes e saíra para comprar o jornal. O cachimbo não tinha mais razão de ser. Cumprira seu papel. Eu o olhava e o sentia mais uma vez esperando para ser aceso. Resolvi ir ao encontro de Hanna, deveria ser quase seis horas e tudo poderia ter mudado afinal.

Capítulo XIX

O Alianza ainda não enchera. Alguns rostos comuns, nada mais. Celine me viu e estampou um belo sorriso que devolvi com um piscar de olhos. Me sentei à mesa habitual, colocada no fundo da sala. Pedi café sem açúcar. Queria senti-lo descer pela garganta e o açúcar atrapalhava o gosto. Não esperei muito para vislumbrar Hanna através da vidraça. Trazia os cabelos molhados. Dava para ver o brilho naquele fim de tarde. Ao entrar me viu e se dirigiu imediatamente à mesa onde eu estava. Não sorriu ao me olhar de frente. Está tensa, pensei. Essa mulher muda de ares a cada vez que a vejo. Seria o meu desejo que aumentava devido ao tempo que passava sem vê-la? Ou seria ela realmente uma dessas mulheres incompreensíveis para simples mortais como eu? Que mistérios, afinal, naqueles olhos verdes?

- Pensei que talvez você não viesse. Anda me evitando, eu sinto isso. Penso e encontro muitas razões para você tomar tal atitude. Não sei por que não aceito nenhuma delas. Acho-as todas razoáveis, mas incompletas - seu olhar era intenso. Achei que viera com a intenção de nos liquidar de uma vez. Talvez tivesse pensado muito e decidido. Não lhe respondi de imediato. Deixei que se acalmasse. Acenei à Celine, pedindo outro café. Hanna pôs a mão esquerda no rosto, segurando o queixo. Está desarmada, pensei. Esperaria que eu a agredisse com palavras? Ou mesmo retrucasse, iniciando uma discussão? Nada fiz.

- Não tenho nenhuma razão para não vir a um encontro com você. Somos amigos. Se a evito, é um ato involuntário. Tenho andado por aí, armazenando dados para o meu trabalho. É apenas isso, nada mais - quase não conseguia sustentar o que dizia - você, se quisesse, poderia ter ido ao hostel onde moro. Se eu não estivesse em casa, deixasse recado.

_ Às vezes tenho a impressão que você acha que sou uma criança. Não sei onde você vê imaturidade em mim, mas me trata como uma adolescente. Não sempre, mas quando isso ocorre me dá vontade de te espancar. Não importa agora. Vim apenas vê-lo. Precisava disso antes de partir. Vou embora. Não sei se definitivamente, embora gostasse que sim. Contudo vou ficar fora longo tempo. Talvez não o veja mais.

Esperava qualquer coisa, menos que ela partisse. Quem deveria decidir a hora de vê-la seria eu, não ela. Agora ela estava indo embora. Lutei para aceitar aquelas palavras sem demonstrar qualquer alteração no rosto. Sei que não consegui.

- Por que você tem de ir? Aonde vai? Fazer o que? - as perguntas me traíam.

- Têm coisas que preciso fazer longe daqui. Madri não vai ficar mais vazia sem mim.

Estava irônica.

- Tenho a impressão que você está fugindo.

- Não vou fugir, se é que você realmente pensa isso. Apenas me ausentar por uns tempos. Quando digo que talvez não volte é porque algumas coisas podem dar errado. Posso tomar outro rumo sem querer. As coisas podem ir contra a minha vontade, só isso - estava se rendendo, parecia uma criança querendo colo.

Não sabia por que, mas algumas situações me deixavam sem ação, ou sem palavras. Sentia que tinha muito mais coisas a dizer a ela, no entanto as palavras vinham soltas. Achava que as frases que dizia não tinham o menor sentido. Estávamos representando. Era como se aquela mesa que nos separava fosse um grande abismo sem fim. Estava com as minhas mãos molhadas e as esfreguei nas pernas das calças.

- Da última vez em que nos falamos, fiquei certo de que você não havia me contado tudo. - falei, parecendo calmo.

- Não havia muito a dizer. O que interessava a nós dois, eu disse. Na ocasião vi em você certo abalo, mas mais de surpresa do que de emoção. No entanto esperei que o que te disse surtisse efeito. O efeito foi contrário. Em vez de te ter mais perto, você se afastou ainda mais.

- Desculpa. Já disse que não era essa a minha intenção. Acho você diferente dos outros do grupo. Sinto você junto de mim. Talvez eu estivesse esperando alguma coisa mais, ou o momento certo. Esperei demais. Ainda estamos vivos, aqui, um de frente ao outro. Somos ainda as mesmas pessoas de alguns meses atrás, não somos? Por que não agora?

Eu não sabia o que estava dizendo. Parecia que delirava. Aquilo saía de mim como se não fosse eu o autor das frases. Por que tentava transformar as coisas de uma hora para outra se elas não estavam definidas dentro de mim? Covardia, talvez?

- Você poderia ter feito alguma coisa. Mas isso foi antes. Agora não dá mais, mesmo que quisesse. Acho que foi tolice vê-lo, paciência. No fundo sempre temos uma esperança. Antes de vir eu já sabia que estávamos mortos. Nunca existimos, na verdade. Mas gostei de ver você outra vez _ notei a emoção brotar em seus olhos. Vai chorar, pensei. As lágrimas pararam ao redor dos olhos, inundando as retinas. As lágrimas deveriam ser verdes, devido ao brilho do olhar. Hanna não chorou, afinal. Coloquei minha mão direita sobre as suas, que estavam juntas. Olhei-a longamente. Ali estava uma mulher forte. Ali estava alguém que se escoava por entre meus dedos inseguros. Estiquei o pescoço e a beijei no rosto. Era um rosto macio, feito seda. Ela ficou impassível. As feições endureceram. Levantei-me lentamente e caminhei em direção à porta. Ao abri-la me virei. Hanna ainda estava lá, na mesma posição. Olhar perdido no vazio que deixei. Quisera poder ter feito

alguma coisa além daquele ato patético. Senti-me um covarde fugindo do perigo. Hanna tinha dado a sua última cartada, e perdera. Tinha certeza que nunca mais ia vê-la, estava enganado.

Capítulo XX

Achava que não sabia andar na rua. Sentia as pernas vacilarem e percebia, ao olhar os pés, uma espécie de movimento cambaleante. Era como se estivesse bêbado. Parara de ingerir qualquer espécie de bebida alcoólica. Não por abstinência gratuita, mas pelos eternos enjoos que me acompanhavam havia muito tempo. Estava só. Sentia-me só. Naquela tarde, mais do que das outras vezes, tinha a concreta sensação do completo abandono. No começo, entre um lado e outro da calçada, não percebia ninguém ao meu redor. Perdia-me em meio aos devaneios, ao desvendar de segredos intrincados e absolutos. Particularmente atinentes somente a mim. Prendia-me a tentar ressuscitar verdades que nem eu mesmo sabia do que eram feitas ou para que serviriam, se reveladas. Outras vezes olhava as pessoas. Na verdade levantava os olhos e as via. Observavam-me. Ficava irritado com isso, no início. Não entendia porque prestavam atenção em mim, um ser comum. Um homem solitário e igual a tantos outros perdidos pelos passeios. Depois, com o passar do tempo, percebi que surgia uma curiosidade. Indagações até. Estes seres que cruzavam por mim seriam apenas curiosos? Será que sentiam estranheza ao me ver passar por eles sem nenhuma explicação? Exalava eu qualquer espécie de energia que os fazia se darem conta de que ali estava um indivíduo incapacitado para a vida? Contudo poderia ser exatamente o contrário. Quem sabe aqueles sujeitos não estariam tão desajustados quanto eu? Talvez necessitassem de ajuda. Simples carência de mendigo. Um caso de adoção, nada mais. Que loucuras povoariam aquelas cabeças louras, morenas, negras, ruivas, velhas, calvas, que desfilavam sem parar? Às vezes quase algumas paravam. Juraria que tentavam me dizer alguma coisa. Uma simples pergunta, ou mesmo um pobre sorriso talvez bastasse para realizar uma salvação. Um simples alento representado no

brilho de um olhar. Passavam incógnitas. Máscaras disformes que não se revelavam. Choravam por detrás do sorriso. Seriam capazes de amar? Ou de matar? Quantos assassinos num relance! Os anjos estariam dispostos a fazer parte daquela pantomima? Talvez os anjos não existissem. Fábulas não são para se acreditar e ninguém que eu soubesse havia ainda aberto as portas do Paraíso.

Capítulo XXI

Os dias que se sucederam à partida de Hanna me haviam jogado em uma espécie de mundo suspenso. Andava como enclausurado entre as paredes da minha própria cabeça. Pensamentos percorriam o cérebro como raios anunciando a tempestade. A insuficiência do meu interior abrigava apenas aquele isolamento. As faces da minha realidade. Era uma realidade vazia. Fantasiada por aqueles nomes e rostos que eu convivia, mas que revelava o seu estado natural quando fechava os olhos, quando nas madrugadas me vinham os desalentos. As noites vazias eram os meus juízes e eu um réu confesso da fragilidade, da incompetência. Acabava sempre condenado por mil vozes, proferindo sentenças que espelhavam o meu estado verdadeiro.

Não havia defesas suficientemente fortes e eu, um advogado do diabo, caía batido ante as mais irrefutáveis revelações. A angústia era uma lama que me encharcava a alma, saía pela boca, pelo nariz, pelos olhos. A espécie de imundície de que um homem jamais se desfaz. Talvez fosse a imparcialidade do viver, tão simplesmente reduzido a fórmulas, tão mecanicamente ultrapassado pelo tempo. Havia algo que não conseguira atingir. Um sentimento alienado poderia me levar ao romper do limite, à plenitude dessa vulnerabilidade, à total desenvoltura a cobrir essa irracionalidade do entregar-se ao pleno sentido.

Onde estava essa fronteira, esse ideal a ser perseguido, e nunca alcançado? Haveria, afinal, algo estranho ao que sentia até ali? Talvez tudo fosse apenas um espasmo, uma negação da normalidade, uma contradição. Encontrar essa superação de tudo o que me cercava, o limiar daquelas fraquezas, o extermínio das memórias insolúveis. Sobrevoar a estratosfera das reações normais. Haveria um Universo acima desse Planeta tão simploriamente

humano, sem sentido, informe, homogêneo na própria dor, procurante nas banalidades que acabam por simbolizar a totalidade da limitação do sofrer, um simples sofrer, padronizado e pequeno? Ainda estava em mim porque era somente em mim que pulsava a realidade. Somente o meu próprio pensamento atestava o real da minha existência. O resto, o que via ao meu redor poderia não passar de fantasia, pura imaginação do que eu poderia pensar que fosse a minha salvação.

Via Hanna como uma estrela distante. Um ponto de luz desaparecendo na imensidão do nada. Ao me levantar daquela cadeira e deixá-la lá, parada, esperando, abandonada, eu me perdera outra vez. Perguntei-me, num assomo de desespero, o que seria, afinal, o tal receio. O que esperar de um futuro imprevisível, fascinante, desafiante, senão que ele se transforme em presente, pulsante, concreto, animaisicamente satisfatório, e talvez absurdamente sentimental? Há como e por que esperar que tudo brote do nada? Como se fossem sementes jogadas ao acaso, regadas apenas com fé? Esperança mórbida, inimiga da realidade, do imediatismo da vida, do funcionalismo pululante do ser humano; perambulando pelas ruas, pelas calçadas, pelas cervejas, pelos motéis, pelas aventuras, pelo sentir imediato enquanto espera pelo futuro; aquele que nunca vem, aquele que já passou e que me pegou ocupado demais fazendo coisas para esperar por ele. E então ele já foi. E então ele já não existe mais. Um dia a mais, talvez. E você, Hanna, que também esperava, que mergulhava nos meus olhos como se eles te oferecessem a mais pura e límpida água; como se eles fossem um lago sereno onde haveria de encontrar a paz; essa paz que tanto esperava, do alto da tua solidão. Absorta em devaneios te vi tantas vezes, sem a coragem necessária aos que amam, segura pelo teu próprio medo, assim como eu; querendo e esperando que eu levantasse a mão, segurasse na tua mão, olhasse também nos teus olhos e dissesse: chegou a hora, tua espera acabou, vamos nos descobrir, vamos ver

o que é tudo isso, afinal. Joga a tua carência para o lado, me toca, me ama, te recosta, cabeça no meu ombro; deixa vago o olhar, mas que seja dessa vez por se sentir segura, e não abandonada e só. Satisfaria os meus desejos, que são muitos. Alguns um tanto imprecisos, mas outros tão fortes, tão definidos que quase cômicos na ansiedade de jogar para fora todo o êxtase dessa espera que me parece tão inútil. Hanna, eu simplesmente não podia. Eram tantos porquês cheios de verdades que aos teus ouvidos pareceriam bobagens ditas por um covarde, mas que me pesavam tanto que eu sentia dores. Eu não podia, Hanna. E se você me pedisse para resumir em poucas palavras simplesmente diria que não sabia, que estava apenas esperando. Algo mais forte, talvez, mais sincero, ou quem sabe só mais emocionante do que olhar você se libertar do teu claustro de vidro. Continua me amando, meu ego clama pelo teu olhar, pelas tuas meias palavras, pela tua ânsia. Gostaria que você tivesse esperado um pouco mais, alguns dias mais. Quem sabe tudo isso acabasse. Quem sabe eu me convencesse de que não haveria nada mais no amanhã do que o teu belo corpo, os teus olhos verdes e a tua vontade de te ver abraçada por esses braços que esperam caídos, feito mortos, feito eu. Gostaria de te dizer que ainda estarei aqui de manhã e que você continue comigo, a alimentar esse chauvinista, esse porco macho que não te pega nem te solta; como se você fosse uma ponta de cigarro que por ser metade não te quero, mas sabem-se lá quando o vício se fará mais forte, e então, talvez... Perdoa, não presto, realmente. Jamais seria o teu lago azul e límpido. Apenas um pouco de água suja que te enganou, na tua sede desértica. Você foi embora sim, fez o certo, mesmo que pisando nas tuas dores. Vou beber a isso. Vou me encharcar com esse vinho fazendo de conta que é o meu sangue, derramado pelos erros de ser mortal. Vai viver a tua liberdade; encontrar a pedra de toque para essas tuas loucuras de morte. Vai viver o que restou dentro de você depois do Felipe, depois de mim. Se sobrou alguma coisa, faz nascer a semente do teu próximo sorriso. Vai, e me deixar dormir.

Capítulo XXII

Por que os Jardins Sabatini me lembravam um zoológico? Certa tarde fui até lá para saber a resposta. Desci a *Calle* de Príncipe Pio e entrei pelo portão principal. Era uma tarde ensolarada e quente. As árvores balançavam embaladas pela brisa. Uma brisa leve, que tocava o rosto com uma mão macia. Um dia para quem estava vivo. Depois que passei as árvores, desci as escadas que dividem o parque. Embaixo os caminhos apontam exatamente para onde devemos gastar nossos devaneios. Ao lado do jardim mora um rei. Chama-se Carlos. Juan Carlos. O mesmo nome de uma parte das minhas verdades. Qual seria a diferença entre aquele rei e eu? O que passaria pela cabeça daquele semideus respeitado por um povo inteiro? Pensei que as lágrimas que rolariam daquelas faces seriam guardadas em pequenas caixinhas de ouro, encravadas com diamantes e rubis. Tudo dele deveria ter valor. Os reis existem desde muito tempo e devem ser respeitados e amados. Só que o homem surgiu primeiro. Talvez isso bastasse para nos fazer iguais. Certamente não seria eu a ir até aquele palácio e fazer-lhe essa revelação. Ele me olharia com aqueles olhos venerados, sorriria, em atitude benevolente e mandaria me servir um prato de comida. No fundo pensaria que sou um louco e que deveria ser aprisionado para não contaminar seus súditos fiéis. Não, não me prenderia. Pensaria que os reis devem ser tolerantes e se satisfaria me mandando embora. Talvez ficasse pensando na revelação, mas trataria de esquecê-la logo, para o bem do seu povo.

Havia pássaros nas árvores. Não conseguia vê-los. Seu canto era como uma suave melodia flamenca. Naquele momento eu era o único ser humano andando por aquele jardim. Ovelha desgarrada do rebanho que caminhava junto e certo. Contudo não era o único ser vivo. Havia os pássaros, os insetos, as plantas.

Tanta vida, que coloquei as mãos sobre os ouvidos. Não podia suportar tanto barulho.

Sentei-me num banco e fechei os olhos. Tentei imaginar o que as pessoas estariam fazendo para além daqueles muros. Inutilidades. Gestos que não teriam o menor significado, segundos depois de serem feitos. Palavras jogadas naquele ar já infestado de cheiros, germes, sons. Palavras que talvez ferissem mais do que facas afiadas. Corpos a rolarem ofegantes por sobre lençóis amarrotados. Carícias cheias de promessas. Êxtases que acabariam em desencontros e mortes. A vida andava por todos os lados. A viúva negra estende seus tentáculos e vai devorando a presa devagar. Deixa que ela se debata, que lute, que gaste toda a sua energia para depois se entregar ao braço inexorável da derrota. Vencida por ser pequena, indefesa e frágil. Depois um animal maior virá e devorará a aranha como se ela fosse nada; como se ela também não existisse.

Abri os olhos e vi o muro lá no alto. Era a *calle* de Bailen. Formava um segundo plano com o nível do Jardim, fazendo com que o lugar parecesse uma espécie de buraco verde. Vi pessoas debruçadas na amurada. Olhavam-me, certamente. Sendo eu o único humano tinha certeza de que não poderiam desviar os olhos de mim por muito tempo. Os semelhantes se procuram. Observam-se. Que fraqueza examinar as atitudes de quem nunca vimos. O segredo estava no medo da anormalidade. Agora havia mais gente a me olhar. E se eu saísse correndo por entre as árvores soltando gritos incompreensíveis? Certamente teriam contrações espasmódicas de pena e horror, ou mesmo dariam gargalhadas indefinidas. A polícia viria, se aquilo perdurasse por mais de um ou dois minutos. De repente me senti um animal. Enclausurado numa espécie de habitat artificial. Respirei fundo. Tentei agir naturalmente me levantando devagar. Olhei o céu, olhei o chão. Pus as mãos nos bolsos, subi as escadas e saí lentamente daquele jardim. Agora eu

sabia por que os Jardins Sabatine me lembravam um zoológico: os animais éramos nós.

Capítulo XXIII

Vejo a vida assim, do alto do meu tempo e debruçado no parapeito da janela do meu quarto. Saindo de mim, me percebo como se fosse um quadro, emoldurado na parede caiada daquele prédio antigo, aquele abrigo de enigmas. Mora gente lá, inclusive eu. Lá existe uma mulher angustiada e amarga, que atravessa as horas sobrevivendo das lembranças sombrias de um filho que morreu. A morte alimenta sua vida. Naquele lugar há sempre sombras furtivas, se esgueirando pelos corredores, silenciosos como o próprio ar, se desconhecendo do fato de serem de carne e osso. Aquelas sombras escondem ânsias e esperanças. Apesar disso, não são nada, apenas sombras.

Volto para dentro de mim e através dos olhos me torno um espectador passivo de um pulsar incessante. Como me sinto longe daquela paisagem que fotografo com o olhar. Alguém poderia levar um tiro e morrer na minha frente, cair na calçada a poucos metros, e eu fecharia a janela sem vacilar; a espécie em extinção não era da mesma espécie que a minha, nada mais.

Mas ninguém morre, e eu fico ali, na janela. Olho os prédios que circundam a igreja. É uma igreja velha, como os velhos que entram nela todos os dias. A rua é estreita, estreitíssima. Um carro, para dobrá-la, deve subir na calçada, ou parar e manobrar várias vezes até entrar na outra rua. Essas ruas têm história. Quantos boêmios devem tê-las percorrido, embriagados pelas madrugadas, inebriados de paixão; uma paixão perfeita, única, imperdível. As pessoas morriam naquelas ruas, vítimas de uma liberdade inexistente, a liberdade que se esconde dentro da vontade de cada indivíduo, que se manifesta assassina e fria, e que permanece ainda dentro, sem solução.

Apenas isso: um sorriso cético. Por que sorrir, afinal? Adivinho o que vai por dentro daquelas casas velhas, gastas pela vida vivida nelas. Não posso esquecer os ratos. Os ratos espanhóis se embebedam de vinho; um vinho tinto feito de uvas amassadas com os pés; os pés de camponeses que lutaram e morreram defendendo a liberdade; aquela que não existe. Alguém disse a eles que pegassem as armas, que deixassem as vinhas e subissem as colinas, e que atirassem em alguém, senão não haveria mais vinho algum para se beber. E eles mataram, e morreram, acreditando que tinham feito o certo; não tiveram tempo de olhar para dentro e descobrir que havia muitos, espalhados, de poetas a assassinos; havia sempre uma bala perdida para cada um. Agora não passavam de um retrato amarelecido, pendurado em uma parede qualquer.

A noite despenca sobre as cabeças como uma mortalha. Amante caprichosa daqueles que acreditam. Amante silenciosa das almas perdidas. Na noite sempre renasce alguém, ou morre alguém. Essa serve para isso, para as derradeiras definições.

De repente uma vontade quase incontrolável de incendiar aquilo tudo; queimaria facilmente; iria para a colina mais alta e lá do alto ficaria olhando a cidade arder lentamente, até se tornar uma montanha de cinzas, até purificar aquela raça doente. Ao amanhecer andaria por entre os escombros, tentando identificar objetos, localizando corpos; depois de tudo iria embora para outro lugar, levando no coração a sensação do dever cumprido. Era preciso limpar a humanidade dela mesma. Nero não estava louco.

Capítulo XXIV

Ouvi alguém bater na porta. Fui abrir: era André. Jamais havia vindo me visitar; escondi a surpresa.

- Estava passando e resolvi parar - Ele falou e sorriu.

Olhei-o como se estivesse acostumado à sua presença ali, parado no meio do meu quarto.

- Fez bem. Sente-se. – falei, estendendo o braço. - Bebe alguma coisa? Vinho?

- Sim, por favor.

Aquela cadeira tinha sido do meu antecessor naquele quarto. Soube que ele morrerá. Agora ela estava ali, servindo a estranhos.

Servi-lhe o vinho e me recostei na mesa, ao lado da janela. Peguei o cachimbo num ato mecânico. É para me proteger, pensei. Acendi e vi que o fumo estava seco. Soltei uma baforada para o ar.

- Você está só, hoje?

Por que perguntei aquilo? Não interessava a mim diretamente. Me percebi um idiota.

André olhou-me sem demonstrar incomodo.

- Hoje, sim. Dolores está em casa. Estou vindo de um antiquário. Vê?

Esticou os braços e desembulhou uma pequena estatueta. Reconheci logo:

- É a Vênus de Milo, não é?

- Exato. Uma réplica perfeita.

Colocou-a com cuidado em cima da mesa. Afastei os objetos. A estatueta ficou só, isolada do mundo.

- Mesmo não sendo a original, essa peça parece que tem vida; é magnética. Sinto que se eu der uma volta pelo quarto, irei parar aqui em frente a ela outra vez. É uma fuga inútil.

Senti-me fraquejar.

- É fascinante, não é? O mistério da paixão. Ela brilha. O brilho do amor eterno, apesar de breve.

Olhei André. Não era o mesmo sujeito que eu conhecia. Surgia nele uma outra face, seu rosto se iluminara. Notei em seus olhos certo descontrole revelado, ao mesmo tempo em que eu me recompunha da quase perda do juízo. Ele parecia não se dar conta da minha presença. Pensava que poderia ser qualquer um que estivesse ali conversando com ele. Estava fora de si. Ou estaria fora de si a maior parte do tempo e aquele instante era o seu normal? Quem saberia?

- Você gosta de quadros? Eu também. Mas entre a pintura e a escultura tem diferença. Eu olho um quadro e sinto o silêncio. É uma dimensão só. Na escultura não. Há três dimensões e quem sabe quantas outras imagináveis? Sinto movimento. Essa Vênus toma conta do espaço disponível ao seu redor. Não há vazios. Essa falta de braços nos domina. A energia se transmite por esse movimento calado, que se espalha, que se impõe.

Aquela conversa se tornara um monólogo. Era o momento máximo da revelação. Um animal trocando de pele; jazia no chão a carcaça seca, dera lugar a uma pele viscosa e virgem, encoberta por novas fraquezas; nascia um novo ser.

André continuou a falar sem desviar os olhos da estátua.

- Rodin, o grande escultor francês, atentava para o deslocamento que o espectador fazia em torno da obra. Era a

reconstituição do movimento que vinha da própria escultura. Diferentes ângulos, diferentes momentos. A criação é o momento supremo do artista; o seu produto materializado; o sentimento revelado na matéria. Os sentimentos são únicos, as criações também se tornam únicas. Mas acho também que o artista deve sentir algo forte e incompreensível quando consegue, invisível, perceber alguém admirando sua obra. É como ter filhos, as projeções de si mesmo, sabe?

Sem perceber eu me sentara na borda da cama. Afastara-me da metamorfose; talvez para não influir na mudança. Limitei-me a ouvi-lo. De repente ele parou de olhar a Vênus, virou a cabeça lentamente, fixou os olhos nos meus e disse:

- Gostaria que Dolores fosse essa Vênus de Milo. Perfeita na totalidade. Um poço de fascínio. Queria me embriagar. - Sua voz tinha um tom de derrota.

Senti um leve arrepio me percorrer a espinha. Engoli em seco. Coloquei o cachimbo sobre a mesa e cruzei os braços. Estava tremendo. Era tudo uma iniciação. Aquele ensaio todo servira apenas para introduzir o que ele realmente queria dizer. Viera falar de si mesmo, e de Dolores. Por que eu? Fique calado.

André fixava o chão, em algum ponto qualquer. Notei que tentava desesperadamente se controlar. Vai se entregar, pensei.

- Ela está grávida. Não quero o filho. Acho que estou ficando louco. Tanto tempo juntos, tantas brigas, tanto amor. Agora quero matar algo dentro dela. Aquilo faz parte dela.

Estava sentado, torcia as mãos. Estava mudando outra vez, falei:

- Acalme-se. É preciso manter as ideias funcionando numa hora dessas. Vocês já falaram a respeito?

Eu estava fazendo as perguntas certas? Senti que recuperara o autocontrole.

- Já, ontem à noite. Não a vejo desde ontem. Não falamos muito. Eu disse não. Falei que não era a hora. Ela estava contente. Perguntou-me quando seria essa maldita hora. Não respondi. Sai batendo a porta.

O ser humano é frágil como aquela criança que não sabia se ia nascer ou não. Aquele sujeito estava tão indefeso quanto uma barata, presa debaixo da sola do sapato. Senti vontade de esmagá-lo. Levantei-me, caminhando em direção à janela. Olhei a rua, estava deserta. Por um momento tentei buscar uma resposta que fosse verdade. Lembrei de Michele, a vida me reprisava aquela angústia. Era um truque sórdido. Quando me virei ele estava de pé, parado, braços caídos. Disse:

- Eu devia tê-la deixado. Não agora. Há uns tempos atrás. Não é mais a mesma coisa. Conheci outra pessoa. Sou um covarde. Tenho medo de mim. Agora não dá mais. Nem direito de exigir o maldito aborto eu tenho mais. - Ele chorava.

Está sóbrio e está chorando. Que coisa estúpida que somos nós. Deixar arrebentar de podre. Ver essa sujeira toda se esparramando pelo chão, e depois sentar e chorar por sobre a imundície. Havia ódio em mim. Era um ódio por tudo: por mim, por ele, por todos nós. Por que fazíamos isso? Senti vontade de matá-lo com as minhas próprias mãos. Talvez eu me matasse depois.

- A questão é que nunca estive preparado para ser pai, assumir as responsabilidades que vêm junto com tudo isso. Além do mais, não consigo me manter calmo e natural com crianças pulando e gritando ao meu redor. Me dá vontade de sair correndo.

Se eu dissesse a ele que sentia o mesmo desequilíbrio, penso que estaríamos mancomunados com aquilo que eu não concordava, fazer Dolores sofrer. Se existia algum de nós seis que

merecia viver a plenitude da vida era ela, que não expelia raios contra ninguém e nem pronunciava palavras de duplo sentido. Aquele sujeito errado estava no momento certo quando a conheceu, e foi por isso que ela se apaixonou por ele. São as contingências da existência, o imponderável, que colocou no caminho daquela mulher, um sujeito que não a merecia.

- Escuta André, pensa um pouco. Essa experiência você ainda não passou, portanto não pode dizer se ela é boa ou ruim. Projetar consequências negativas para algo que nem existe ainda, para mim é uma estupidez. – Eu tinha que tentar salvá-la, afinal.

- Um filho não é um objeto que se compra e se não gostar joga fora ou troca por outra coisa. É algo tão sério, a coragem para enfrentar isso sempre me faltou. Teve uma época que ela me pressionou muito. Isso foi há uns dois anos atrás, depois deixou um pouco de lado quando percebeu a minha indiferença. – Seu rosto estava crispado, envelhecera um pouco até.

- E essa gravidez, foi planejada, ou discutida antes?

- Ela fez de propósito, tenho certeza. Isso é que me deixa com raiva. Talvez tenha desconfiado das minhas escapulidas, talvez tenha só tentado fazer alguma coisa de concreto, já que eu não fiz nada. Ela me enganou, na verdade.

- E essa outra mulher, o que significa para você? Algo sério?

O cachimbo apagara, e de repente senti vontade de fumar algo mais forte. Acendi um cigarro, e fiquei olhando a fumaça azulada subir aos poucos e tomar conta do ambiente, como se adonando dos móveis, nos envolvendo e nos possuindo, soberana. Meus pulmões arderam à primeira baforada, depois fui me acostumando e deixando que a nicotina me acalmasse por dentro, como um bálsamo colocado sobre uma ferida aberta. Escutei com mais paciência suas confissões inúteis.

- Na verdade não, nada mesmo. Acho que é por medo, vontade de fugir da briga, sei lá. É bom ficar com ela, mas quando penso em perder Dolores, me sinto muito mal, não vou aguentar ficar sem ela. - Pude perceber algo sincero no tom da sua voz. Pensei no que falar, em mais argumentos, mas não achei nada que não fosse repetitivo, piegas ou inútil para dizer. Resolvi calar.

Fez-se um silêncio entre nós. Era o momento de locupletar aquele encontro surreal. Aquela intimidade úmida brotara do nada, parida pela necessidade de salvação daquele sujeito sem porto, navegando ao sabor do vento. Eu era seu farol, pelo menos a referência para achar o caminho de volta.

Vi André se mexer e ir até a estátua. Parecia que a cena estava ocorrendo longe de mim. Éramos dois estranhos. Embrulhou a escultura, colocou-a debaixo do braço esquerdo, com a mão direita abriu a porta do quarto. Deu dois passos, se virou e antes de fechá-la disse, sem olhar em minha direção:

- Vou acabar deixando que ela tenha o bebê. Estou vencido. Agora tenho de ir até o final. Não resistiria a duas mortes gritando dentro de mim.

- Fechou a porta e saiu.

Fiquei ali, parado. Olhos fixos na maçaneta da porta. Poderia ter sonhado. Tinha certeza de que tudo aquilo caberia realmente dentro de um sonho. Quando acordasse ficaria do mesmo jeito, sentindo aquele vazio, aquela perda, aquela culpa. O ar ainda cheirava a fumo de cachimbo e cigarro. Era um ar perfumado, purificando aquele cheiro de atitudes humanas.

Capítulo XXV

Alguns dias depois ainda pensava na visita de André. Eu estava numa espécie de pântano cinzento, esquecido, atolado até o pescoço na areia movediça. Quanto mais me mexia, mais afundava. Iria acabar morrendo afogado. Beethoven fora a única testemunha daquela conversa. A confissão de André bem que poderia ser uma cena de um filme dos anos quarenta, estilo *noir*. Dava a impressão de ser planejada; talvez houvesse um roteiro escondido em alguma gaveta. Fui o coadjuvante perfeito, fazendo as perguntas clássicas, obtendo as respostas clássicas. Não me surpreendera o fato de André ter outra amante. Na verdade achava que já esperava isso dele. Não se deve confiar em alguém que não olha nos olhos. Não o condenava. Talvez fizesse o mesmo. Uma criança naquela comédia não teria sentido. Não haveria sobreviventes, e colocar alguém desprotegido, àquela altura, seria o mesmo que matá-lo. O aborto seria a melhor solução, já que o mal estava feito. Mas tinha Dolores. O instinto falaria mais alto. Talvez ela amasse André de verdade e não quisesse tirar o filho por amor, nada mais. Seria uma forma de prolongar a presença dele. Ou poderia querer canalizar para o filho tudo aquilo que jamais encontrara no relacionamento. Seria tudo uma grande cilada? Dolores era uma mulher sensível. Talvez tivesse percebido a mudança ocorrida em André e forçado o filho para poder prendê-lo. Se fora isso, havia conseguido. Ele ficaria, mesmo contra a vontade. Teriam a criança, mesmo que ele a abandonasse ou a odiasse para o resto da vida. Seria apenas outro caminho a tomar, e bastava. André poderia até, por que não, começar a gostar daquela situação e a condição de pai o mudasse. Éramos tão parecidos. Estávamos enjaulados na mesma cela, e não sabíamos. Sorri para mim mesmo, ironicamente. Eu era a imperfeição em forma de gente, uma contradição ambulante, um fugitivo. Ao mesmo tempo trazia aquele instinto de, na hora agá,

querer salvar o Mundo, como se fosse realmente um herói de capa e espada, um vingador da injustiça feita por esses porcos ditos humanos. Era tão irreal quanto absurdo pensar em qualquer coisa que fosse tida e havida como correta a se fazer numa situação como aquela. Novamente eu não tinha respostas, pelo menos não as respostas certas. Moralidadezinha hipócrita pequeno-burguesa talvez, ou simplesmente eu me enternecesse ao pressentir uma mulher bonita e ardente como Dolores, vitimada por uma vontade que não era dela, e sofrendo por isso. Mas, mesmo vendo em Juan um canalha hipócrita, as suas palavras haviam me convencido, ele não sabia, mas amava Dolores. No fundo eu acreditava que se completavam e, pensando bem, muita mulher é fascinada pelo lado canastrão de certos homens. Que sabe não seria esse o caso. Mistério, enfim.

Capítulo XXVI

Juan estava morto. Recebêramos a notícia pelo telefone. Um simples discar de números, e os castelos se desmanchavam, como por encanto. Sempre pensei que fôssemos inatingíveis, invulneráveis. Por que alguém quereria matar um grupo de inúteis filósofos do niilismo barato da vida? Mas aconteceu. Uma explosão. O momento certo, o lugar exato. Um de nós nesse destino: Juan. E Juan estava morto.

Naquele cemitério, olhando aqueles rostos sem expressão definida, mascarados pelo desânimo e pela dor, vomitei as minhas últimas réstias de luz. Não havia desespero em mim. Meu interior estava mudo. As lágrimas não vieram. Gostaria de ter chorado copiosamente, de ter gritado a plenos pulmões um grito que me limpasse por dentro. Não gritei. Era tudo inútil. Juan, debaixo daquela terra, me dissera a última verdade. Estávamos derrotados, todos nós. Havia certo estoicismo em cada ser humano. Aceitávamos o fim como coisa inevitável; convivíamos com a ideia da morte. Amávamos tanto essa ideia que a provocávamos sempre que podíamos. Havíamos transformado o mundo numa grande bomba. Antecipávamos o destino. Rimos por podermos interferir nos planos da própria morte. Como se a foice pudesse ser controlada. Juan vinha provar uma verdade inevitável.

Estávamos ali: Dolores, André, Hernandez e eu. Quatro indivíduos cheios de emoções, de indagações, e nenhuma resposta. Havia sangue em nossas mãos. Éramos os culpados. Pensei em Hanna. Juan certamente gostaria que ela estivesse ali, numa dessas ironias que cruzam os caminhos. Ele a olharia longamente, como sempre fazia, e não diria nada. Aquela mulher não fora dele e ele havia se resignado. Ele a perdera pela falta de amor. Um amor que tinha dono, e não era ele. De repente a dor. Recusei-me em aceitar

a verdade que brotava daquela terra ainda fofa. A brisa era suave como a pele do rosto de Hanna. Uma mulher que surgira de algum templo pagão, envenenando a terra com seu perfume de incenso. Trazia nos olhos verdes o brilho da esmeralda falsa, que aprisionava a alma. Ela era a nossa confissão. Em seus atos passionais satisfazia a todos nós, simples covardes. A paixão a cegara. Juan havia pagado um preço caro demais. O preço da liberdade que Hanna perseguira e jamais encontrara.

Capítulo XXVII

Estava no Alianza outra vez. Acordara de um sonho. Através da vidraça podia ver a vida lá fora. É um dia claro, pensei. Aqueles carros todos passando apressados, as pessoas desfilando suas pernas e braços diante da janela. Aquele dia lá fora era parte de mim. Celine se aproximou. Sorria, como sempre. Encantava-me com a aquela jovialidade. Tinha certeza que passara um pouco dela para mim, nos momentos de amor. O café que eu bebia estava quente e forte, exatamente do jeito que eu gostava. Dentro de poucas horas iria escurecer. A noite cairia e encontraria o outro lado da face. Haveria mais sorrisos e certamente mais lágrimas. O amor se faria mais intenso, e, quem sabe, mais verdadeiro.

Dolores e André haviam viajado. Foram para Paris. Ela havia abortado, afinal. Talvez tivesse sido obrigada a escolher na última hora. Certamente tudo voltaria ao normal dali a um tempo. Jamais se separariam, e eu estava certo. Suas brigas e amores os tornavam únicos.

Havia perdido a consciência. Aquele exato momento marcava a superação de certos pontos que desapareceram. Os exageros seriam substituídos por outros que viriam depois. Eu não estava velho, apenas cansado. Não lembro de grandes vitórias. Na verdade sinto que fui deixado em paz por algum tempo. É o momento da recomposição. Respirar fundo, relaxar o corpo e tornar à luta. No fundo de mim sabia que seria vencido. O inimigo implacável e indestrutível não tardaria.

As horas dos dias que não passavam me destruíam por dentro. Minavam as minhas forças e executavam os restos de juventude. Um pouco mais de trinta anos e era só. Eu era isso: um homem com um pouco mais de trinta anos, uma sacola de mão e um interior em ruínas. Contudo estava vivo. Os meus amigos, a não

ser Juan, ainda existiam. Hernandez se mudara para uma cidadezinha do interior. Não deixara endereço. Se fora e não dissera uma palavra a ninguém. Eu tinha a certeza de que ele se cansara de conviver com os fantasmas que ficavam de sala em sala, de quarto em quarto, rondando pelos cantos daquele seu apartamento. Um lugar que nunca fora só dele, ou de qualquer um de nós. Tentei compreender que não poderia deixar vestígios, para não servir outra vez de suporte para outras vidas. Esquecera de viver a sua.

Juan havia morrido, ironicamente pelas mãos de Hanna. Logo ela, que era olhada como uma espécie de ser inexistente para Juan. Defendia aquela mulher sem razão aparente porque simplesmente a amava. Penso que a morte veio até ele do jeito que sempre esperou, que sempre viveu: real e abruptamente. Sei que não suportaria envelhecer e ver a vida se esvaindo por entre os dedos. Não era do tipo que se conformava. Não tolerava as fraquezas mundanas e vivia se escondendo naquele buraco fétido para não ter de ficar dizendo todo o tempo para as pessoas o que pensava delas.

Não sabia por que Hanna ficava sempre por último. Chegara depois, talvez. Nunca pude enxergá-la exatamente como os outros. Foram tantas alucinações que me atormentaram. Portas foram abertas. Relações surgiram pela simples existência dela. Assisti a tudo, mas nada fiz. Agora ela era apenas um patético número, respondendo chamada, caminhando direto para o fim. Talvez acabasse morrendo antes, como ela mesmo achava que sim. Hanna já estava morta há muito tempo. Eu fui um dos que a matou. Retirei uma a uma as suas últimas esperanças. Contudo não havia ódio em seus olhos, na última vez que a vi, apenas uma grande e estúpida indiferença.

Era uma dor que se alojava na boca do estômago. Estava enjoado. Aquela sala de paredes caiadas parecia toda a minha vida.

Havia uma luz, que vinha da janela de grades. Uma luz difusa. No meio da sala, a mesa. Duas cadeiras. Através da vidraça, debruçada sobre a mesa, eu vi Hanna. Espécie de ornamento num quadro surrealista. Talvez aquele fosse o momento perfeito para uma grande explosão. Uma que pudesse arrebentar aquelas grades. Jogar para o alto toda aquela sujeira. Purificar a raça das aberrações impensadas. Onde estavam, afinal, os culpados? Vi resumido o momento numa ânsia de vômito. Estávamos condenados a atos semelhantes. Hernandez sucumbiria de inanição. André mataria Dolores, vitimada por algum ato passional. Michele viraria um grande pássaro, voando para a Eternidade. E quanto a mim? Até aquele instante não encontrara coisa alguma que me mostrasse a saída. Eu era como os outros. Uma grande massa amorfa jogada naquele redemoinho. Mergulhando e emergindo a procura de ar para poder sobreviver. Era puxado mais e mais para o fundo. Fraquejava. Algumas vezes me vinham forças e sobravam momentos de sanidade. A luz apenas servia para demonstrar que o ocaso estava próximo. Talvez fossemos os únicos no mundo. A Humanidade inteira se banhava em felicidade e apenas nós estávamos morrendo aos poucos. Poderia ser um complô para acabar com cada um de nós. Quem sabe fossemos nós a doença infecta que precisava ser combatida e eliminada? Abandonei Hanna pela segunda vez. Não me senti acovardado. A dignidade estava no fim.

Capítulo XXVIII

Meus olhos ardiam quando surgi na porta e ela caminhou em minha direção. Sentamos um frente ao outro, como se fossemos realizar algum jogo qualquer. Deixei que falasse:

- Por que você veio? - Seu olhar era de pedra.
- Queria te ver.

Talvez fosse essa a razão, mas não sabia. Pensei que nesse tipo de encontro o início da conversa é sempre difícil.

- Quando você soube? - Outra pergunta sem expressão.

- Ontem à tarde. Quase no mesmo instante em que tudo aconteceu. Uma edição extraordinária interrompeu a programação da rádio. Disseram o teu nome. Fiquei paralisado. - Senti que queria abraçá-la e depois sair correndo dali.

- E os outros? Já sabem também? - Falou sem me olhar.

- Sim, todos. Acabávamos de chegar do cemitério. Dolores não estava bem e resolvemos ficar juntos caso precisássemos uns dos outros. Eram os nervos, claro. Você sabe como ela é sensível, e depois do aborto tudo piorou. Agora está bem.

Hanna me olhou com um ar de pena quando eu falara da gravidez. Não prestei atenção, a hora era outra. Queria perguntar por que ela havia feito aquilo. Por que matara Juan? Por que se entregara depois do atentado? Fiquei calado.

Hanna olhou as mãos que estavam espalmadas sobre a mesa.

- Eu não sabia. - Apertou suas mãos nas minhas. - Acredita, é verdade. Muitas vezes pensava que um de vocês poderia estar lá,

naquele momento. Mas era mais forte do que eu. Tinha de ser feito. Estava além das minhas forças.

- Como foi que você se meteu nisso? De que maneira?

Finalmente havia tomado coragem de perguntar algo direto, vencido talvez pela curiosidade, pelas perguntas sem respostas, e pela raiva que eu sentia de tudo.

- Entrei para a Organização meio sem querer. Uma noite eu estava num bar com um amigo. Bebemos muito. Quando saímos, já de madrugada, ele me levou a uma casa dizendo que iria me revelar um grande segredo, mas que confiava em mim. Era um prédio meio isolado, subimos ao sótão. Havia uma mesa, alguns mapas mostrando lugares que o grupo atacaria e instrumentos para fabricar bombas. Em princípio fiquei apavorada, fiz menção de sair correndo. Ele me segurou pelos ombros, me sacudiu e percebi que a bebedeira havia passado. Disse, olhando bem no fundo dos meus olhos, que agora o mal estava feito, eu já sabia de tudo. Deu-me duas escolhas: ou eu entrava para o grupo ou ele teria de me matar. Chorei, fiquei apavorada e fui forçada a participar das ações.

- Quem era o sujeito que te levou lá, nesse lugar? - Perguntei com um pouco de raiva na voz.

- Agora posso dizer, foi um amigo chamado Lerin, Lerin Troitiño. Eu não sabia que ele era do Grupo, não fazia a mínima ideia. Conhecia-o há alguns anos, e nos encontrávamos apenas em bares, festas, com um montão de gente junta, nunca sozinhos. Mas, nessa noite, ele estava lá, bebendo com uns amigos e me convidou para sentar com eles. Muita conversa, umas coisas que eu não entendia. Riam muito e falavam numa espécie de código.

- Sim, e depois? - A curiosidade me empurrava às perguntas.

- O tempo foi passando, o bar ficando vazio, até que restou ele e eu na mesa. Eu já estava bem alta e insisti para ele me dizer o

que significavam aquelas palavras sem sentido, aqueles gestos esquisitos, e os números.

- E ele?

- Estava bêbado também, arrastando a língua. Pôs a boca no meu ouvido e sussurrou para eu segui-lo e me levou lá. O resto você já sabe. Depois eu soube que o sujeito era membro do Comando Madri pertencente ao ETA. Vou entregá-lo. Chega de mortes.

- Pode ser muito perigoso. Você sabe no que vai se meter? – Incrível eu ainda tentar preservá-la. Não sabia nem por que fazia isso.

- Sim, eu sei. Eu já me meti, aliás. Nada vai me salvar. E tem outro. O grandão, o chefe da porcaria toda. Vou denunciá-lo também. Está escondido em Barcelona e se chama Ignacio Chaos.

Eu olhava aquela mulher falando e parecia que estava ouvindo uma estranha me contar coisas da vida dela que não me diziam respeito. Coisas que tinham feito parte do seu dia a dia e que me pareciam flashes de um filme policial e eu assistia tudo em 3D. Como é que eu havia chegado até aquele ponto? Que rumo a minha vida havia tomado que me fizera anexar personagens a ela sem a minha permissão? Perguntei:

- Mas você não pensou que o que fazia era muito maior do que a tua própria vida? Que motivos você tinha além da tua própria preservação?

- No início nenhum. Mas depois, passou a ser tudo. Tinha todos os motivos, os que eu sabia e aqueles que eu não conseguia entender. Você não sabe, jamais vai saber. Podia ser até que as minhas razões não fossem as mesmas razões do ETA, mas eu conseguia me ver fazendo parte, entende? Era algo meu, se tornou um vício. O medo de um de vocês ser morto ao acaso existia, mas não parecia real. As probabilidades eram mínimas.

Havia em seus olhos um distanciamento, como se ela se afastasse da mesa e pronunciasse as palavras das alturas. Talvez não fosse ela ali, naquele momento, mas apenas um membro da Organização expondo as razões verdadeiras. Então eu disse:

- E nós não te bastávamos? Não estávamos sempre juntos nos apoiando, conversando, nos amparando? - Perguntei, mas no fundo eu sabia que nada daquilo era suficiente. Éramos insatisfeitos.

- Não me faça rir. Que tipo de amparo você me deu quando te procurava? Quantas vezes esperei atitudes que não vieram? Nem prá cama você queria ir comigo. Sentia que era desejada, mas você virava as costas e ia embora. Se tivesse feito apenas isso, talvez eu não estivesse aqui, nós não estivéssemos aqui e Juan não teria morrido, pelo menos pelas minhas mãos. Aquela vez, a única vez que você dormiu comigo foi embora sem nem mesmo se despedir, como um fantasma, como se não tivesse existido, um sonho. Muitas vezes te achava um covarde, outras, te perdoava, tentando te compreender, coisa que nunca consegui.

Tudo isso era justo. Suas razões eram muitas e verdadeiras. Mas nada justificava a morte, o assassinato covarde de pessoas que não podem ver o inimigo. Se covardia existia em mim, ali se manifestava no seu mais alto grau. Ignorei suas palavras e disse:

- Quando soube da morte dele me deu vontade de te estrangular com as minhas próprias mãos. Era o que você merecia. Hoje não sei mais.

Minhas mãos estavam caídas ao longo do corpo. Hanna mirou o vazio e murmurou, como se falasse consigo mesma:

- Penso que pode estar aqui o que procuro. O ponto final dos descaminhos. Vou ficar aqui para sempre. Talvez me matem. A ajuda que tanto esperei pode estar dentro dessas paredes nuas, nessas carcereiras sem rostos. O preço talvez seja alto demais. Mas agora tenho de ir até o fim.

Vi que ela não sabia chorar.

Aquela mulher era para mim a chave do Universo. Contraía-se em sua própria dor. Sofria arrependida por perder aquele amigo querido, mas se deleitava pela missão cumprida. Os desejos se satisfaziam e se transformavam em sangue. Ela chorava por dentro, mas olharia por sobre o muro se pudesse ver além da linha do seu próprio horizonte. Reunia nas lágrimas secas as fraquezas e os medos ao mesmo tempo em que aplaudia o ato de coragem, por este ser maior do que a sua própria insignificância. Hanna era Hernandez, Dolores, André, Celine, Michele, Juan. Ela era eu. Era todos nós.

Procurei dizer mais alguma coisa que no fundo lhe desse ainda um pouco de esperança, ou me compensasse pela covardia de não tentar ver o que ela insistia em me mostrar. As palavras não saíam e minha mente se esvaziava diante daquela situação quase bizarra. De repente o guarda fez sinal dando a entender que o tempo havia acabado. Desfigurada e pálida Hanna se levantou lentamente, baixou os olhos e sem me olhar me acarinhou as mãos que estavam inertes por sobre a mesa, virou as costas e sem olhar para trás se foi, deixando no ar aquele perfume que tantas vezes perturbou meu sono pelas madrugadas. Nunca mais a vi.

Capítulo XXIX

Tentei não ser como os outros. Quando vim para Madri eu tinha uma esperança. Estava doente e não percebi. A cidade me recebeu de braços abertos, mas não levantei um dedo sequer, nem um mísero olhar eu lhe dei. Agora ela estava cansada. Eu não era mais nada por aquelas ruas e avenidas. Comportei-me como um bastardo, fui expulso como tal. Em que ponto do caminho Michele percebera que eu estava morrendo? As fraquezas estavam à flor da pele e eu não pude vê-las?

É, como seria bem-vinda outra bebedeira. Que propriedade maravilhosa o embotamento do cérebro. Tudo é tão perfeito. As pessoas são tão bonitas. Tudo o que dizem soa como se fosse melodias ao luar. Se nos ofendem, sorrimos. Palavras sórdidas se tornam grandes piadas inocentes. O álcool é o néctar dos deuses. Eram os deuses desprovidos de desilusões? É como se flutuassem sobre a sujeira do mundo.

Celine me encheu os olhos de beleza e perguntou se eu queria outro café. Respondi que não. Senti que a hora havia chegado. Despeço-me com um lento olhar de adeus. Começo de onde estou, passando pelas mesas à frente e voando por sobre o balcão onde Celine enxugava alguns copos, pousando na janela, suavemente. A noite caíra e nem notara. Alguns fregueses entraram. Estavam rindo e falando alto. Vi que ainda havia vida lá fora. A Estação de Atocha era perto, iria a pé. Procurei Celine: estava falando com um freguês. Saio sem dizer adeus.

Saí do bar bem devagar, tentando sentir pela derradeira vez os meus passos por entre as mesas, relanceando cenas, vozes e gestos. Os fregueses eram, na maioria, os mesmos. Todas as noites sentavam com alguém diferente, encenavam novas palavras, e acabavam contando as mesmas coisas sobre si mesmos. Do que

gostavam, o que faziam, que planos pretendiam seguir, que sonhos perseguiam e que já estavam a ponto de realizar. Por segundos vieram à mente outros botecos iguais àquele, que eu conhecera espalhados por muitas esquinas, mas sabia que não acharia ninguém que tivesse as respostas, embora soubesse que as incertezas fossem as mesmas.

Parei à porta e enchi os pulmões de um ar gelado que me amorteceu por dentro. Tranquei a respiração, segurei por um momento e expeli devagar, era a limpeza do dia. Acendi um cigarro e me deixei embriagar pela demora em abandonar Celine e aqueles fantasmas que me acompanharam por algum tempo. A noite é fria e sem vento. Uma noite madrilenas. Movi-me lentamente, já que dispunha de cerca de duas horas até meu trem partir. Notei que estava passando pela Puerta del Sol, caminharia pela Plaza Benavente até a estação. Os meus últimos vinte minutos em Madri. Sabia que poderia ter vivido mais, mas tudo agora se fazia inútil. Quando se vira as costas para alguma coisa, sempre os olhos fixam um outro ponto. Meu horizonte era a Itália, ou talvez a Grécia. Talvez lá estivesse a segunda página do meu futuro livro. Talvez lá estivesse um inverno menos frio. E talvez Michele..., quem saberia?

Capítulo XXX

Sentei-me na cabine do trem, estava só. Corri a porta e me deixei escorregar para cima da poltrona que, conjugada com outras, formava uma espécie de sofá. Recostei-me junto à janela, e me permiti, por alguns instantes, esvaziar minha mente de qualquer pensamento. Deixei meu corpo se acostumar àquele silêncio e à suavidade do tecido que cobria meu assento. Minutos sem importância, mas que não nos damos conta de que são esses pequenos intervalos que nos permitem continuar sem sermos carregados pelo redemoinho da vida. Olhei o movimento das pessoas na plataforma. Olhei para dentro de mim mesmo. Impossível viver sem isso. Imaginei que aquela cabine fosse um confessionário, já que sou católico por educação e talvez por uma certa convicção, na falta de algo melhor. Posso então me perguntar o que aprendi e que lições tirei com tudo o que passou por mim nos últimos meses. Sorrio internamente, e me respondo que não sei exatamente o que dizer. Aprendi sim que nada é tão simples como parece, e que esse ente animado, chamado ser humano, que raciocina e age, muitas vezes feito um louco demente, é indefinível em si mesmo. Lembro de Maugham, um escritor que viveu muitas vidas numa só, que passou as mais variadas experiências com todos os tipos, da ralé à alta sociedade. Era um egoísta, se preocupando apenas com os pecados dos outros somente quando estes o afetavam, não se importando com o resto. Mas, apesar de tudo, uma única frase resumiria toda essa aventura por que passei. Maugham perguntaria quem seria capaz de penetrar nas sutilezas do coração dos homens e responderia quase ao mesmo tempo: certamente não seriam aqueles que esperam descobrir neles só sentimentos decorosos e emoções normais.

O trem começou a mover-se, acelerando mais e mais. O ranger dos trilhos, uma nova história. Pensei no terrorismo. Sentia nas entranhas algo latente. O grito que não dera em momento algum. O grito que se perdera no fundo da garganta, nas eternas garrafas, nos sonhos atormentados, no acordar de olhos arregalados, no olhar perdido, na desistência do momento, na fuga. Poderia ser apenas um grito de dor, espontâneo, como fazem os animais...

FIM



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

[Catálogo do Projeto Passo Fundo](http://www.projetopassofundo.com.br)
www.projetopassofundo.com.br



Álvaro de Souza Gomes
Neto

- Mestre e Doutor em
História

Ibero-americana.

Estudou no Instituto
de História Argentina y
Americana "Dr. Emílio
Ravignani»

e na Universidade
Clássica de Lisboa.

Possui vários artigos
publicados sobre
escravidão na
Argentina e no Brasil.

Docente no ensino
superior, lecionou
em diversas
universidades, centros
universitários e
faculdades nos estado
s de Santa Catarina e
Rio Grande do Sul.

O livro conta a história de um escritor francês que vai para Madri escrever sobre as contradições humanas e acaba descobrindo que, antes de tudo, precisa se conhecer primeiro antes de escrever sobre os outros. Como pano de fundo aparece o Grupo Separatista ETA, aterrorizando as vidas dos cinco personagens que fazem parte do enredo. Um romance Existencialista, bem típico dos anos 50 e 60. Boa leitura.

○ autor.

ISBN 978-858326091-2



Portal

Domínio Público
Biblioteca digital desenvolvida em software livre



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura